



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO

O CORPO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR DE ESPORTE

Recife
2011

ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO

O CORPO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR DE ESPORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação

Orientadora: Prof^a. Dra. Laêda Bezerra Machado

Recife
2011

Lindoso, Rosângela Cely Branco

O corpo nas representações sociais do professor de esporte
/ Rosângela Cely Branco Lindoso. – Recife: O Autor, 2011.
121 f. : il. ; quad.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laêda Bezerra Machado

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Pernambuco, CE, Programa de Pós-Graduação em Educação,
2011.

Inclui Bibliografia e Anexos.

1. Educação Física - Professores 2.
Representações Sociais 3. Software EVOC 4. Esporte I.
Machado, Laêda Bezerra (Orientadora) II. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O CORPO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR DE ESPORTE

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Laêda Bezerra Machado
1^a Examinadora/Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Livia Tenório Brasileiro
2^a Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Lícia de Souza Leão Maia
3^a Examinadora

RECIFE, 21 de março de 2011.

A

Deus,

Minha família,

Professora Laêda,

Professores colaboradores deste estudo...

Com toda minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho

a meus pais Eólo, *in memória*, e Lúcia por terem me ensinado através do seu exemplo como ser melhor a cada dia, respeitando, ajudando e amando;

a meu marido Waldeck, amor da vida inteira, e filhos Waldeck Junior e Carolina, pela oportunidade de conviver com base no bem querer; à minha neta Gabriela, quanto bem que quero a ela, flor do meu coração;

às irmãs e amigas Carmem, Vera, Paula, Aninha, Livia e Kátia pela nossa caminhada, e sobrinhas Marcella, Raíssa, Mariana, Marina e Júlia, e ao sobrinho Tiberinho;

às amigas de fé, Daise, Laurecy, Ana Lucia, Ana Cristina, Virgínia, Valéria, Fatinha e Graça, pela nossa convivência toda feita de carinho sincronizando o caminho que por ele caminhei, e em especial ao amigo Alexandre.

Já que sincronizei, trago as alunas queridas extensivo a pais e mães, na amizade construída ao redor da piscina, Lú, Simone Ítala, Bela, Tati, Yone, Manú, Mari, Lígia, Lara, Alana, Duda, Camila, Taisinha, Rafa, Rapha, Lins e Toscano, Poli, Marina e Juju, Talita e Tatyana, Ruana, Quantos momentos bons! Das idades avançadas Joana do Pé, de Tantino, Terezinha, Dulce, Maria do Carmo, Luziana, Cordelita, elas estão sincronizadas no meu coração, extensivo a todas as alunas e alunos,

à Irmã Edith, extensivo a todas as irmãs pelo carinho e compreensão para a conclusão deste estudo,

a todos os colaboradores desta pesquisa,

ao ETNÓS,

ao grupo de estudos com a professora Laêda pelas tardes de aprendizado.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as representações sociais de corpo partilhadas por professores de esporte que atuam em escolas públicas e privadas de Recife-PE. O interesse para realização deste estudo decorre de questionamentos acumulados como professora de Educação Física e Esportes, atividade em que o corpo é protagonista, centro do fazer pedagógico. Procuramos, além de identificar as representações, compará-las no grupo pesquisado observando variáveis como faixa etária, rede de ensino, formação continuada e gênero. Utilizamos como referencial a Teoria das Representações Sociais pela possibilidade que nos oferece de compreender a dimensão simbólica que envolve os objetos. Os participantes da pesquisa são 95 professores de educação física e esporte. Os espaços principais para coleta dos dados foram os congressos técnicos para os jogos escolares de Pernambuco, complementados com visita às escolas. Os dados foram coletados através da aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras. Por meio deste teste os professores evocavam cinco palavras que viessem imediatamente à lembrança mediante a apresentação da palavra indutora: *corpo*. Em seguida, escolhiam a palavra mais importante, dentre as evocadas e justificavam a escolha. As evocações foram processadas e analisadas através do *software* EVOC. Dos resultados do processamento chegamos ao quadro de quatro casas. No primeiro quadrante, localiza-se o provável núcleo central das representações sociais de corpo por professores de esporte apresentado através das palavras: expressão, movimento e saúde. Na primeira periferia, encontramos a palavra força. Na zona de contraste encontramos atividade física, equilíbrio, cultura, estética e liberdade, e na segunda periferia localizam-se os termos beleza, comunicação, coordenação, cuidado, esporte, flexibilidade, performance e vida. As palavras consideradas mais importantes e suas respectivas justificativas também foram objeto de análise. Os resultados apontaram uma oscilação do conteúdo das representações sociais, por um lado, ligada a uma perspectiva biológico/motora e por outro, associada à cultural/expressão. Embora pareça contraditório, os professores de esporte buscam articular as duas vertentes. Os resultados apontam para um processo de transição entre o corpo numa perspectiva tradicional, focada na dimensão biológica, aliado a um processo de atualização que compreende o corpo como objeto multidisciplinar e polissêmico. Chamamos atenção para que essas representações sociais não sejam desconsideradas no processo formativo e nas práticas desses docentes.

Palavras-chave: Corpo; Professores; Educação Física; Esporte; Representações Sociais.

ABSTRACT

This research aimed to comprehend the social representations of body shared by sport teachers who work in public and private schools in Recife-PE. The interest for this study stems from questions accumulated as a teacher of Physical Education and Sports, an activity in which the body is the protagonist, the center of the pedagogical. We tried, besides identification the representations, compare them in this group observing variables such as age, type of school, continuing education and gender. We used as referential the Theory of Social Representations for the possibility it offers us to understand the symbolic dimension that involves the objects. The participants of the research are 95 teachers of physical education and sport. The main areas for data collection were the technical conferences for school games of Pernambuco, supplemented with visits to schools. Data were collected through the application of the Test of Free Association of Words. Through this test, teachers evoked five words that came to mind upon presentation of the inducing word: body. Then chose the most important word, among those mentioned, and justified the choice. The evocations were processed and analyzed using the software EVOC. From processing results, we obtained a chart of four spaces. In the first quadrant, lies the probable core of social representations of the body for sport teachers presented through the words: expression, movement and health. In the first periphery, we find the word strength. In the contrast area, we find physical activity, balance, culture, aesthetics and freedom. And in the second periphery, we find the terms beauty, communication, coordination, care, sport, flexibility, performance and life. The words considered more important and their justifications were also analyzed. The results showed a swing of the content of social representations, on the one hand, connected to a biological/motor perspective and, on the other hand, associated with the cultural / expression. Although it seems contradictory, the sport teachers seek to articulate both of them. The results indicate a transition from the body in a traditional perspective, focusing on the biological dimension, coupled with an upgrade process that understands the body as object multidisciplinary and polysemic. We call attention to these social representations are not overlooked in the training and practices of these teachers.

Keywords: Body; Teachers; Physical Education; Sport; Social Representations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Faixa Etária dos participantes	66
Quadro 2 – Distribuição dos participantes por gênero.....	67
Quadro 3 – Faixa etária e gênero dos participantes	67
Quadro 4 – Nível de formação dos participantes.....	68
Quadro 5 – Redes de ensino em que os participantes atuam	69
Quadro 6 – Tempo de atuação dos participantes como professores de esporte	69
Quadro 7 – Modalidade Esportiva em que os professores atuam	70
Quadro 8 – Conteúdo geral e possível estrutura das representações sociais do “corpo” entre professores	72
Quadro 9 – Agrupamento das palavras evocadas segundo as tendências de corpo Biológico/Motor e o corpo Cultura/Expressão	93
Quadro 10 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Saúde	96
Quadro 11 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Movimento	97
Quadro 12 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Expressão	98
Quadro 13 – Evocação dos professores por Rede de Ensino palavra Expressão	99
Quadro 14 – Evocação dos professores por Rede de Ensino palavra Movimento ...	99
Quadro 15 – Evocação dos professores por Rede de Ensino à palavra: Saúde	100
Quadro 16 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Expressão	101
Quadro 17 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Movimento	101
Quadro 18 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Saúde .	102
Quadro 19 – Evocação dos professores por gênero palavra Expressão	103
Quadro 20 – Evocação dos professores por Gênero palavra Movimento	103
Quadro 21 – Evocação dos professores por gênero palavra Saúde.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS

ABE – Associação Brasileira de Educação

CBCE - Colégio Brasileiro da Ciência do Esporte

DEF - Divisão de Educação Física

ECAM – Escola Cândida de Andrade Maciel

EDMTC - Escola Dona Maria Tereza Corrêa

EVOC - *Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations*

GR - Ginástica rítmica

GRE – Gerências Regionais de Escolas

IBGM – Instituto Brasileiro de Gestão e Marketing

IFPE - Instituto Federal de Pernambuco

IPEA - Instituto de Pesquisas Educacionais

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

MF - Média das frequências

MOME - Média das ordens de evocação

MOMI - Média das ordens de importância

OEM - Ordem de evocação média

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

RS - Rio Grande do Sul

RBCE - Revista Brasileira de Ciências do Esporte

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFSP - Universidade Federal de São Paulo

UGF - Universidade Gama Filho

UNB - Universidade de Brasília

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

UPE - Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
OBJETIVOS.....	22
CAPÍTULO 1 CORPO, ESPORTE E ESCOLA	23
1.1 Origem do Esporte Moderno	25
1.2 Esporte na escola brasileira	32
1.3 O corpo nos estudos e pesquisas mais recentes	38
1.4 O corpo como objeto de Representação Social na perspectiva de Jodelet	45
CAPÍTULO 2 SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	47
2.1 As Representações Sociais: origem e evolução	47
2.2 A Abordagem Estrutural das Representações Sociais	52
CAPÍTULO 3 METODOLOGIA.....	57
3.1 Procedimento de coleta: Associação Livre de Palavras	58
3.2 Procedimento de análise das Evocações Livres: construção do Quadro de Quatro Casas.....	63
3.3 Caracterização do grupo pesquisado	66
CAPÍTULO 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
4.1 Análise dos Dados	71
4.2 Explorando o conteúdo das Evocações do suposto Núcleo Central.....	72
4.3 Discutindo as Evocações da Primeira Periferia	83
4.4 Explorando as Evocações da zona de contraste	84
4.5 Explorando as Evocações da segunda periferia	88
4.6 Comparando as evocações presentes no possível núcleo central a partir de diferentes variáveis	95
CONSIDERAÇÕES	105
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS.....	120

INTRODUÇÃO

Foi o trabalho como professora de Educação Física que nos mobilizou para a realização deste estudo. A década de 80 do século passado - época de conclusão do curso de graduação - caracterizou-se como o período da redemocratização do país e nesse período sucessivas mudanças aconteceram também no âmbito da Educação Física, constituindo-se, conforme Coletivo de Autores (1992), como o auge de uma crise de paradigmas na área.

Até aquele período o profissional de Educação Física, ao concluir o curso, sabia exatamente o que iria fazer: trabalhar Educação Física e esporte na escola pautado no que estabelecia o Decreto nº 69.450/71. Este decreto instituído no período da ditadura militar concebia a Educação Física como uma “atividade escolar, que por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora a força física, moral, cívica, psíquica e social do educando”¹. No intuito de preparar os corpos que defenderiam a pátria da ameaça comunista, como se percebe, o enfoque era predominante fisiológico e técnico.

Foi a partir daquela década de 80 que questões relacionadas ao corpo, cultura e formação começaram a despontar no âmbito da Educação Física; é quando surgem grupos de estudo na área e novas tendências começam a aparecer nesse campo com outros enfoques, constituindo outras tendências para o campo. As principais tendências que se consolidam no campo da Educação Física nessa década e vão influenciar na construção das representações de corpo são: Psicomotora, Construtivista, Desenvolvimentista, Crítico-Superadora e Crítico-Emancipadora. A seguir comentamos brevemente cada uma.

Para Soares (1996), essa perspectiva inovadora onde começa a despontar a Psicomotricidade inaugura uma nova fase que extrapola os limites biológicos de rendimento corporal com ênfase na abordagem psicológica do francês Jean Le Boulch (1986). Este autor afirma: “A corrente educativa em psicomotricidade tem nascido das insuficiências na educação física que não teve condições de corresponder às necessidades de uma educação real do corpo” (1986, p. 23).

¹ A Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 revogou as leis nº 4.024/61, nº 5.540/68, nº 5.692/71 e o Decreto nº 69.450/71. Os resultados das concepções embutidas neste decreto todos nós já conhecemos bem, uma Educação Física voltada para a questão da aptidão física, excluindo as diferenças e incentivando a discriminação.

A citação acima evidencia a busca por uma formação integral, influenciada pela perspectiva construtivista; esta tendência faz parte dos movimentos renovadores da Educação Física, embora não avance nas questões históricas e sociais.

A tendência *Construtivista* valoriza a construção do conhecimento a partir da interação sujeito mundo. Com base nos conceitos piagetianos, o conhecimento é construído com esquemas de assimilação, acomodação e reorganização. Nesta tendência, no âmbito da Educação Física, destacamos a perspectiva de Freire (1989) que, partindo de uma visão de *educação do corpo inteiro*, teve grande importância ao considerar o conhecimento trazido pela criança. Especialista em brinquedos, o autor faz um resgate cultural de jogos e brincadeiras desenvolvidos pelos alunos. Nessa tendência, o jogo tem papel privilegiado como conteúdo, estratégia e instrumento pedagógico que permite ao sujeito aprender mediante resolução de problemas e interação com o meio.

A tendência *Desenvolvimentista* pode ser destacada através dos estudos de Tani (1987) e Manoel (1994). Eles fundamentam os processos de aprendizagem e desenvolvimento do corpo, focalizando as habilidades motoras articuladas demais às habilidades do sujeito. Nessa tendência, localizamos Darido (2001) e seu conceito de *Jogos Cooperativos*, assim como Brotto (1995), baseado em Brown (1994). Estes autores se contrapõem à atividade corporal como meramente competitiva e adotam concepção mais humanizada do jogo. Defendem a cooperação, pela responsabilidade pedagógica com a formação de sujeitos cooperativos, solidários e criativos, através da vivência destes jogos. Embora esta proposta tenha bastante relevância, a falta de aprofundamento nas análises de corpo fundamentadas na sociologia e filosofia, bem como a consolidação do sistema capitalista, fizeram com que essa tendência não tivesse o avanço desejado.

A *Saúde Renovada* é outra tendência apresentada pela autora, baseada em Nahas (1997) e Guedes e Guedes (1996) com ênfase no corpo biológico abordando as temáticas saúde e qualidade de vida. Estes últimos autores estão respaldados em estudos americanos, que apontam que atividades físicas realizadas na infância e adolescência auxiliam na construção de estilo de vida sadio e ativo na idade adulta.

Com apoio nas discussões da área educacional, na tentativa de uma cisão com o modelo hegemônico do esporte e aptidão física predominante na educação

física, surgem as propostas críticas da década de 80. Essas tendências propõem a superação de um modelo alienante contraditório ao qual a educação física estava vinculada para um modelo comprometido com transformações políticas e sociais. O intuito é superar as desigualdades sociais. As propostas críticas se desdobram em: crítico-superadora e crítico-emancipadora.

Um grupo de profissionais ligados à tendência crítico-superadora, a pedido da editora Cortez, elaborou um livro que, devido ao seu conteúdo foi apontado como ferramenta importante para o trabalho do professor de Educação Física. Esse livro teve grande influência nas mudanças ocorridas na área, trata-se do Coletivo de Autores, publicado em 1992.

O livro surge a partir de experiências pedagógicas exitosas em vários contextos nos quais os governos, mais identificados com os princípios, tentam implementar novas políticas nos estados do Paraná, São Paulo e Pernambuco. Em Pernambuco, nos três mandatos do governo Arraes, a obra ganhou destaque por articular o grupo, estar aliada à discussão da Secretaria de Educação, às experiências acumuladas por um coletivo de professores da Rede Estadual de Ensino, à UFPE, além de ter sido influenciada por um grupo colaborador visitante da Alemanha. A obra fundamentou-se no materialismo histórico dialético, que situa historicamente o homem na realidade explicitando suas determinações.

Numa breve síntese, o livro está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado “A Educação Física no currículo Escolar: desenvolvimento da aptidão física ou reflexão sobre a cultura corporal”, há elementos teóricos que permitem uma distinção entre duas perspectivas da Educação Física: a aptidão física com foco no corpo biológico e a reflexão sobre a formação do ser integral social, histórico e biológico. No segundo capítulo intitulado “Educação Física Escolar: na direção de uma nova síntese” argumenta cientificamente numa perspectiva histórica conduzindo aos fundamentos médico, higienista, militar, tecnicista, esportivista, que têm legitimado a Educação Física brasileira na escola e a urgência em superar esses fundamentos. No terceiro capítulo intitulado “Metodologia do Ensino da Educação Física: a questão da organização do conhecimento e sua abordagem metodológica”, propõe formas de tratar os temas da cultura corporal de movimento; jogo, dança, ginástica, luta e esporte, no ensino fundamental e médio, onde se encontram o singular e o geral historicamente

construído, colocando experiências sistematizadas por professores da Rede Pública de diferentes escolas brasileiras, sugerindo a exploração de novas possibilidades partindo da realidade de cada escola. O quarto e último capítulos sobre “Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem em Educação Física” sugerem a superação da forma de avaliar, tendo como atribuição a indicação do distanciamento ou proximidade do eixo curricular, materializado na aprendizagem dos alunos direcionado ao projeto pedagógico.

Essa tendência considera a seleção dos conteúdos por sua relevância social e contemporaneidade, adequado às características sócio-cognitivas dos alunos, supera o etapismo, entende a educação física como uma disciplina que tem como objeto de conhecimento a cultura corporal tematizada em jogo, dança, esporte, ginástica e lutas.

A tendência crítico-emancipadora tem forte participação de Kunz (2006) ligado à Escola de Frankfurt. Essa tendência empreende uma crítica à tendência crítico-superadora. Preconiza que, ao ensinar esportes, devemos considerar as normas e valores dos alunos, propõe a superação de estruturas autoritárias por meio da linguagem que funciona como forma de expressão de entendimentos do mundo social. Quanto à metodologia de ensino propõe a descoberta pela experiência manipulativa, a manifestação pela linguagem ou representação cênica, e aprender a questionar o significado das aprendizagens.

Essas diferentes tendências associadas ao movimento e contexto histórico das décadas de 80 e 90 vão influenciar as prerrogativas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, no que se refere à Educação Física, ao afirmar:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa ao aluno (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º. 12.2003).

I - que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

II - maior de trinta anos de idade (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

III - que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

IV - amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969 (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

V - (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

VI - que tenha prole (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003).

Na atual lei, a Educação Física avança de uma atividade para um componente curricular, mas os incisos que excluía os corpos continuam os mesmos, os corpos dos trabalhadores, das mães, dos maiores de trinta anos, isso numa sociedade que está avançando nessas questões é contaditório, pois os motivos da exclusão dos corpos continuam os mesmos. Sua legitimação na escola estará condicionada à articulação e ao envolvimento do professor dessa disciplina com o Projeto Político Pedagógico da Escola, através dele se garantirá espaço para essa disciplina, de acordo com as necessidades da comunidade escolar. Cabe monitorar os supostos avanços dessa lei decorrentes da produção do conhecimento na área, do trabalhos dos profissionais, que propõem o redimensionamento da educação física escolar.

Esse panorama atual da educação física teve e tem significativas implicações para nossa formação e atuação. Nós profissionais recém graduados, oriundos desse processo de transição teórico-metodológico vivenciado na área, fomos instigados a construir nossa prática com base nessas novas demandas postas para o campo ou nos adaptar às práticas tradicionais já em crise. No nosso caso, optamos por reconstruir o campo entendendo que o novo vem da superação e modificação do velho quando, em nossa visão, suas respostas parecem se esgotar.

Assim como alguns outros profissionais que buscavam novos paradigmas para área, ingressamos na rede pública de ensino como professora de Educação Física e na rede privada como professora de natação formativa.

Por estarmos atentas ao que emergia no campo da Educação Física e acontecia na prática, percebemos que outra demanda se estabelecia ecoando das necessidades corporais da sociedade, como a hidroginástica, por exemplo. Essa prática que se dissemina justamente devido ao crescimento de uma parcela da população mais longeva precisava melhorar sua qualidade de vida e os exercícios na água eram recomendados porque poderiam facilitar essa melhoria. Como sabemos, a água oferece às pessoas segurança pela ausência de impactos e

demais benefícios da hidrodinâmica, o que permitia melhores resultados no trabalho realizado.

A motivação para a hidroginástica na terceira idade foi um estudo realizado por Lindoso (1997) e aponta como resultados que as práticas aquáticas estavam relacionadas à saúde e à qualidade de vida. Vale frisar que também se estabelecia uma relação corporal com a atividade física, numa parcela social que até então não costumava ocorrer.

O movimento faz parte do desenvolvimento humano, o corpo se encontra no centro desse processo, os conteúdos das aulas aprendidos pelas crianças, estimulam outras possibilidades de práticas aquáticas, o nado sincronizado se constituiu então como uma dessas possibilidades. Iniciamos então um trabalho pioneiro com o nado sincronizado no estado de Pernambuco, como forma de garantir às crianças uma prática diferenciada, uma vez que nos momentos recreativos, quer na praia ou nas piscinas, observávamos as crianças brincando com seus corpos na água de forma livre e prazerosa diferente das aulas. A prática do nado sincronizado vem da necessidade desses alunos assumirem outra postura no meio líquido, no sentido de possibilidades acrobáticas, uma vez que na natação os movimentos simulam o andar e as possibilidades giram em torno de qualidades físicas como velocidade e resistência, assim os “velocistas” teriam destaque (PALMER, 1990, p. 47-53).

Entendendo o esporte como uma construção social que pode ser reconstruída com o passar do tempo e o estudo, encontramos no próprio regulamento do nado sincronizado espaços para mudanças. Descobrimos que ele poderia incluir mais, ao invés de excluir. Por meio de alterações no regulamento do esporte, também poderia ensinar para outras pessoas aquilo que íamos aprendendo. Desse modo, o nado sincronizado em pouco tempo passou a ser recorde de participação no Nordeste. Como professora dessa modalidade esportiva, ampliamos os espaços de atuação para a “praia”, incluímos faixas etárias diversas, trabalho com “idosas” e um projeto com crianças da comunidade “Entra a Pulso”. Hoje, como frutos desse projeto têm participantes já graduadas e outras cursando a graduação em Educação Física.

Com o nosso trabalho tivemos oportunidade de aproximar nossas alunas do conhecimento mais atual no mundo, a seleção olímpica da Rússia, onde o trabalho foi destacado pela qualidade e criatividade, como também com as melhores atletas

do Brasil, as gêmeas Carolina e Isabela de Moraes, atletas da seleção brasileira. Esse intercâmbio com a seleção russa, percorrendo alguns estados do Brasil, resultou numa coreografia, onde a equipe russa faz uma homenagem ao Brasil, na olimpíada de Atenas representando o tema Carnaval, onde interpretam a melodia de Pagode Russo de João Silva, cujo interprete é Luís Gonzaga.

Com essa inovação, nosso trabalho cresceu tornando-se referência, ganhando prêmios, destaques em reportagens nacionais, certamente pela capacidade de trabalhar possibilidades inovando com o nado sincronizado, com outra população e em outros espaços que não fossem os tradicionais, o que foi dando visibilidade a essa modalidade esportiva no nosso estado e cenário nacional. Apesar de nossa intenção em princípio ter sido atender às necessidades das crianças e a modalidade em si apresentar aspectos como a beleza e plasticidade, acabamos logrando resultados significativos, chegando a representar o Brasil na Copa Pan Pacífico em 2006 no Chile.

Nossa prática esportiva, que se iniciou na escola, espaço maior em que se manifesta nosso compromisso educativo, foi ganhando visibilidade nacional e até internacional garantindo-lhe êxito e expressão. No entanto, a vitória não era o foco principal desse trabalho, mas fica claro que podemos alcançá-la através da construção e valorização humana. Os sucessos alcançados foram despertando outros interesses que tentavam nos desviar do compromisso com a educação institucionalizando aquela prática onde o foco é a vitória a qualquer custo, o que resulta em conflitos, contradições e ambiguidades, pois este “ganhar” muitas vezes pressupõe a transposição de limites éticos, morais e corporais.

As pressões são exercidas com a finalidade de perpetuar as práticas já comuns na escola e parte das instituições que têm essa incumbência, por sua vez, são reguladas pelas confederações, órgãos normativos e de controle das modalidades esportivas. Esse processo regulatório torna os professores reféns dessas instituições o que de certa forma garante que as práticas não mudem. Qualquer equipe que obtenha êxito acaba enquadrada nessa estrutura, até chegar à olimpíada. Com isso o professor vai, paulatinamente, sendo expropriado do próprio trabalho e com ele de seu corpo, à medida que faz o mesmo com o corpo de seus alunos. Pelos resultados alcançados, o mercado se apropria desses corpos.

Através de diferentes dispositivos, os esportivos são um exemplo em que concentramos nosso olhar, pois, o corpo é o elemento catalisador de ações destinadas à formulação de normas e regras direcionadas a disciplinar o indivíduo através de recursos tecnológicos, com economia de esforço e maior rendimento, em consonância com as ideias capitalistas de dominação rumo à produtividade. O corpo é regulado e corrigido por práticas educacionais que têm como regra o enquadramento do aluno para ser a cada dia aperfeiçoado e adestrado. A prática desportiva na escola constitui um campo aberto, onde o que se regula, desde os primeiros passos da aprendizagem, produz e molda indivíduos, fabricam imagens-modelos usando estratégias de avaliação focadas no rendimento, transformando este corpo numa máquina. Bourdieu (1990), referindo-se ao esporte, afirma:

talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, como todas as disciplinas totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, etc., ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar (p. 220).

Porém, existe outro ângulo, que consiste na autonomia do sujeito que tem clareza das possibilidades de mudança das regras e entendimento da técnica como ferramenta, e, numa imagem comparativa, esta ferramenta consiste em aumentar a possibilidade de se expressar, de se fazer entender. Quanto mais se domina esta linguagem, maior domínio de comunicação, sendo essa alfabetização corporal o que diferencia a execução de um corpo para outro. Isso não está somente ligado à técnica, mas também a algo endógeno entrelaçando corpo e técnica. No futebol vemos isto no domínio corpo, bola, espaço; na ginástica rítmica no domínio corpo, música, material, um conjunto harmônico onde tudo se liga, formando um todo. Observando esse corpo, que nos envolve ao assisti-lo, sentimos que ele está no centro do envolvimento que atrai. Entre o corpo regulado e o corpo que envolve está o questionamento que nos motiva para realização deste estudo: após quase três décadas de difusão desses novos referenciais questiona-se: quais as representações sociais de corpo dos professores de esporte? Responder a este questionamento constitui-se a razão deste estudo.

Como ferramenta, utilizamos a Teoria das Representações Sociais; ela nos permite levantar o conhecimento do grupo, de professores sobre o objeto *corpo*,

porque nela o sujeito não reproduz o objeto em sua atividade representativa, mas o reconstrói. Para Alves-Mazzotti (2000), nessa reconstrução ele se constitui como sujeito. Além disso, a teoria é um valioso aporte teórico à medida que nos possibilita compreender como o professor de esporte constrói sentidos de corpo, posto que essas representações pressupõem uma categorização construída a partir de elementos que circulam no ambiente sócio-cultural, elementos esses que favorecem a articulação sujeito e objeto e integram indivíduo e sociedade, estabelecendo um relacionamento que tem por base diversidade e pluralidade, sentidos que historicamente foram sendo construídos pelos sujeitos sociais.

O presente estudo teve como objetivo principal identificar o conteúdo de base das representações sociais de corpo de professores de esporte que atuam em escolas públicas e/ou privadas de Recife, buscando apreender nas evocações desses profissionais elementos indicadores dessas representações. A seguir, trazemos um panorama geral de organização do nosso texto.

No primeiro capítulo, situamos o nosso objeto de pesquisa, focalizando as categorias teóricas Corpo e Esporte na Escola. Destacamos como a ciência através de estudos percebe este corpo e suas relações com o contexto social, político e econômico, cria métodos e técnicas baseados em leis biológicas para submetê-lo às necessidades deste contexto, além do surgimento das escolas de ginástica e a partir delas o esporte. Ressaltamos que, apesar de existirem manifestações da cultura corporal, anterior a esse período, só a partir da queda do feudalismo, ascensão da burguesia e início do período industrial, quando a população enfraquecida era vitimada pelas epidemias, o corpo passa a ser objeto de interesse tendo esses estudos baseados nas ciências naturais. Com seu berço na Escola de Rugby, é traçado por meio da educação o processo pelo qual o corpo assume a lógica do progresso que é a lógica industrial, chegando às escolas brasileiras como uma cópia deste estilo de vida que se afirmava. Completamos este capítulo trazendo um breve estado da pesquisa sobre o tema tomando como referência um periódico renomado na área, a Revista Brasileira da Ciência do Esporte.

No segundo capítulo tratamos sobre a Teoria das Representações Sociais como referencial para estudar o corpo, bem como a abordagem estrutural ou Teoria do Núcleo Central, um desdobramento da grande teoria, idealizada por Moscovici em 1961. Neste capítulo apresentamos os seus conceitos básicos, processos de

construção, abordagem estrutural, caracterizando o núcleo central e os elementos periféricos de uma representação, além de salientar seu valor e pertinência para o nosso estudo.

Os caminhos, opções, decisões e procedimentos metodológicos que constituíram o percurso deste estudo estão descritos no terceiro capítulo. Nele caracterizamos o campo empírico e sujeitos, instrumentos de coleta através da Associação Livre de Palavras e, para análise, a construção do Quadro de Quatro casas através do *Software* EVOC e procedimento de análise das justificativas dos participantes para as associações livres.

No quarto capítulo apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa. Neste capítulo nos detemos a apresentar o Quadro de Quatro Casas e analisar em cada um de seus quadrantes os elementos que os compõem e seus significados de modo a apreender o conteúdo geral da representação social de corpo para os professores de esporte.

Por fim, trazemos as considerações finais, espaço em que retomamos as inquietações que nos mobilizaram para a realização do trabalho, os resultados aos quais chegamos, bem como a análise de nossa produção, as possibilidades, os avanços e os limites do estudo.

OBJETIVOS

GERAL

Compreender as Representações Sociais de corpo partilhadas por professores de esporte que atuam em escolas públicas e privadas do Recife

ESPECÍFICOS

- Identificar o conteúdo geral das Representações Sociais de corpo construídas por professores de esporte;
- Comparar as Representações Sociais de corpo dos professores a partir das variáveis faixa etária, rede de ensino, formação continuada e gênero.

CAPÍTULO 1 CORPO, ESPORTE E ESCOLA

Corpo

A ciência ao investir sobre o corpo constata a sua fácil manipulação; aliando-se à burguesia investe neste sentido para obter dele adesão ao processo industrial, em nome das necessidades do corpo. A seguir traçamos um breve percurso de como se construiu esse processo.

A princípio as concepções de corpo assumem uma unidade do corpo consigo e com o mundo. Platão (427-347 a.C.), ao pensar a cidade ideal, atribuiu ao corpo importante papel. Em “A República” o corpo é utilizado como metáfora da organização social, de modo que o filósofo representa a cabeça, os agricultores o ventre e os guardas os pés dessa organização.

Na Idade Média, como em nenhum outro período, o corpo esteve diretamente relacionado à sociedade e ocupou um importante papel no conjunto de inúmeras metáforas, políticas, sociais e religiosas. O corpo aparece, paradoxalmente, como o coração da sociedade medieval e elemento crucial das tensões geradoras de dinâmica do Ocidente. Esta concepção se altera através da confrontação com as observações provenientes das dissecações anatômicas, com desenhos ilustrativos, a fim de investigar assassinatos, com a permissão legal e religiosa. Esse foi um esforço explicativo sem precedentes visando recolocar o corpo numa trama de significações coerentes, abrindo caminho iluminista para operar a divisão do corpo por órgãos, tecidos, com a invenção do microscópio, células, partículas e átomos.

A técnica empregada para produção deste conhecimento vem inaugurar uma percepção de corpo para além da experiência humana do vivido e também proveniente do arcabouço biológico próprio da espécie (SILVA, 2001, p. 12).

Conforme afirma Aristóteles (1987, p. 128), o corpo é a materialidade do ser no mundo. Em sua época já advertia que os costumes poderiam mudar as qualidades da alma e do corpo. Silva (2001) destaca que as concepções dualistas separando corpo e alma no cristianismo vão se somando à visão da ciência, separando corpo-mente em Descartes. Segundo a autora, para Descartes o mundo se transforma em um conjunto de objetos ofertados ao conhecimento humano através da pesquisa científica por meio da razão. O corpo assim é domínio das

ciências naturais, corpo é puramente corpo e a alma puramente alma. Princípio em que ciência e razão estão autorizadas como instituição, a conhecer e dominar o corpo, tarefa que se exacerba na atualidade.

Como percebemos, há nessa concepção uma separação entre o mundo do fenômeno e o mundo do ser, possibilitando que a ciência se ponha como autoridade, que ela passa a exercer; quando a realidade é reduzida à realidade física, se criam dois mundos, o mundo objetivo e outro subjetivo, interno. Em Descartes o mundo subjetivo é quem fundamenta o mundo objetivo, separando estes dois mundos, objetivo e subjetivo como se fossem duas entidades distintas.

No século XIX, ainda segundo Silva (2001), a ciência encontra no positivismo de Comte possibilidades de testar e observar nos moldes científicos, evitando a subjetividade por gerar variáveis e enganos idealistas. Fisiologistas e Patologistas utilizam-se da produção de Comte para demonstrar sua teoria, havendo uma consequente identificação da Medicina do Esporte no século XIX e a teoria positivista. Essa identificação vai possibilitar o estudo de diferentes técnicas e padrões, para determinar peso e volume corporal, fundamentados no princípio de Arquimedes. A composição corporal peso, idade fundados na linguagem médica irão consolidar a concepção estritamente biológica do corpo. Nessa perspectiva, submetido a um controle de qualidade, medido a partir de testes, frequências, curvas e diagramas milimétricos onde se é capaz, via ciência, de determinar o risco daquele que está sendo analisado, há uma objetivação do corpo, partindo de um simbolismo figurativo e iconográfico, traduzido no seu funcionamento.

Para Silva (2001), a geometrização do corpo resultado da racionalidade moderna faz com que o ser humano afaste-se de si mesmo. Neste sentido, aumentam as possibilidades da ciência de conhecer o corpo, identificado como altamente manipulável e dominável, facilitando uma expropriação do governo do corpo. Comenta ainda que o desenvolvimento da ciência substitui a causalidade religiosa pela causalidade física, o corpo restringe-se às ciências naturais, em especial, à medicina. Assim, constitui-se em objeto cada vez mais especializado, tal como define a divisão disciplinar do conhecimento moderno perdendo com isso aderência em relação à sociedade, progressivamente abandonada.

O corpo é mantido no domínio da natureza, mas uma natureza transformada, regulada por leis internas decifráveis como engrenagens de uma máquina, sujeitas à

investigação e à manipulação de suas partes constituindo-se num objeto aculturado, fragmenta corpo, sociedade e política que passam a ocupar espaços distintos, apesar de não perder totalmente a interrelação.

Essa fragmentação incide sobre a cultura, pois ela fundamenta todos os fenômenos do corpo; ao se criar vida diferente, transforma-se também o funcionamento orgânico. Através do corpo o homem se relaciona com a natureza, a Medicina do Esporte legitima a dominação, desconsidera o corpo humano como um fenômeno cultural, inclusive em sua fisiologia, altera e interfere através da ciência do treinamento de resistência, força, hipertrofia muscular, numa relação de opressão da natureza, alterando seu modo de ser.

O corpo, mesmo vinculado a muitas áreas do conhecimento humano, a abordagem biológica das ciências naturais predominante na modernidade transforma-o em objeto separado da cultura. No entanto, para Daólio (2007) qualquer abordagem que negue a dinâmica cultural inerente à condição humana irá se distanciar do processo de humanização.

Nas ciências sociais, a Antropologia é exceção à recusa do corpo no exclusivo domínio da biologia. Na perspectiva antropológica questões relacionadas à sexualidade, à saúde, à doença, à morte, entre outros estão submetidas a fatores culturais.

Esta tendência, que toma o corpo como objeto cultural, vem sendo difundida desde os anos 1980 no Brasil influenciando a formação e a atuação dos professores de educação física e esporte. Com base nesses avanços teóricos da área, esta nossa pesquisa procura compreender as representações sociais de corpo construídas por professores de esporte das escolas públicas e privadas de Recife-PE.

1.1 Origem do Esporte Moderno

Para Soares (2007), a crise do feudalismo, falta de unificação de algumas nações, preocupação com a saúde advinda das dificuldades em arregimentar tropas, tendo em vista a diminuição na estatura da população em virtude de sua debilidade física, impulsionaram o surgimento, em variadas regiões da Europa, de diferentes

abordagens da atividade física que receberão o nome de escolas ou “métodos ginásticos”.

Em resposta a essas necessidades da população, a ciência, através do discurso médico higienista, vê na Educação Física formas de fortalecer o corpo. A sistematização dos métodos ginásticos se espalhará pelo mundo com finalidades semelhantes, embora sem alterar as condições gerais de vida da população. Procurará desenvolver a vontade, a coragem, a força e a energia de viver. Para servir à pátria nas guerras, a indústria e o desenvolvimento moral, a sistematização desses métodos torna-se uma forma de intervenção nas tradições e costumes dos povos. A partir de um desses métodos ou escolas surge o esporte na escola inglesa.

Em incursão histórica sobre o tema, Vigarello *et al.* (2008) apontam manifestações que são o embrião do esporte, como festividades independentes do calendário que as instituíram com exercícios e prêmios oficializando os resultados e conservando desempenho e progressos. Os resultados se tornavam públicos através de uma tabela das velocidades do Anuário da República Francesa (ano IX), acompanhado de um relatório público. Pela primeira vez, desempenhos corporais figuram em tabelas escalonadas, onde números eram fixados, podendo ser atingidos ou ultrapassados. As competições culminaram com a criação de um programa, transpondo os jogos tradicionais, não se constituindo ainda em treinamento.

A modificação deste movimento impondo regras à nova prática corporal, regulando a violência, técnicas de ginástica, cálculo dos espaços e tempos, a cobrança das medidas, são evidências do surgimento de outro universo do gesto e do desempenho. Influenciado pelo trabalho, o exercício se torna um trabalho corporal, ou seja, atividade corporal precisamente codificada cujos movimentos são geometrizados e os resultados calculados, parcialmente. Na visão de Vigarello *et al.* (2008), os jogos tradicionais não desaparecem, permanecendo nas práticas corporais do século XIX; como afirmam, as práticas corporais baseadas em destreza e força bruta ainda são a tônica desta época. O gesto em forma e intensidade é repensado deslocando códigos e exigências.

Posteriormente, em 1820, as festividades são proibidas pelo prefeito de Tours, por incentivarem a desordem e o laxismo moral, encorajando a superstição e a devassidão pagã, porque levavam as pessoas a gastar o tempo em beber e dançar, ao invés de trabalhar. Esta proibição causa resistência dos jogadores e da

comunidade, confrontos e violência aumentam, no combate entre aldeias, brigas e rixas por ocasião das procissões. Na segunda metade do mesmo século, o poder público se impõe impedindo as manifestações de violência física, o que provoca um discreto controle dessas práticas.

Nesse contexto, as rixas se deslocam de espaços ao ar livre para locais escondidos, salas dos fundos dos cafés deixando os ambientes rurais. Assim, os golpes se disciplinam codificando aprendizagens, práticas de combate ensinadas com mestres se impõem com suas salas. Surge uma arte de combate “*savate*” usando os punhos e golpes com o pé, o corpo se transforma em arma, especialmente para grupos de imigrantes trabalhadores, que buscavam na “*savate*” uma superioridade contra os parisienses o que resulta numa nova forma de descrição das técnicas físicas.

O investimento sanitário possibilita o aparecimento de práticas diferentes, a natação, por exemplo, renova as práticas físicas e urbanas no começo do século XIX, desenvolvendo exercícios, que consistiam mais em lutar contra o meio líquido e o frio do que a própria técnica. Esta prática contribui para uma melhor divisão entre o lazer e o trabalho. Vigarello *et al.* (2008) enfatizam que os exercícios nada tinham de revolucionários no começo do século XIX; como antes se observava a vigilância alterará gestos, produzindo efeitos sobre a forma do corpo. Pela primeira vez a silhueta corporal é modulada pelo exercício físico. A postura de Dandy², em 1820, é o exemplo externo dessas formas, aí começa a se delinear o modelo deste corpo.

O dandismo, num gesto contemporâneo, entrega o indivíduo às exigências das qualidades de aparência do corpo. Os coletes acentuados pelas ombreiras conscientizam do papel respiratório do peito, aumentando a vida e a saúde, modificando a riqueza do sangue, arrisca-se a ficção entre homem-máquina criada pela civilização de ferro, deslocando para o peito uma silhueta por muito tempo marcada pelo ventre.

No começo do século XIX a novidade está na análise dos movimentos, através da análise mecânica dos mesmos. Embora a ginástica não se preocupasse com resultados, aspectos estéticos passam a fazer parte do seu repertório onde

² Dandy, citado por Vigarello *et al.* (2008), aponta a repercussão de um trabalho com sucesso no emagrecimento de um indivíduo, o que substitui valores de classe e tradição aristocrática por um valor corporal, somado ao culto de si no começo do século XIX que resulta num investimento na postura e na saúde.

inventa gestos, recompõe exercícios, cria hierarquias, do mais simples ao mais complexo, do mais mecânico ao mais construído, multiplicam-se gestos quase abstratos reduzidos à sua expressão dinâmica mais simples, os movimentos elementares mais simples da ginástica.

Apesar de já existir a preocupação em expressar, Vigarello *et al.* (2008) apontam o foco do trabalho corporal na transformação do corpo com base no orgânico através de leis mecânicas que possibilitassem formas desfavorecidas pela natureza.

Para Richard Holt (2008), na metade do século XIX a elite se torna defensora do esporte, exaltando um corpo atlético, buscando assim o equilíbrio anatômico e o eu interior expresso. O esporte deixa de ser tomado apenas como exercício para o prazer e corresponde a fins mais sociais e ideológicos. A saúde passa a incluir tanto a eficácia física quanto mental. Novas formas de trabalho sedentário, conduzindo as classes médias ao estresse físico e psicológico, levam o esporte a estabelecer metas para o corpo, remediando e aumentando sua capacidade para a competição, atingindo primeiro a burguesia e a partir da necessidade criada é também oferecido aos operários.

Segundo o autor, os esportes exigiam aptidões variadas. O futebol e o *rugby*³ exigiam grande destreza; tênis, atletismo, natação ou ciclismo eram mais comuns no verão; numerosas alianças eram possíveis entre esportes de equipe e individual, todos proporcionando ao corpo uma variedade de movimentos voltados à necessidade do mundo urbano.

Com o passar dos tempos o esporte vai tomando outros significados, marcados por nacionalidade, etnia e império, encarnando virtudes masculinas do período industrial, cultuando esforço, mérito, e o valor em si da competição e preconceitos. Esses significados vão se fortalecendo entre os esportistas do século XIX de forma mais ou menos forte.

De acordo com Vigarello *et al.* (2008), a expansão da classe média vitoriana desempenha papel fundamental na criação do esporte moderno somada à percepção do corpo como máquina e seus movimentos repetitivos. Os empregos de escritório, expressão como utilizamos hoje, demandavam a necessidade de fazer exercício regularmente. Na Grã-Bretanha, por exemplo, existiu o aforismo de que

³ Esporte inglês de intenso contato físico.

para manter sua riqueza e império, dever-se-ia investir na geração de jovens fisicamente preparados para vencer, as revistas escolares celebravam o esporte de equipe como meio de preparação para a vida. Um novo uso do corpo era proposto pelo esporte amador, com a finalidade de responder às necessidades da população urbana que aumentava rapidamente. Em Londres, a cidade então mais populosa do mundo, foram criadas as primeiras associações esportivas.

No final do século XIX crescem grandes e novas cidades na Europa juntamente com as indústrias. Esta urbanização impôs uma transformação a essas cidades quanto à sujeira, à super povoação, à insalubridade e ao perigo, precisando tornar-se um espaço civilizado no qual corpo e espírito pudessem se desenvolver harmoniosamente.

No ambiente escolar da era vitoriana na Grã-Bretanha, o novo corpo atlético foi moldado dentro dos valores do *fair-play* e da esportividade. A Escola de Rugby, segundo Holt (2008), foi muito importante para a propagação deste esporte com seu célebre diretor, Thomas Arnold, que obrigava a formação moral dos alunos combinada a novas ideias de competição.

Outras grandes escolas investiram nestas ideias, o sistema escolar crescia rapidamente, aliando a formação clássica a novos modos de educação moral e disciplina, tomando o esporte como formador de caráter e disciplina. Assim, as regras foram surgindo das próprias práticas, o exercício se torna um trabalho corporal precisamente codificado onde os movimentos são geometrizados cujos resultados são calculados e se expandem para além de Rugby, atravessando a Inglaterra, outros países da Europa e o mundo. Tubino (1987) aponta Arnold como idealizador do esporte institucionalizado, popular e escolar.

Sobre a origem do esporte, Tubino (1987) retoma a própria busca de conhecer-se do homem, a importância dada a seu corpo na sua natureza e na vida em comunidade. O esporte é parte da cultura humana onde cada época tem seu esporte e nele cada povo se reflete. Arnold identifica dois aspectos diferentes e inseparáveis como possibilitar prazer para jogadores e espectadores, bem como oportunizar a formação moral. O esporte, segundo o autor, apresenta como características nesse momento ser jogo, competição e formação. Arnold colocou o esporte a serviço da formação moral, de modo que o corpo auxiliaria o homem

nessa formação, como agente “meio da moralidade” e o esporte auxiliaria nesse intento.

Influenciado por Arnold, Pierre de Coubertin, no final do século XX, restaura os jogos olímpicos. Com base em Coubertain, Tubino (1987) afirma que para os gregos o esporte era cultivado como arte e por ficar sem a devida atenção ficou esquecido, na Idade Média foi reaquecido e no século XIX teve um rápido crescimento e incremento de diferentes modalidades.

Para compreensão do fenômeno esportivo, Tubino nos traz estudos de Eppensteiner (1973) que caracteriza o esporte como fenômeno biológico e não histórico. Van Dalen, Mitchel e Bennet, citados por Tubino (1987), concebem o fato esportivo como um problema pedagógico a partir dos seus primórdios. O que podemos depreender do que é posto por esses autores é que o esporte está desde sua origem ligado aos fins educacionais o que sugere um aprofundamento sociológico.

O esporte assumia um alto desempenho. Jogar por sua escola era considerado uma honra, através do empenho com que era praticado. São os ex-alunos das grandes escolas que formavam as associações esportivas, bem como universidades, banindo a violência para proteção do corpo, através de acessórios, cuidados com o espaço e materiais utilizados.

O jogo com bola, por exemplo, tinha uma exigência corporal maior, variada e complexa, sua origem está ligada a práticas de inverno, uma das exigências da vida urbana era a necessidade de exercitação durante o ano inteiro, nas quatro estações. Os esportes de equipe geram um corpo coletivo, contudo, uma boa equipe pressupunha o entrosamento equilibrado de seus componentes. Nenhum jogador é hábil em todas as posições, uma equipe seria somatório das habilidades.

Com relação às questões de gênero, Holt (2008) afirma que a medicina do esporte liberou o corpo masculino, mas aprisionou em espartilhos, o corpo feminino. As mulheres burguesas eram consideradas frágeis e sensíveis e o esporte, exigindo vigor e agressividade, era uma prática perigosa para elas. Os conhecimentos científicos, dominados por uma ideologia masculina, contribuíram para legitimar as diferenças de gênero e construir obstáculos para o esporte feminino. Somente no final do século XIX algumas mudanças significativas aparecem, repudiando a noção de corpo feminino frágil e passivo. Diretoras de escolas para moças começam a

elaborar suas próprias propostas e versões para o esporte feminino, adaptando as atividades masculinas, ginástica sueca, basquete, muito embora as mulheres operárias estivessem ainda excluídas devido ao casamento e à maternidade precoces. Salientamos que nas escolas públicas o esporte não era oferecido, apenas tinham acesso à educação física elementar. No século XX as esportistas superam essa tradição de inferioridade, permite-se aos participantes competirem em pé de igualdade, desenvolvendo sua própria lógica de desempenho. No entanto, existia um acordo sobre o limite destas atividades, de modo a garantir a boa saúde e o corpo saudável para reprodução.

No século XX, o espetáculo esportivo vai pouco a pouco saindo do ambiente rural, assumindo o espaço do estádio onde o cenário acaba se desenhando de modo adequado ao ambiente social, econômico e político, tendo no campeão esportivo o novo modelo de sucesso democrático. Como protótipo de vida saudável e aparente demonstração de progresso, o esporte constitui-se como um dos mais importantes espetáculos. A partir da década de 50, do século XX, a televisão e o cinema são novas maneiras de difundir e comunicar o fenômeno esportivo, acrescentando a ele uma dimensão planetária, materializada na conquista do tempo livre. Através das telas o esporte se populariza e ganha a dimensão de espetáculo que passa a ocupar o tempo livre.

Ainda no século XX, à medida que as sociedades se urbanizaram e melhoraram a organização sanitária foram se desenvolvendo os esportes aquáticos e se criam espaços para o surgimento de modalidades afins. Segundo Sennett (2008, p. 15), “as relações dos corpos humanos no espaço determinam suas reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam”. Para o autor, a super povoação das cidades criou modos de vida em que a convivência humana deixou de ser sensorial e próxima. Os espaços urbanos com os conjuntos arquitetônicos, shoppings, conjuntos habitacionais, não têm respeitado a dignidade dos corpos humanos e sua diversidade. A lógica industrial atravessa nossas vidas, por tudo isso, impregnada da visão do corpo máquina, descolando o corpo de sua humanidade. Podemos assim dizer que a urbanização influenciou a fragmentação do corpo na ciência, na escola, no esporte. Os autores embora reconheçam a preocupação com o bem estar tendo o corpo como foco, ele aparece desconectado de sua sensibilidade.

A noção do espaço, através de lugares fragmentados, está arraigada à velocidade, tornando o espaço um lugar de passagem mensurado pela acessibilidade, quanto mais rápido se puder passar melhor, então a sinalização das ruas e ausência de pedestres facilita o deslocamento do motorista que quanto maior velocidade mais se desliga da paisagem, reforçando a desconexão do corpo como espaço por onde passa “anestesiado”. Essa desconexão é percebida nos esportes de velocidade, o corpo sensorialmente desconectado do espaço.

Por outro lado, Ghiraldelli (2007) aponta que a velocidade traz uma dinamicidade que influencia as ciências relacionadas às práticas médicas, a ortopedia ganha dinamicidade na fisioterapia para estudar os movimentos, os aparatos mecânicos são substituídos pela fotografia e em seguida pelo cinema. A mobília das casas, os escritórios e os edifícios ganham nova arquitetura para se adequar ao bem-estar social. Todas essas práticas têm o corpo em seu centro.

Destacamos que no âmbito do esporte é possível a criação de representações, por meio de um repertório de gestos e símbolos. Elas refletem uma identificação com os resultados alcançados, criam heróis que ficam impregnados no imaginário coletivo, para isso a comunicação/imprensa, além de narrar e comentar os resultados, constrói um cenário dramático, com a finalidade de trazer o espectador para a cena, envolvendo-o nessa trama. Os confrontos, paixões e contradições do esporte fazem parte das sombras que esse espetáculo tenta dissimular: violência, *doping* com riscos à saúde, corrupções financeiras, treinamento precoce, indicando as contradições no sistema que para convencer, deve promover a saúde e a igualdade de oportunidades.

1.2 Esporte na escola brasileira

De acordo com Tubino (1996), no Brasil colônia as práticas esportivas estavam ligadas a sobrevivência, arco e flecha, natação, canoagem, corridas, marchas e equitação, todas de caráter utilitário.

No Brasil, as primeiras sinalizações para com a importância do esporte iniciam-se no final do Império com os pareceres de Rui Barbosa sobre a relevância da educação física e esporte, advertindo para sua importância no currículo escolar. Além disso, segundo Da Matta (2001), destaca-se o “Tratado de Educação Física –

Moral dos meninos” de Joaquim Jerônimo Serpa, que articula a saúde do corpo e a cultura do espírito, destacam-se acontecimentos do período Brasil império, em princípio copiando modelos europeus das escolas de ginástica com finalidade higienista e militar.

No início da República, a prática do tiro ao alvo, peteca e saltos na Associação Cristã de Moços e Ginásio Nacional no Rio de Janeiro foram os precursores dos esportes como práticas nas escolas.

Assim, no país, até os anos 1930, o esporte não existia institucionalmente; a partir desse período a ginástica passa a ser difundida pelos militares como prática de melhoria física. Nesse contexto situamos o Manifesto dos Pioneiros como importante marco para educação nacional que de maneira discreta já sinalizava a importância da educação do corpo em integração com a mente.

Ressaltamos que o referido documento constitui um marco para história educacional. Para Ghiraldelli (1994), ele hierarquiza os problemas brasileiros relacionados à educação pública, citando a desarticulação do preparo das forças culturais e produtivas com a falta de investimento econômico. O objetivo do manifesto era garantir uma educação voltada para todos sem discriminação de classe social. Datado de 1932, o Manifesto consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação.

Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o Manifesto inaugura um projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O manifesto dos pioneiros parte da necessidade da educação se adequar às novas demandas sociais e valoriza o esporte como atividade coletiva. A esse respeito, Lourenço Filho, um dos maiores escolanovistas brasileiros, em sua obra *Introdução ao estudo da escola nova*⁴, defende um ensino ativo, baseado nos interesses da criança, desenvolvendo os

⁴ LOURENÇO FILHO, Manoel Berstron. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

hábitos democráticos através da cooperação e do trabalho em grupo, além das atividades esportivas na escola.

Nesse contexto, no Brasil, com o apoio da ABE, o esporte, que é inicialmente incorporado como experiência prática das escolas de elite, passa a ser incluído nas múltiplas representações e diálogos que pretendem modernizar a escola, implicando na construção de uma nova ordem, “disciplina” escolar e social. O esporte escolar assume a função de interferir nos sentidos sociais e históricos que orientam o fenômeno esportivo e a própria escola. De acordo com Linhares (2006), o esporte se constitui num dispositivo que disciplina através do saber que difunde moldando corpos e padronizando gestos.

Com o Estado Novo, Constituição de 1937, há um retrocesso nos projetos e nas práticas educacionais desenvolvidas pós revolução de 1930 de modo que o Ministério da Educação e Saúde Pública torna a Educação Física uma atividade curricular de caráter obrigatório.

Tubino (1996) mostra que, na esteira das mudanças propostas pelo Estado Novo, a relação entre educação física e esporte é reforçada. O Ministro Gustavo Capanema cria na Secretaria de Educação a Divisão de Educação Física (DEF), a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e a Confederação Brasileira de Desportos Universitários. Essas políticas procuravam incentivar a prática da educação física e do esporte escolar e universitário numa perspectiva de treinamento. Os estudos de Ghiraldelli (1994) e Linhares (2006) indicam que o esporte entra na escola para difundir uma conduta e ensinar um saber que está para além do repertório técnico. Trata-se de um modelo emergente da industrialização, em que o Brasil teria que a ele se adequar, o esporte contribuiria nessa tarefa.

No contexto da redemocratização, pós Estado Novo, é promulgada nova Constituição e as liberdades são reconquistadas. Conforme Darido (2003), a Constituição de 1946, de inspiração liberal-democrática, sofre influências dos educadores da Escola Nova, cujo discurso irá defender a educação do movimento como forma de promover a educação integral e num concurso promovido pelo DEF, vence a proposta cuja visão propõe um conceito “biosócio-filosófico” da educação física em substituição ao conceito “anátomo-fisiológico” que para a autora ainda vigora. Esse movimento passa a ser reprimido a partir da ditadura militar.

Em 1961, é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 4024/6. Nela, a educação física e o esporte tornam-se obrigatórios em todos os níveis de ensino; o artigo 22 afirma: *será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos da escolarização com predominância esportiva no ensino superior.*

As aulas de Educação Física consistiam em ensinar a ginástica formativa, fundamentos de jogo (modalidades esportivas coletivas), e não havia preocupação com o processo de inclusão daqueles que não se adequassem à normalidade.

Segundo Castelani Filho (1985), as políticas públicas federais direcionaram a uma incorporação do esporte escolar ao sistema esportivo nacional. Por meio da massificação do esporte na escola os talentos descobertos seriam encaminhados para o esporte de rendimento.

Durante a ditadura militar, o governo investiu na criação de representações sobre a educação física e os esportes. Tratava-se de uma forma de reprimir os movimentos estudantis das questões políticas e sociais, o que para Castelani Filho (1993) contribuiu para a construção de um modelo apolítico de corpo. Conforme Pinto, Vago e Farias Filho (1999), para isso é firmado convênio entre o Centro Nacional de Recursos Humanos do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPEA) e a Divisão de Educação Física (DEF) do MEC. O grupo teria como função identificar problemas e solucioná-los por meio do “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil”, a fim de sintonizar essa prática com a política nacional para o setor, cujo objetivo era fomentar a prática de educação física e desportos integrada à educação, para isso houve um investimento maciço em propagandas de televisão e rádio, produção de vídeos técnicos, revistas, entre elas um gibi chamado “*Dedinho*”, que contava a história de um garoto envolvido em situações esportivas, como um herói, direcionado aos alunos de 7 a 14 anos.

No período, a educação física e os esportes foram legalizados através do Decreto nº 69.450/71, com base na fisiologia para promover a aptidão física dos alunos.

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.

O referido decreto limitava o número de aulas e alunos por turma, a duração e o espaço para cada aula e dispensa das aulas. A avaliação era feita por testes de aptidão indicados pelo MEC, para medir a evolução do condicionamento físico desses corpos.

No período militar, segundo Kunz (2006), a concepção técnica do esporte se direcionou à descoberta de talentos em busca do alto rendimento. Nessa busca, foram valorizadas áreas de conhecimento que sustentavam esse modelo de esporte. Sobre isso, Ghiraldelli Jr. afirma:

O desporto de alto nível é o paradigma para toda Educação Física. E tal prática está vinculada ao alto grau de avanço científico nas áreas da Fisiologia do Esforço, da Biomecânica, do Treinamento Desportivo (1988, p. 30).

O esporte, reforçando o discurso da saúde, tem como objetivo a eficácia física e mental para vida moderna, exalta o corpo atlético, moralização, modernização, superação dos limites do corpo, criação dos heróis. Esse discurso é respaldado pela escola, em que o esporte é incorporado à sua prática muitas vezes sem questionamento.

Sobre o ensino do esporte, Kunz (2006) situa os anos 1980 como alvo de questionamentos e críticas. Bracht (1997) é um desses críticos. Segundo o autor, com o processo de redemocratização, foram se desenvolvendo teorias da educação que tentavam superar uma prática tradicional, entendida como descomprometida com as transformações sociais. O autor faz uma análise crítica e dura ao esporte, comparando-o ao que havia de pior na sociedade capitalista, atribuindo-lhe a condição de instrumento ideológico do capitalismo, com críticas à sua escolarização e forma de lazer.

Segundo Darido (2003), o modelo esportivo é muito criticado no meio acadêmico, muito embora seja o modelo hegemônico na sociedade. Nesse período há uma discussão em torno do objeto de estudo da educação física, abertura de programas de mestrado na área e certa preocupação em romper com o paradigma fundado na aptidão física, ainda que, segundo Darido, essa ruptura se fizesse apenas a nível do discurso. Inspirados no momento histórico surgem movimentos na Educação Física Escolar que criticam o modelo tecnicista, entre elas destacamos a abordagem crítico-superadora a qual se vincula o Coletivo de Autores.

Para o Coletivo de Autores (1992), a crise de paradigmas da educação física emerge do conflito entre duas perspectivas: o desenvolvimento da aptidão física e a reflexão sobre cultura corporal de movimento. Com base na teoria crítica da educação, esse coletivo propõe a reflexão pedagógica sobre o esporte, e do que se encontra embutido em seu discurso.

Essa crise e questionamentos pressionam para mudar a concepção vigente na Educação Física de uma atividade escolar para uma disciplina, com um conjunto de conhecimento a ser tratado na educação básica, culminando na nova LDBEN 9394/96.

Desde 1996, o currículo vigente está organizado segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LBD nº 9394. Conforme esta lei, o processo de escolarização brasileira inicia-se com a Educação Infantil concluída, formalmente com a Graduação. Hoje, as propostas e os conteúdos têm a preocupação em atender, incluir e integrar todos os estudantes em torno do Projeto Escolar e, nessa perspectiva, a Educação Física ao contrário das épocas passadas, e, segundo o artigo 26, deve ser “integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Cabe, entretanto, afirmar que no esporte predominam valores econômicos que sobrepujam os pedagógicos. Esses valores remetem aos valores gregos da antiguidade e isso afeta sua prática na escola. Simões (2008) afirma:

o oculto ao corpo perfeito, forte e belo teve seu sentido aperfeiçoado para o corpo que vende e que estimula novas formas de consumo. As modalidades esportivas se tornaram empresas, o esporte transformou-se em espetáculo (p. 118).

Muito embora os valores do campo esportivo ainda norteiem as características básicas para formar atletas vencedores, o esporte para uns é oportunidade de lazer, para outros é oportunidade de emprego, sobrevivência, prestígio, poder, ascensão social, espaço de imitação da vida, fenômeno social.

Para Simões (2008), na escola o esporte poderia ser um meio para educar, através do aprendizado de valores que qualificam as relações sociais, bem como o refinamento do autocontrole das emoções que, através das regras, disciplinam controlando os impulsos e paixões suscitados pela disputa.

Conforme Da Matta (2001), atualmente na educação física predominam as abordagens tradicional e atualizada. A abordagem tradicional, para a autora, pode ser apontada na busca de resultados através do desenvolvimento das capacidades físicas como: força, agilidade e velocidade; o trabalho corporal é realizado do ponto de vista fundamentalmente biológico. A abordagem mais atualizada procura priorizar, além da história, a cultura. As atividades físicas são ajustadas às necessidades e interesses individuais, os conteúdos são contextualizados.

Taffarel (1993) enfatiza na formação de professores o crescimento qualitativo de algumas práticas que buscam a reflexão crítica do currículo. Para ela, é grande o número daqueles que tratam o conhecimento de forma fragmentada e com base na abordagem positivista, tecnicista. A esse respeito, Tavares (2010) acrescenta a existência de um equívoco terrível na educação física estar voltada para o físico desconsiderando o sentido humano do corpo, mas não deixa de reconhecer avanços nos currículos dos cursos de Formação em Educação Física, gerados pela teoria crítica da educação e que tem resultado em experiências exitosas nessa área tanto de formação como prática desses professores.

1.3 O corpo nos estudos e pesquisas mais recentes

Para nossa revisão de literatura, privilegiamos um dos periódicos mais tradicionais e importantes brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte. Trata-se da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (RBCE), periódico indexado em indicadores internacionais e de publicação quadrimestral.

Privilegiamos as publicações no período 2004 a 2009 da RBCE, tendo como critério de base para a pesquisa a presença das palavras corpo, corporal e/ou corporeidade no título e/ou nas palavras chave do artigo, observando ainda a abordagem de corpo que norteia ou orienta tais estudos.

Localizamos um total de vinte e nove trabalhos, dos quais selecionamos dezesseis por serem resultados de pesquisa. Apenas um desses estudos adota o referencial das representações sociais (FIGUEIRA; GOELLNER, 2005).

Nos dezesseis estudos, o corpo foi abordado em relação às seguintes finalidades: reflexão pedagógica através dos temas da cultura corporal: práticas

corporais abordadas nas aulas de educação física; finalidade de embelezamento segundo modelo de gênero e beleza da sociedade de consumo e neste enfoque o uso de substâncias químicas, como coadjuvantes na aquisição da beleza e arquitetura corporal; reflexões sobre as intervenções pedagógicas no corpo da criança; trabalho corporal voltado para a formação subjetiva; determinantes sócio-históricos na produção corporal; reflexões sobre o discurso da saúde sobre o corpo como mito.

Em relação ao primeiro grupo de trabalhos, que focalizam a reflexão pedagógica dos temas da cultura corporal, conteúdo abordado nas aulas de educação física, convém inicialmente explicitar o que denominamos de cultura corporal.

Para Coletivo de Autores (1992), o conceito de cultura corporal surgiu na década de 1980, partindo das críticas realizadas por Dieckert (1987) ao esporte de rendimento. O autor buscava uma Educação Física mais humana embasada na concepção do “Esporte para Todos”, de modo a discutir e criar uma “nova antropologia” que colocasse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”.

Essa cultura própria do nosso povo foi definida pelo autor como: construções que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país. A ideia de cultura corporal segundo os autores é carregada de sentido e significado, historicamente situada num contexto onde através do jogo do esporte, da ginástica, da dança e da luta o homem partindo de suas necessidades materiais cria historicamente, compreende e explica a realidade. A proposta toma como categorias de base cultura corporal, a reflexão pedagógica, história, historicidade e currículo na concepção crítica. Este livro serve como orientação para o trabalho pedagógico.

A cultura corporal nas aulas de Educação Física foi tematizada em dois estudos que tomaram como objetos: Costa e Betti (2006) para jogo e Granado (2006) para futebol.

Costa e Betti (2006) analisaram a correlação entre o jogo e as mídias, propondo a transformação/transferência do virtual/virtualidade em uma possível experiência corporal educativa na escola na forma de jogos, a partir dos “jogos virtuais” conhecidos dos alunos. Concluem que a virtualização do corpo no esporte-

espetáculo e nos jogos eletrônicos tem repercussões desse fenômeno na cultura corporal contemporânea de movimento. Segundo os autores, as crianças se apropriam das imagens e conteúdos televisivos, transformando-os em estruturas lúdicas que sustentam suas brincadeiras.

A pesquisa etnográfica desenvolvida por Granado (2006) teve como objetivo de compreender como se estabelecem as relações entre diferentes maneiras de ser, a partir das práticas corporais. Seus resultados indicam que, em relação ao “futebol”, as complexas relações desse jogo são potencializadas em diferentes espaços e fronteiras étnicas e culturais.

O caráter polissêmico e intercultural do futebol possibilita visualizar as dimensões complexas e contraditórias em que se dão a educação do corpo “boe” e a relevância que a corporalidade assume para a compreensão de uma cultura indígena específica. Conforme Granado (2006), “boe” é a autodenominação do povo Bororo que já foi a maior etnia do Centro-Oeste brasileiro e atualmente não chega a 2.000 indivíduos.

Nos cinco estudos que seguem os autores discutem o corpo com a finalidade de embelezamento segundo modelo de gênero e beleza da sociedade moderna; nesse enfoque está presente em três deles o uso de substâncias químicas como coadjuvante ao fortalecimento da arquitetura corporal.

O artigo de Damico e Meyer (2006) discute alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apreendem e vivenciam o cuidado com o corpo. O estudo inscreve-se nos campos de gênero e da sociologia da saúde, nas vertentes que têm proposto aproximações críticas com a perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault. Os resultados indicaram um movimento que permite ressignificar o corpo como um potente marcador social⁵ da contemporaneidade.

O estudo de Figueira e Goellner (2005) discute a promoção do estilo atlético como uma forma de produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo. Foram analisadas todas as edições da revista *Capricho* publicadas entre 2001 e 2002. A revista é estudada como uma instância pedagógica produtora

⁵ Argumentamos que esse movimento está produzindo um deslocamento em que o corpo, já tematizado como território de inscrição de identidades como gênero, classe, raça/etnia, por exemplo, passa a funcionar – ele mesmo – como operador de sistemas de classificação e hierarquização social, na medida em que atributos como a forma física e a aparência que ela revela são elevados a critérios que posicionam e valoram, diferentemente, estilos de vida e sujeitos na cultura contemporânea.

de conhecimentos e de saberes sobre atividade física, saúde, corpo e beleza. Conforme os autores ela traz vários conselhos e recomendações a serem seguidas, depoimentos de personalidades tomadas como exemplares, anúncios que vendem distintos produtos orientando adolescentes para uma vida saudável, ativa, bela, atraente e moderna.

O artigo de Rodrigues (2005) aborda o corpo desejado/idealizado. Conforme o autor, na modernidade o corpo apresenta-se como objeto de fascínio e cuidado, ele é causa de afeto e, também, de repulsa. Essa relação com o corpo apresenta-se de maneira ambivalente, ou seja, em nossas práticas corporais estabelecemos com o corpo uma relação de “amor” e “ódio”. Isso resulta em atuações em que os cuidados com ele apresentam-se paradoxalmente, ou seja, todo físico desejado é simultaneamente o anúncio de um corpo que não é desejado e passível de ser “destruído”. Para o autor, nas práticas corporais esportivas podemos indicar como se apresenta essa relação de amor/ódio entre o “corpo desejado” e o “corpo imperfeito”.

O artigo de Ferreira, Castro e Gomes (2005) analisa o discurso e as representações de corpos masculinos, frequentadores de academias de ginástica. Segundo afirmam os autores, mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam para adquirir a forma física considerada “perfeita”. Do halterofilismo compulsivo até o uso de esteróides, um número cada vez maior de homens procura satisfazer os padrões que se exigem para os músculos, pele e cabelos, o que transcende a linha do interesse normal para tornar-se obsessão patológica.

Para o autor, isto impõe um risco à saúde tão perigoso e mortal quanto os representados pelos distúrbios da alimentação influenciando decisivamente as tendências super musculares e transtornos dismórfico-corporais, ou seja, transtornos quanto à forma do corpo.

Hansen e Vaz (2004) abordam em seu artigo o culto do corpo em academias. Apresentam resultados de uma pesquisa que relaciona o treinamento desportivo e as práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação. Os resultados mostram os usos e as visibilidades do corpo por meio dos discursos e técnicas do treinamento desportivo, em especial no que se refere aos processos de esportivização e suas relações com a dor e o sofrimento auto-infligido. As

conclusões apontam para algumas implicações desses processos nas formações subjetivas contemporâneas.

Ainda com a finalidade de embelezamento do corpo e o uso das substâncias químicas como coadjuvante nesse processo, destacamos o estudo de Carreiro Filho e Martins Filho (2005). Eles investigaram a prevalência do uso de substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal (em especial dos esteróides anabólicos androgênicos); os autores localizaram diferenças significantes entre gêneros e o uso dessas substâncias. Enquanto os participantes do gênero feminino usam com a finalidade de perda de peso corporal, os homens fazem uso de medicamentos para o aumento da massa muscular. Os resultados apontaram que a utilização dessas drogas não encontra motivação na prática do esporte competitivo, não havendo diferenças significantes entre praticantes e não praticantes do esporte competitivo.

Numa abordagem histórica, Wiggers (2005) destaca as mediações mídia e arte para analisar representações e expressões corporais de crianças entre sete e nove anos de idade, concluindo que o conceito de corporeidade é um elemento fundamental para a compreensão da formação humana.

Richter e Vaz (2005) analisam elementos que compõem uma agenda de estudos sobre a educação do corpo. Segundo afirmam, as intervenções pedagógicas sobre o corpo, tanto nas aulas de Educação Física quanto em outros tempos e espaços da educação de zero a seis anos, interpenetram-se nos meandros da rotina, mostrando-se fortemente vinculados à eliminação dos descontroles ameaçadores da racionalidade.

Como já dissemos antes, a relação corpo/subjetivação é abordada em dois estudos: Nóbrega, Costa e Domingos Júnior (2009) e Simões e Moreira (2004). Nóbrega, Costa e Domingos Júnior (2009) tratam de práticas corporais para compreender os processos de subjetivação por elas desencadeados; apontam aspectos como manter uma vida saudável, finalidades estéticas e de lazer. Essa percepção é intensificada com a afirmação dos sujeitos a respeito das diferenças entre as zonas administrativas da cidade e seus espaços para o lazer, a cultura e para o cultivo do corpo.

A subjetivação na formação profissional é o foco do artigo de Simões e Moreira (2004). Os autores se preocupam em identificar o conceito de corpo que

está presente no discurso de profissionais voltados à reabilitação de pessoas deficientes. Confrontam esses conceitos com a produção bibliográfica sobre o tema corpo/corporeidade e os resultados revelam que os profissionais que atuam diretamente com corpos deficientes estão num momento de transição de entendimento em relação ao fenômeno corpo/corporeidade, o que pode ser identificado nas contradições conceituais apresentadas em seus discursos.

Localizamos dois artigos que buscam compreender o corpo e seus determinantes sócio-históricos: Góis Júnior (2009) e Herold Júnior (2009).

Góis Júnior (2009) teve como objetivo compreender o impacto do modernismo, partir dos anos de 1920 e 1930, na questão da saúde no Brasil. Foram analisadas obras de Fernando de Azevedo, em suas teorias sobre saúde e raça do brasileiro. O estudo revelou que uma nova mentalidade de valorização das raças brasileiras e, sobretudo, de um pensamento de intervenção no campo da saúde e da educação física foi suscitado a partir dessa obra.

Herold Júnior (2009) investigou a importância das relações entre corpo e trabalho. Aborda essa relação em três momentos: final do século XIX e início do XX nas décadas de 1950, 1960, 1970 e de 1970 até os dias atuais. Como resultado, verificou a passagem do corpo visto como motor e/ou energia para o corpo visto como informação e/ou inteligência. Indica que nesse trajeto a dicotomia corpo-inteligência acaba por ser questionada por alguns teóricos que veem no corpo trabalhador a base para os processos decisórios requisitados em montagens microeletrônicas.

Alguns estudos focalizaram a relação corpo e saúde. A relação corpo e o mito da saúde de acordo com Carvalho (1995, p. 86-88) refere-se à reedição da visão histórica que trata da importância da atividade física regular e seus benefícios para a saúde. Esse resulta de certa forma em pressionar para que a educação física esteja sempre conectada ao sentido com que foi criada. A autora destaca dois pontos sobre o assunto: o entendimento da atividade física como benéfica à saúde vem desde o iluminismo e, com respaldo em Foucault, o delineamento de corpos fortes, jovens e belos, mascarando determinantes do setor saúde na sociedade brasileira, outorgando à atividade o poder de curar doenças.

Destacamos ainda na nossa revisão o estudo de Freitas Brasil e Silva (2006) que faz uma crítica ao referencial exclusivamente biológico para estudo do corpo,

das práticas corporais e da saúde predominantes na área da educação física. Segundo colocam os autores, essa visão reforça que a prática de atividades físicas garante, por si só, saúde à população. É objetivo de seu trabalho repensar valores e conceitos presentes em tal relação, a partir de um referencial sociocultural.

Em estudo que associa corpo e saúde, Carbinatto e Moreira (2006) evidenciam a importância das áreas da medicina e da educação física, enfatizando a religação de saberes via propostas da fenomenologia existencial e da motricidade humana.

Outros trabalhos como o de Lima e Almeida (2008) abordaram a relação corpo e necessidades especiais; e corpo e meio ambiente, como Matos e Ferreira (2007).

No conjunto dos estudos aqui apresentados, podemos observar a tendência para uma redefinição do conceito de corpo através de saúde, cultura, história e educação, temas que transversalizam estes estudos a partir de posturas críticas frente ao sentido de corpo biologizado, produzido pelo discurso médico, que reduz a saúde como fruto unicamente da atividade física. A redefinição dos conceitos de corpo aponta para a construção da subjetividade focada numa concepção integral de homem.

No conjunto geral dos trabalhos aqui analisados poderíamos colocar as tendências subjetivas como estudos que centram sua preocupação no trabalho corporal numa dimensão subjetiva de articulação entre cultura corporal, determinantes sócio-históricos na produção e mito saúde sobre o corpo.

Outras tendências focalizam o embelezamento segundo modelo de gênero e padrão estético da sociedade de consumo e nesse enfoque o uso de substâncias químicas. Os estudos sobre o uso de substâncias químicas se destacam.

Reiteramos que o enfoque subjetivo é centrado no ser humano, suas emoções, afetos, desejos. Neste sentido, Giroux (1999, p. 226) questiona como entendemos a aprendizagem fora dos limites da racionalidade, de forma que o envolvimento mobilize o desejo, apontando que a pedagogia também é um momento onde o corpo aprende, deseja e aspira por afirmação. Entendemos que o nosso estudo insere-se nessa tendência subjetiva de investigação do corpo.

Assim, após estudos desses trabalhos podemos afirmar a relevância da nossa pesquisa, que analisa a representação do corpo entre os professores de

esporte, algo que não tem sido explorado com frequência entre esses autores. Nossa busca consiste em captar os sentidos de corpo partilhados pelos sujeitos.

1.4 O corpo como objeto de Representação Social na perspectiva de Jodelet

Esse estudo é um clássico, realizado na década de 80 do século passado na França. Jodelet (1984) procura identificar categorias mentais e modelos normativos para com o corpo. Em artigo, fruto da referida pesquisa, a autora traz a discussão sobre o corpo afirmando que todos os lugares e todos os tempos convidam à transformação do corpo através de técnicas próprias e representações. Com base em Lévi-Strauss e Mauss, precursores dos primeiros estudos interessados do corpo, a representação inicial de corpo privilegia os problemas que submetem o ser humano através de seu corpo.

Os avanços do estudo do corpo, segundo a autora, iniciam-se com Mauss, que relaciona o aprendizado de comportamentos baseados em padrões sociais, abrindo assim espaço para o estudo do simbólico nesse campo. A autora referindo-se às noções de representações sociais pontua a necessidade de estudos que aproximem a área biológica e afetiva. Segundo Jodelet (1984), quando estudado pelo sociólogo, etnólogo ou historiador, o corpo é interpretado de forma interdisciplinar, já a medicina o liga à higiene corporal. Bourdieu (1980), citado por Jodelet (1984), aponta para o estudo dos significados dos atos sociais, que, para ele, estão ancorados em estruturas fundamentais de grupos que têm por base experiências corporais.

Por estar simultaneamente ligado ao social e ao privado, o corpo está no centro dos questionamentos e debate das representações sociais. Jodelet (1984) enumera os enfoques desses estudos: a relação entre social e individual e outras características (L. Deutcher, R. Farr, S. Milgran, M. J. Chombard de Lauwer, R. Kaes, S. Moscovici) e entre representação e comportamento (J. C. Abric, Codol, F. Fransella, J. Jaspers e C. Frasses).

Para Jodelet (1984), nos discursos o corpo masculino é marcado por mais liberdade, enquanto o feminino há uma tendência de aproximação do relato para o desenvolvimento abstrato. O homem é mais liberal no relacionamento com seu próprio corpo, enquanto a mulher ainda permanece presa à pressão social, às

normas morais e ideológicas. Segundo Jodelet (1984), a estrutura dos diálogos, a que teve acesso em sua pesquisa, carrega traços e situações que testemunham esse dado. Revela que as representações do corpo são culturais, por isso se alteram.

Jodelet (1984) reafirma que, assim como outras representações, as do corpo são construídas na vida cotidiana e manifestadas nas práticas sociais. As repercussões culturais alteram as relações das pessoas com o corpo, reestruturando seu campo de representações. A autora observa, por meio de seu estudo, que a representação é marcada pelo declínio do corpo como organismo biológico, fechado em seu funcionamento e ascendendo para o corpo considerado como local de prazer, aberto para o mundo. A mudança é ponto de reestruturação das representações masculina e feminina, alterando o significado da sexualidade, da gravidez (como um direito sobre o próprio corpo conquistado pelas mulheres), discussão sobre o aborto, surgimento de técnicas para o parto sem dor. Essas mudanças procuram libertar a mulher do sofrimento. Para a autora, as mudanças na cultura vão provocar alterações cognitivas de compreensão social, concernentes à liberdade e à procriação, alterando assim o relacionamento masculino e feminino com o corpo.

Essas mudanças nas representações sociais refletem a reorganização e a aproximação do corpo entre os dois sexos.

Este estudo irá nos permitir captar o conteúdo das Representações Sociais dos professores e a rede de significados atribuídos ao corpo por esses profissionais.

CAPÍTULO 2 SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

2.1 As Representações Sociais: origem e evolução

O termo representações sociais sugere tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba, construído para explicá-los, identificando um vasto campo psicossociológico. O primeiro esboço da teoria surge com o trabalho de Moscovici, intitulado *La psychanalyse, son image et son public* (1961), com a intenção de explicar o fenômeno da socialização e apropriação da psicanálise pela sociedade parisiense. Moscovici queria entender como gente comum se apropria do conhecimento científico.

A base da Teoria das Representações Sociais está na teoria de Durkheim, especialmente no conceito de representações coletivas. Para esboçar o conceito, Durkheim tomou como apoio empírico o estudo da religião de povos ditos primitivos⁶, cujas formas básicas também seriam encontradas como substrato nas religiões mais elaboradas, o mesmo acontecendo com outras formas de conhecimento social, por derivarem da própria religião.

Segundo Sá (1995), na sociologia de Durkheim, a sociedade era uma realidade “*sui generis*” e as representações coletivas que a exprimem são fatos sociais, coisas, reais por elas mesmas. Dizia que as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que estende não apenas no espaço, mas no tempo, para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber.

Em relação aos comportamentos e aos pensamentos individuais são características básicas das representações coletivas: autonomia, exterioridade, coercitividade, ou seja, os indivíduos que compõem a sociedade seriam usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto de representações individuais, das quais diferia essencialmente de Durkheim.

⁶ Trata-se da obra **As formas elementares da vida religiosa**, publicada originalmente por Emile Durkheim em 1912. No Brasil, o texto é uma publicação da Editora Martins Fontes.

Na época em que foi proposta a explicação de representações coletivas à sociedade ocidental parecia dar conta de suas demandas, talvez devido à relativa integridade das religiões e de outros sistemas unificadores. Porém, nas sociedades contemporâneas, ocorreram novos fenômenos representacionais, bastante diversos, impondo à apreciação uma perspectiva psicossociológica. Moscovici esclarece a diferença entre os fenômenos estudados por Durkheim e os fenômenos com os quais se preocupa em estudar, mostrando como atraem a psicologia social nos dias de hoje.

As diferenças entre o conceito durkheimiano e o de Moscovici podem ser verificadas a partir de três aspectos. Em primeiro lugar, a abrangência e a heterogeneidade de conhecimento, supondo-se estar nelas concentradas uma grande parte da história intelectual da humanidade.

Segundo Moscovici (1978), as representações sociais são reduzidas a uma modalidade específica de conhecimento tendo por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos na vida cotidiana.

Por outro lado, as representações coletivas de Durkheim são estáticas, ou seja, o autor admite a estabilidade dos fenômenos sociais ao longo do tempo. Em contrapartida, para Moscovici, as representações sociais são dinâmicas e na sociedade contemporânea têm plasticidade e mobilidade de circulação. Em contrapartida, as representações coletivas, conforme Durkheim, são dados, entidades explicativas absolutas. Reconhecemos, no entanto, que o conceito de representações coletivas foi o ponto de partida para elaboração da Teoria das Representações Sociais.

Conforme salienta Sá (1998), tem sido Denise Jodelet a principal continuadora do trabalho original de Moscovici. Para ela, continuar essa obra é uma tarefa que comporta alguns riscos como de reduzi-la a um evento intra-individual, onde o social intervém apenas secundariamente; outro risco é o fato de se tratar de uma forma de pensamento social diluída nos fenômenos culturais ou ideológicos.

Diante desses riscos questionamos sobre como situar o conhecimento mobilizado pelas pessoas comuns, na comunicação informal da vida cotidiana. As explicações então veiculadas vão além de simples opiniões sobre os assuntos ou atitudes isoladas em relação a objetos sociais neles envolvidos. Comumente, fazem uma articulação ou combinação de diferentes questões ou objetos, segundo uma

lógica própria, em uma estrutura globalizante de implicações, para a qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes e experiências pessoais e grupais.

Esses conjuntos de conceitos, afirmações e explicações que são as representações sociais, são consideradas verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção da realidade social. Para Sá (1995), baseado em Moscovici, as representações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por construir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana. A origem da compreensão dos assuntos e das explicações emitidas pelas pessoas, denominadas de representações sociais, tem lugar na vida cotidiana.

Existem dois universos de pensamentos distintos: universos consensuais e os reificados. Os universos consensuais correspondem aos saberes da interação social cotidiana por meio dos quais são produzidas as representações sociais, chamada de lógica natural. Os universos reificados se voltam para o conhecimento científico, o qual dita a forma como diferentes objetos devem ser entendidos pela sociedade em geral.

Para Moscovici (1978), ambos os universos atuam simultaneamente para explicar a nossa realidade. Uma realidade social é criada apenas quando o novo ou não familiar vem a ser incorporado nos universos consensuais. O estranho atrai, intriga, causa o medo da perda dos referenciais habituais, porém quando o estranho se torna familiar perde a novidade se constituindo no real, já conhecido. As representações sociais visam a tornar ou transformar o estranho em familiar, compreensível.

Entendemos que as representações sociais são estruturantes do comportamento e podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social. Para Moscovici, citado por Sá (1995, p. 35), o novo é comumente gerado ou trazido por universos reificados da ciência, tecnologia ou profissões especializadas, são novas descobertas ou teorias, invenções e desenvolvimento técnico. As representações sociais têm o propósito de tornar o estranho familiar, nesse sentido, os universos consensuais são espaços onde todos se “sentem em casa”, fora do risco, confortável. Na dinâmica dos relacionamentos, a memória prevalece sobre a dedução, a resposta prevalece sobre o estímulo, o passado sobre o presente e as

imagens sobre a realidade. Neste sentido, modelos cristalizados podem se materializar em representações.

Conforme Moscovici (1978), as representações se formam através de dois processos simultâneos e interdependentes: ancoragem e objetivação.

A ancoragem, como um dos processos formadores das representações sociais, refere-se ao procedimento de associar reações internas com algum gatilho externo ou interno porque assim, prontamente, podemos acessar essa reação ao novo. Trata-se de um processo em que alguns elementos estranhos ou desconhecidos são introduzidos numa categoria familiar. Como a representação não é estática, novos elementos vão surgindo e abalando, ou não, os conceitos ou concepções já arraigados no sujeito. Considera-se que ancorar significa trazer o novo (o que ainda não foi classificado ou rotulado) para o sistema de categorias já conhecido.

A ancoragem oferece sustentação e viabilidade aos novos conceitos, permitindo que se compreenda a maneira pela qual esses conceitos contribuem para exprimir e construir as relações sociais. Está dialeticamente articulada à objetivação para garantir as funções da representação social: tornar o estranho familiar, interpretar e compreender a realidade, bem como orientar os comportamentos e condutas.

Enquanto processo formador das representações sociais, a objetivação consiste na formação de figura específica, objeto tornando-o material, quase tangível. Sá (1996), com base em Moscovici, afirma que é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, reproduzindo conceitos em uma imagem. A objetivação diz respeito à materialização dos conceitos e constitui-se no que há de mais forte e mais arraigado nas representações sociais. Objetivar consiste em transformar um conceito abstrato em algo quase físico.

O processo se dá a partir de duas operações simultâneas: classificação e naturalização. Classificar consiste em elencar conceitos em determinadas categorias de pensamento. Naturalizar consiste na consolidação dos elementos figurativos que se transformam em elementos mais evidentes e simples, atribuindo um estatuto de materialidade. Neste processo, as noções e os conceitos abstratos se solidificam e naturalizam.

Embora não seja fácil de explicar, podemos dizer que a representação social designa uma forma específica de conhecimento, saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Designa uma forma de pensamento social, são modalidades do pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal.

Prosseguindo com a tarefa de sistematização do campo, Jodelet (2001) sintetiza: representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática, concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

O ponto de partida para essa teoria é o abandono da dicotomia entre sujeito e objeto, chamado convencionalmente de realidade objetiva. A realidade é repensada e reconstruída no seu sistema de valores pelo indivíduo ou grupo.

As representações sociais modelam o comportamento e justificam sua expressão. De acordo com Moscovici (1978), a representação social é uma preparação para a ação, tanto por conduzir o comportamento, como por modificar e reconstituir os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Elas conseguem incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado seu objeto, fornecendo ao mesmo os elementos que tornam essas relações estáveis e eficazes.

As representações sociais são definidas por Moscovici (1978) como um sistema de valores, ideias e práticas acumulando uma dupla função: estabelecer uma ordem para tornar os indivíduos capazes de orientar-se no seu meio e dominá-lo; tornar possível a comunicação entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes códigos para denominar e classificar os vários aspectos de seu mundo, da história individual e da história do grupo.

As representações sociais possuem importante papel na dinâmica das relações e práticas sociais respondendo a quatro funções essenciais: permitem compreender e explicar a realidade; definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos, guiam os comportamentos e as práticas e permitem, *a posteriori*, justificar as tomadas de posição e os comportamentos.

Segundo Machado e Aniceto (2009), as proposições originais de Moscovici desdobram-se em três correntes teóricas complementares: a primeira liderada por

Denise Jodelet em Paris, mais fiel à proposição original; a segunda liderada por Willem Doise, em Genebra, que procura articulação com uma perspectiva mais sociológica, e uma terceira liderada por Jean-Claude Abric, em Aix-em-Provence, denominada de abordagem estrutural. É essa abordagem que sedimenta nosso estudo.

2.2 A Abordagem Estrutural das Representações Sociais

Também conhecida como teoria do núcleo central, é um desdobramento da grande teoria, idealizada por Moscovici em 1961. Foi proposta por Jean Claude Abric em 1976. Vem sendo complementada por Flament, Moliner entre outros colaboradores. O grupo pioneiro de pesquisadores é conhecido como “Grupo de Midi”. Conforme a abordagem estrutural, uma representação social apresenta características específicas, pois se organiza em torno de um núcleo central, constituído de um ou mais elementos, que conferem significado à representação.

Uma representação social, como definida pelo *Grupo de Midi* é, pois, um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes, composta por dois subsistemas - o central e o periférico -, que funcionam exatamente como uma entidade, onde cada parte tem um papel específico e complementar.

Baseado em Abric (1994b), Sá (1996) aponta duas características aparentemente contraditórias das representações sociais: uma é que as representações são simultaneamente móveis e estáveis, flexíveis e rígidas, consensuais e ao mesmo tempo marcadas por diferenças individuais. Para dar conta desta aparente dualidade as representações sociais são regidas por um duplo sistema, central e periférico.

O núcleo central ou estruturante é determinado pela natureza do objeto representado e tipo de relações mantidas com ele, assumindo duas funções fundamentais: uma geradora, através do núcleo central se cria ou transforma o significado de outros elementos, que constituem a representação e função organizadora. O núcleo central determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação, assim o núcleo central é o elemento unificador e estabilizador da representação. Lima (2009), baseada em Abric (2003), afirma que

dentro do contexto estável que compreende o Núcleo Central alguns elementos serão mais utilizados que outros por sua relação ao objeto.

Sá (1996), baseado em Abric (1994b), atribui ao Núcleo Central as características: está ligado e determinado pelas condições históricas, sociológicas e ideológicas, marcado pela memória do grupo e seu sistema de normas; forma a base comum partilhada pelo grupo; possui função consensual e define a homogeneidade de um grupo. É resistente a mudanças e estável assegurando a permanência e a continuidade da representação, é relativamente independente do contexto imediato onde a representação se evidencia. Para Sá,

...o núcleo central, por mais importante que seja seu papel na definição do significado de uma representação social e na organização dos seus demais elementos, chamados “periféricos”, não esgota o conteúdo a as formas de funcionamento da representação na vida cotidiana (1995, p. 72).

O sistema periférico constitui-se como complemento indispensável do núcleo central, é ele que protege esse núcleo, atualiza e contextualiza constantemente suas determinações normativas e permite uma diferenciação em função das experiências cotidianas nas quais os indivíduos estão imersos. Em poucas palavras, os elementos do sistema periférico proveem da interface entre a realidade concreta e o sistema central. Abric (2000, p. 31) é enfático em afirmar que “eles constituem o essencial do conteúdo da representação: seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos”.

O sistema periférico responde a três funções primordiais: concretização, regulação e defesa. A função de concretização permite a formulação da representação em termos concretos, prontamente compreensíveis e assimiláveis; a função de regulação garante a estabilidade do núcleo central e a função de defesa; o sistema periférico tem a finalidade de defender o sistema central, que pode sofrer abalos devido a mudanças de ordem social, cultural.

Flament (2001) avança em seus estudos sobre o papel deste sistema periférico, avalia que na realidade os elementos periféricos são esquemas estabelecidos pelo núcleo central. Destes esquemas resultam três características: prescrição de comportamento, modulação personalizada das representações e condutas associadas e proteção do Núcleo Central.

Conforme Abric (2000), é de fundamental importância o Sistema Periférico como componente da representação, pois associado ao sistema central, ele permite a ancoragem na realidade, reconhecendo com Claude Flament o valor desempenhado desses elementos para o funcionamento da representação.

Vários estudos ajudam Flament (2001) a identificar o papel preponderante das práticas no desenrolar de transformações nas representações sociais, enfatizando o papel dos esquemas periféricos. Aponta que algumas circunstâncias podem conduzir uma população a desenvolver práticas anacrônicas às suas representações, o que se inscreve inicialmente nos esquemas periféricos, modificando-se para proteger o Núcleo Central.

No sentido de equacionar a relação teoria e prática, Sá (1996) lembra que Flament considerou a relação entre práticas e representações, tomada como dimensão relevante para a abordagem do Núcleo Central. Para o autor, as referidas relações merecem os seguintes questionamentos como: as práticas sociais determinam as representações? As representações sociais determinam as práticas? Ou as duas são indissociáveis ou interdependentes?

Sá (1996), com base em Abric (1994b), conclui que as representações devem ser tomadas como condição das práticas e as práticas como vetor de transformação das representações, mesmo as duas se engendrando uma a outra. Enfatiza em sua análise a determinação das práticas pelas representações, provavelmente com base nas demonstrações empíricas disponíveis no campo das representações sociais (p. 88).

Vale salientar a importância do interesse de Abric (2000) relativo às práticas na transformação da representação. A questão proposta por ele apresenta os seguintes termos: “o que acontece quando os atores sociais são levados a desenvolver práticas sociais em contradição com seu sistema de representações?” (p. 35). Com o objetivo de solucionar esta questão, o autor parte da noção de reversibilidade da situação, trazido por Flament, onde se o ator social considerar que a situação é reversível, elementos novos e discordantes estarão associados à representação através de uma alteração no sistema periférico; porém se julgar que ela é irreversível, as práticas novas e antagônicas acarretarão consequências sobre a representação. Por isso, dizemos que os processos de alteração a serem desenvolvidos são de natureza diferente, caso a situação seja apreendida como

reversível ou não. Melhor dizendo, a forma como os sujeitos apreendem as alterações externas tem papel fundamental na dinâmica entre novas práticas e representações sociais.

As alterações das RS são evidenciadas por Abric (2000) por meio de três tipos: transformação resistente, transformação progressiva e transformação brutal.

A transformação resistente diz respeito ao aparecimento no Sistema Periférico de “esquemas estranhos”, que evitam o questionamento do Núcleo Central; ocorrem quando práticas novas e contraditórias ainda são gerenciadas pelo Sistema Periférico e por mecanismos de defesa. A transformação progressiva se efetiva sem ruptura onde os esquemas ativados vão, paulatinamente, se integrando ao do Núcleo Central fundindo-se com eles para formar uma nova representação. Ela ocorre quando práticas novas não são totalmente contraditórias com o Núcleo Central. A transformação brutal se dá quando o Núcleo Central da representação é diretamente atacado sem chance de lançar mão dos mecanismos defensivos do sistema periférico, ocorre quando novas práticas de caráter irreversível são ativadas.

Salientamos que a noção de reversibilidade foi proposta por Flament, partindo da hipótese de condicionalidade das cognições que formam uma representação. De acordo com Sá (1996), as ponderações que culminaram com a criação desse critério conceitual, ou seja, o caráter absoluto ou condicional dos elementos das representações sociais, se originam em uma reapreciação crítica de várias pesquisas experimentais conduzidas pelo Grupo de Midi. O autor parte primeiramente do argumento de que as cognições são prescritivas. Flament, citado por Sá (1996), diferencia as prescrições em “absolutas” (que aparecem no discurso) e prescrições “condicionais” (que predominam na cognição).

Em síntese, o sistema periférico constitui-se como um subconjunto das representações sociais, fazendo a mediação entre a realidade concreta e o sistema central. Essa mediação está mais associada a características individuais, contexto imediato e contingente no qual os indivíduos estão mergulhados. Em virtude disso, esse subsistema exerce um papel fundamental no processo de transformação das representações sociais, uma vez que através desse intercâmbio do sujeito com a dinâmica social é possível compreender de que forma as novas práticas interferem nas representações a ponto de alterá-las.

Para gerar representação, o objeto deve ser relevante, circular socialmente, e dispor para um determinado grupo social de um conjunto de imagens, opiniões e informações; o acesso ao objeto se produz através do discurso dos sujeitos. Jodelet (1984) ao estudar o corpo considerou-o objeto de representações sociais por duas razões: devido às tendências das pesquisas atualmente nas ciências humanas, e seu caráter especial, ou seja, ser objeto privado e público ao mesmo tempo, intimamente ligado às áreas da psicologia, sociologia e cultura.

As representações sociais são construídas ao longo da história, influenciadas pela cultura e pela ciência. Como afirma Moscovici (1978, p. 26), são construídas socialmente e influenciam no pensamento e na conduta social, tendo por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Assim, entendemos que o corpo é, para os professores de esporte, um objeto de representação social.

Sá (1998) entende que um fenômeno constitui-se em um objeto representacional dado o modo como cada um o vê e utiliza, e como ele se encontra implicado consistentemente na prática de um grupo. Assim, o corpo atende aos requisitos apontados pelo autor, se constituindo em objeto de representações sociais do grupo de professores de esporte. Enfatizamos que por meio da teoria do Núcleo Central procuraremos identificar as representações sociais de “corpo” construídas por professores de esporte.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa por trabalharmos com *software* e números. Qualitativa, por procurar através dos números e também do que foi justificado pelos sujeitos capturar os sentidos e significados referentes ao corpo, partilhados entre professores de esporte na escola. A abordagem qualitativa, segundo Ludke e André (1986), abarca características básicas: tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é maior do que com o produto e o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.

O presente estudo parte de inquietações construídas ao longo de nossa prática, pois como afirma Minayo (1999, p. 93),

ninguém coloca uma pergunta onde nada se sabe da resposta, pois então não haveria o que perguntar. Todo saber está baseado em pré-conhecimento, todo fato e todo dado já são interpretações, são maneiras de construirmos e selecionarmos a relevância da realidade.

Ressaltamos que nas análises de Representações Sociais é imprescindível o conhecimento de três componentes: conteúdo, estrutura interna e núcleo central. Segundo Abric (1994), citado por Sá (1996), vários métodos para sua coleta são encontrados na literatura; ele classifica como: métodos para levantamento do conteúdo, recuperação das estruturas e testagem da centralidade, sendo os últimos imprescindíveis para a construção do objeto de pesquisa com base na teoria do Núcleo Central, uma vez que os métodos para levantamento do conteúdo em outras abordagens não asseguram o acesso às estruturas de acordo com a abordagem iniciada por Abric. Assim, o autor aponta que são os métodos para testar a centralidade que especificam este desdobramento, exigindo o balizamento da organização interna das representações e a identificação dos elementos centrais.

Seguindo as orientações de Abric, nossa pesquisa envolveu 95 professores, utilizando como procedimento de coleta a Técnica de Associação Livre de Palavras e como termo indutor a palavra *corpo*, como procedimento de análise o Quadro de

Quatro Casas, construído através do software *Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations* (EVOC), versão 2000, criado por Pierre Verguès.

3.1 Procedimento de coleta: Associação Livre de Palavras

Há uma série de procedimentos a serem utilizados pelo pesquisador para apreender o objeto de investigação, ou representações sociais. A esse respeito, por exemplo, Oliveira *et al.* (2005) salientam a importância da interrelação dos procedimentos de coleta e de análise dos dados como um desafio para o pesquisador.

As referidas autoras, respaldados em Abric, apontam que a qualidade das informações coletadas irá determinar a validade dos resultados obtidos e das análises que serão realizadas. Salientam que o sucesso do pesquisador em representações sociais está antes relacionado aos instrumentos que utiliza para apreender seu objeto. No âmbito da abordagem estrutural das representações sociais, os instrumentos buscam acessar a estrutura interna e o conteúdo das representações. Nesse sentido, a perspectiva teórica de Abric e do Grupo de Midi incentivou a especulação de métodos, uma vez que os métodos clássicos como o questionário e a entrevista não atendiam a estes objetivos.

O método das evocações ou associações livres é enfatizado por Abric (1994), citado por Oliveira *et al.* (2005), como um dos que permite reduzir as dificuldades e limites das expressões discursivas. Conforme Oliveira *et al.* (2005), evocar significa trazer à lembrança. A técnica das evocações livres ou associações livres tem origem na psicologia clínica, tendo por objetivo localizar as zonas de bloqueamento, onde há uma detenção súbita e transitória, no curso do pensamento, de forma inconsciente. Nesta zona de detenção, o indivíduo não quer admitir certas ideias, sentimentos e desejos que fazem parte da vida psíquica (BARDIN, 1977) e o estímulo à evocação possibilita essa liberação.

A utilização do teste de evocação como técnica de coleta de dados em pesquisas de representações sociais se respalda nas possibilidades de apreender projeções mentais de forma espontânea e descontraída, revelar conteúdos latentes que podem estar mascarados no discurso, além de se obter um conteúdo semântico

de forma rápida e objetiva, diminuindo as dificuldades e os limites das expressões discursivas convencionais.

Em linhas gerais, a associação livre de palavras consiste em pedir ao indivíduo que evoque um número de palavras ou expressões afins a um objeto a partir de um estímulo que lhe é apresentado. Pode-se também solicitar um número específico de palavras, seguindo-se de um trabalho de hierarquização dos termos produzidos em ordem decrescente, permitindo acesso aos núcleos de sentido partindo de uma composição semântica preexistente. De acordo Oliveira *et al.* (2005), esta composição geralmente é muito concreta e imagética, organizada ao redor de alguns elementos simbólicos. A técnica permite alcançar a representação de um objeto (pessoas, profissões, religiões, ideias conceituadas), além de visualizar dimensões estruturantes do universo semântico, específico das representações sociais.

Chamamos atenção de que mesmo sendo uma técnica proveitosa para coletar os elementos que constituem o conteúdo das representações sociais, sua interpretação não é simples e não pode ser tomada isoladamente.

Oliveira *et al.* (2005) afirmam que a associação livre é uma técnica eficiente o que vem elucidar sua escolha por grande número de pesquisadores, porém sua interpretação deve ser tomada associada a outros procedimentos. Com base em Le Bouedec (1984), os autores apontam que os pesquisados podem elaborar as associações de três formas: por similaridade, por contraste e por contiguidade.

As autoras, citando Vergès (1992), afirmam que a técnica simples pode ser usada isoladamente ou em conjunto com outras, entre elas a entrevista ou o questionário. Os dados podem ser confrontados com variáveis como sexo, idade, escolaridade, renda familiar, que poderão apontar nos subgrupos diferenças entre representações.

Tura (1997), citado por Oliveira *et al.* (2005), adverte que antes da coleta de dados os participantes da pesquisa devem ser orientados sobre o desenvolvimento da técnica, sugere um treinamento prévio, exemplificando com outro termo indutor que não esteja relacionado à pesquisa, tornando a técnica um exercício lúdico onde seja possível o *rapport* inicial para a entrevista, aproximando pesquisador e pesquisado, num ambiente favorável à concentração e reflexão, com o mínimo de interferência externa.

As formas de registro da associação livre podem ocorrer através de formulário impresso, na sua estruturação contendo espaços para as palavras ou expressões, bem como para numeração correspondente à ordem de evocação realizada, podendo ser auto-aplicadas, ou gravadas em áudio.

Cabe ao pesquisador, em função de seu objeto de pesquisa, definir o número de palavras ou expressões evocadas, limitando este número a no máximo seis palavras, uma vez ter sido observado que a partir de sete palavras evocadas há um declínio na rapidez das respostas, descaracterizando o caráter espontâneo e natural das evocações livres.

Alguns procedimentos adicionais poderão ser adotados pelo pesquisador, como sublinhar a palavra mais importante na visão do pesquisado; justificar essa escolha poderá ser outro, ou ainda construir pares de palavras que estejam associadas, ou até separar pares de palavras semelhantes (caráter de similitude), de outros pares que sejam dessemelhantes. Essas variantes metodológicas estão sempre relacionadas à análise, aos objetivos e ao objeto do estudo.

Normalmente a técnica de evocação livre é utilizada pelo pesquisador associada a um procedimento complementar apoiada na abordagem estrutural das representações sociais ou à teoria do Núcleo Central. Assim, não só o conteúdo, mas a organização deste conteúdo, deve ser pesquisado para delimitar o núcleo central da representação (SÁ, 1996).

Participantes

Os participantes deste estudo são professores de esporte na escola. A opção por trabalhar nesta pesquisa com esses professores decorreu da resistência desses sujeitos às mudanças conceituais no campo. Diferentemente dos demais professores de Educação Física, esses profissionais sempre foram mais resistentes a aceitar os novos paradigmas emergentes na área. É comum na área haver diferenças: identificamos os profissionais presos às Ciências Naturais e os mais ligados às Ciências Sociais. Tendo em vista o movimento no campo, optamos por ouvir os mais resistentes.

Para definição do grupo participante consideramos os critérios: ser graduado em Educação Física e atuar como professor de esporte na escola pública ou privada⁷.

Percurso da pesquisa

Para iniciar o nosso trabalho de campo, de forma a ter acesso aos professores de esporte, escolhemos os congressos técnicos para os Jogos Escolares 2009. Esses congressos constituem-se como reuniões de professores organizadas por modalidades esportivas que antecedem as competições. Trata-se do espaço onde se discutem os regulamentos, sorteio de chaves de jogos, e demais informações. A escolha desses eventos para coleta de dados ateu-se ao critério: agregar um número expressivo de professores num mesmo local e com certo grau de concentração para responder ao questionário.

Para ter acesso ao agendamento desses congressos e oficializarmos nossa entrada no campo, visitamos a Gerência Geral de Esportes a fim de ter autorização para realizar a pesquisa. Nessa gerência fomos informadas de que essa Gerência organiza os Jogos Escolares da rede privada e que, na rede pública, os Jogos são organizados em separado pelas Gerências Regionais de Escolas (GRES). O município do Recife possui quatro GRES que atendem às áreas: Recife Norte, Recife Sul, Metro Norte e Metro Sul. Nossa coleta centrou-se nas duas primeiras áreas de atuação, ou seja, GRES norte e sul.

O primeiro congresso foi organizado pela Gerência Geral de Esportes no dia 14 de Abril de 2010; tratou sobre esportes coletivos e os participantes foram professores da categoria juvenil, masculino e feminino. Dele participaram onze escolas particulares. Observamos que alguns professores enviaram suas inscrições, mas não compareceram; chegamos uma hora antes do início das atividades e fomos apresentadas ao grupo e todos os presentes se prontificaram a colaborar com a pesquisa.

Nesse contato inicial, fizemos a apresentação do objetivo da pesquisa, solicitamos a participação do grupo e, em seguida, procedemos à distribuição e à

⁷ O esporte na escola existe de duas maneiras: como conteúdo do componente curricular Educação Física e/ou como aula de treinamento de determinada modalidade esportiva, na Rede Privada este professor é contratado pela escola com tempo, espaço e material na Rede Pública essas aulas são regulamentadas pela Instrução Normativa 02 de 2002.

orientação dos questionários. Explicamos detalhadamente o questionário de associação livre pedindo que escrevessem imediatamente as cinco palavras que viessem à mente ao pensar em “corpo”. Para exercitar a técnica demos o exemplo utilizando a palavra ave. Explicamos: *“quando pensam em ave do que vocês se lembram de imediato, assim vocês devem fazer com a palavra corpo e escrever essas palavras neste espaço”*, mostrava no protocolo com questionário. *“Em seguida, após escreverem as cinco palavras, vocês deverão escolher, dentre elas, a que julgam mais importante para definir o corpo, justificando a escolha dessa palavra”*.

Em virtude do reduzido número de professores (doze) presentes ao primeiro congresso, nos programamos para participar de outros ou procurar individualmente alguns professores que viessem a contribuir com a nossa pesquisa, completando o número antes definido e planejado.

Nosso segundo momento de contato foi durante o segundo congresso técnico realizado no dia 30 de abril de 2010, com os professores da categoria infantil nas modalidades coletivas: vôlei, basquete, handebol, futebol e futsal, depois os professores da categoria juvenil, masculino e feminino, nas mesmas modalidades. Nesse Congresso repetimos os mesmos procedimentos anteriores de apresentação da pesquisa e orientação para responder ao questionário.

Por não termos conseguido chegar ao número de participantes que definimos para a nossa pesquisa nos dois congressos, partimos então para os contatos com os coordenadores de escolas com um quadro de professores mais numeroso, como Santa Emília em Olinda, Madre de Deus, Primeiro e Grande Passo, Boa Viagem, Motivo, Maria Teresa, Santa Maria, Santos Dumont, Fernando Mota, em Boa Viagem São Luis, Salesiano, na Boa Vista. Visitamos as referidas escolas, aplicamos o questionário seguindo o mesmo procedimento de orientação adotado nos congressos. Mesmo fazendo o contato direto com as escolas não conseguimos completar a nossa amostra.

Fizemos coleta, ainda, durante o terceiro congresso técnico de esportes coletivos, no dia 12 de Maio de 2011 com as modalidades: vôlei, basquete, handebol, futebol e futsal, e o quarto congresso que foi voltado para esporte individual; xadrez, ginástica rítmica, atletismo e natação. Sempre procedemos da mesma forma dos anteriores no que diz respeito à orientação para responderem ao

questionário e à associação livre de palavras. Convém dizer que o número de participantes de nossa pesquisa nesses dois últimos eventos foi menor por duas razões: alguns deles já haviam participado dos eventos anteriores ou não eram professores de educação física, uma vez que alguns desses esportes individuais, como no caso do xadrez, não é exigida a formação em educação física, critério também adotado para escolha dos participantes.

Ao longo da coleta, percebemos reduzida participação dos professores nos congressos, ouvimos comentários de que essa participação vem diminuindo a cada ano e, ainda, que são as escolas da rede privada as que possuem estrutura para que o esporte aconteça, uma vez que dispõem de tempo, espaço e material para essa prática. Em relação às escolas da rede pública confirmamos suas dificuldades de tempo, espaço e material para a prática. No que se refere ao tempo, por exemplo, é somente quando existe uma “sobra” de carga horária que o esporte é incorporado às práticas e geralmente tem sido o professor mais antigo que vem assumindo a atividade.

3.2 Procedimento de análise das Evocações Livres: construção do Quadro de Quatro Casas

Segundo Oliveira *et al.* (2005), para análise do material coletado através da evocação livre primeiramente procura-se capturar o sistema de categorização utilizado pelos sujeitos, em seguida procurar-se reordenar esse conteúdo, tornando clara a sua estrutura subjacente. Os autores consideram importante para o tratamento dos dados os elementos frequência e ordem de aparição dos termos evocados. Consideram que os termos que atendam, simultaneamente, aos critérios frequência e ordem paritária de evocação seriam mais importantes nos esquemas do sujeito e, possivelmente, pertencem ao Núcleo Central da representação.

O Quadro de Quatro Casas capta em um primeiro momento o conteúdo caracterizado pelos sujeitos, no momento seguinte este conteúdo é reordenado evidenciando a estrutura subjacente. O tratamento destes dados se realiza baseado em alguns critérios de importância, quais sejam, frequência e a ordem de aparição dos termos produzidos.

O tratamento dos dados coletados por meio das evocações, conforme Vergés (1999) em *L'analyse des evocations*, constitui-se como importante auxílio para organização dos dados, principalmente na identificação de discrepâncias advindas da variedade de sentidos do material coletado, como também na realização do Quadro de Quatro Casas.

Baseado num dicionário de palavras produzidas por uma população de sujeitos, o *software* EVOC calcula e informa a frequência simples de aparição de cada palavra evocada, média ponderada dessas evocações e média das ordens médias ponderadas do conjunto dos termos evocados. Com esses dados o pesquisador define um ponto de corte para as frequências. Com base no valor de corte organiza as informações para construção do chamado “Quadro de Quatro Casas”, ou seja, distribuição em quatro quadrantes, onde se localizam o núcleo central elementos intermediários, primeira periferia, elementos de contraste e segunda periferia da representação. Nessa distribuição das palavras nos quadrantes são consideradas a frequência média de ocorrência de palavras e a média das ordens médias de evocação.

Na leitura do Quadro de Quatro Casas, cada quadrante traz uma informação para que a representação seja analisada. No quadrante superior esquerdo provavelmente estão os elementos do núcleo central da representação estudada; no quadrante superior direito, os elementos da primeira periferia; no quadrante inferior esquerdo, elementos de contraste e no quadrante inferior direito, os elementos da segunda periferia ou os mais periféricos. De acordo com Oliveira *et al.* (2005), baseadas em Abric (1993), o núcleo central agrupa os elementos de maior importância e significado, sinônimos e arquétipos associados ao objeto. Já na primeira periferia estão presentes elementos periféricos mais importantes; na zona de contraste estão os elementos com baixa frequência, mas de importância para os sujeitos; eles revelam elementos que reforçam as noções presentes na primeira periferia, ou um subgrupo minoritário com representação diferente. Na segunda periferia estão situados os elementos menos frequentes e de baixa importância de uma representação.

Para Oliveira *et al.* (2005), o *software* EVOC constrói matizes de co-ocorrências, através de cálculos estatísticos, servindo de base para dois tipos de análises: a construção do Quadro de Quatro Casas e análise de similitude.

A descrição do funcionamento deste software conforme Oliveira (2000) se faz em várias etapas. A primeira consiste em digitar no formato word todas as evocações em sua forma bruta, considerando as variáveis de sexo, idade, relação de trabalho, renda, codificadas no formato word. A segunda etapa consiste na correção ortográfica das palavras e termos evocados, bem como a redução, através da supressão de artigos das frases e expressões que por seu tamanho dificulte o processamento do *software*, deixando apenas o núcleo da frase. O terceiro momento do EVOC diz respeito à padronização de termos e palavras evocadas, ou seja, o agrupamento de palavras com significados muito próximos, convertendo-os numa mesma designação, para homogeneização do conteúdo. Por fim, os arquivos são transformados em texto para serem processados pelo *software*.

Ressaltamos que, apesar do *software* EVOC ser composto por dezesseis programas, para construção do Quadro de Quatro Casas deste estudo apresentado mais adiante executamos cinco deles: *Lexique*, *Trievoc*, *Netoie*, *Rangmot* e *Tabrgfr*. No tratamento dos dados coletados através da associação livre, digitamos com o auxílio do referido *software* todas as evocações na sua forma bruta no programa *Excel*, considerando a palavra de maior importância atribuída pelos professores.

Segundo Oliveira *et al.* (2005), os primeiros passos do *software* são o *Lexique* e *Trievoc* que preparam para o *Netoie*, em que o pesquisador realiza uma revisão do conteúdo do arquivo, corrigindo palavras com erros que podem ser de digitação ou ortografia, padronizando-as para uma homogeneização do conteúdo, por exemplo, temos a palavra sadio, saudável e saúde, prevalecendo nesse caso a palavra saúde por ter sido a mais evocada.

Na etapa seguinte realizamos o *Rangmot*, que fornece uma lista em ordem alfabética e os respectivos cálculos estatísticos como a frequência total de cada palavra, sua colocação e a OMI (Ordem Média de Importância) de cada uma delas. Outras informações também são fornecidas como quantas palavras evocadas foram diferentes, frequência total, bem como a MOMI (Média das Ordens de Importância) do conjunto de termos.

O último passo do processamento das palavras no *software* foi o *Tabrgfr*. Nele os termos foram distribuídos no Quadro de Quatro Casas, cruzando a frequência das palavras, a ordem média de importância atribuída pelos professores às palavras com os respectivos valores de corte dos quadrantes.

Como já dissemos, a metodologia desta pesquisa se alinha com a Teoria do Núcleo Central. Essa abordagem se preocupa em revelar conteúdo, estrutura interna e centralidade das Representações Sociais. Como procedimento complementar, analisamos a justificativa da escolha da palavra mais importante pelos professores.

3.3 Caracterização do grupo pesquisado

Este estudo contou, inicialmente, com a participação de 116 professores das redes pública e privada do Recife/PE. Para construção da amostra observamos os critérios: ser graduado em Educação Física e trabalhar com o treinamento esportivo na escola. Do grupo de respondentes cinco (5) foram excluídos por não serem graduados e mais dezesseis (16) desses questionários foram desconsiderados por não terem atendido à orientação prévia que oferecemos, qual seja, indicar as cinco palavras que associavam à palavra “corpo”. Nesses formulários estavam escritas menos palavras do que o número solicitado. Assim, restaram como participantes noventa e cinco (95) professores de Educação Física que trabalham com o treinamento esportivo na escola. A faixa etária desses professores varia entre 21 e 64 anos. O quadro 1 apresenta a faixa etária do grupo em intervalos de dez anos.

Quadro 1 – Faixa Etária dos participantes

Faixa etária	f	%
21 a 30 anos	15	15,80
31 a 40 anos	21	22,10
41 a 50 anos	35	36,85
51 a 60 anos	21	22,10
61 em diante	2	2,10
Não informou	1	1,05
Total	95	100,00

Como se observa no Quadro 1, há uma maior concentração de participantes na faixa de idade entre 41 a 50 anos, indicando se tratar de um grupo maduro. O que constatamos ao iniciarmos a pesquisa foi que alguns professores da rede pública com mais idade complementam sua carga horária com o treinamento de alguma modalidade, enquanto na rede privada os professores que vão se

destacando através de resultados e experiência permanecem numa mesma modalidade.

De acordo com o Quadro 2, com relação gênero, a grande maioria dos professores participantes é do gênero masculino 61,05% e 38,95% são de gênero feminino.

Quadro 2 – Distribuição dos participantes por gênero

Gênero	f	%
Masculino	58	61,05
Feminino	37	38,95
Total	95	100,00

É importante observar que em quase todas as faixas de idade o gênero masculino predomina. Especialmente na faixa entre 41 a 50 anos ocorre aumento substancial no número de participantes inclusive do gênero masculino, o que se equipara no grupo subsequente, entre 51 a 60 anos idade.

No Quadro 3 apresentamos o grupo de professores participantes, cruzando duas variáveis: faixa etária e gênero.

Quadro 3 – Faixa etária e gênero dos participantes

Faixa Etária	f	Gênero			
		Masc.		Fem.	
		f	%	f	%
20 a 30 anos	15	7	7,37	8	8,42
31 a 40 anos	21	10	10,53	11	11,58
41 a 50 anos	35	30	31,58	05	5,26
51 a 60 anos	21	11	11,58	10	10,53
60 em diante	2	02		-	-
Não informou	01				
Total	95				

De acordo com o que está posto no Quadro 4, dos participantes 65,25% fizeram Pós-graduação *lato sensu*. Os dados revelam que é um grupo em busca de formação continuada; essa formação foi, de modo geral, realizada na área de atuação, ou seja, em treinamento desportivo, na modalidade em que atua ou em

treinamento de forma geral, também, em Fisiologia do Exercício, que consideramos uma área afim ao treinamento na Educação Física. A formação continuada (cursos de Pós-graduação) ocorreu tanto em instituições públicas como UPE e UFPE, como em instituições privadas como UGF, UNIVERSO, UNICAMP, IBGM, UNB, Estácio de Sá, Veiga Almeida, UFSP, UNOPAR.

Quadro 4 – Nível de formação dos participantes

Nível de Formação	f	%
Graduação	20	21,05
Pós-graduação <i>lato sensu</i> em treinamento ou áreas afins	43	45,25
Pós-graduação <i>lato sensu</i> em outras áreas	19	20,00
Não informou	13	13,70
Total	95	100,00

O Quadro 5 apresenta a rede de ensino em que os participantes atuam. Dos 95 participantes, 34 atuam na rede pública. As escolas em que atuam são: Padre Naércio Rodrigues de Melo, Brigadeiro Eduardo Gomes, Sargento Camargo, São Miguel, Nestor Gomes de Moura, Norma Coelho, Ginásio Pernambucano, José Maria, Rosa de Magalhães, Fernando Mota, Assis Chateaubriand, Olindina Alves Semente, Isaura de França, João Barbalho, Eleonor Rosevelt, ECAM, Padre Machado, IFPE, Dom Vital, Aníbal Fernandes, Escola Dona Maria Corrêa, Escola São Francisco de Assis, Santos Dumont, EDMTC, Marechal Rondon, Escola Mariano Teixeira, Helena Pugó e Diário de Pernambuco.

A maior parte dos participantes (57) atua na rede privada, nas escolas: Madre de Deus, Damas, Primeiro Passo, Grande Passo, Auxiliadora, Santa Emília, Imaculado Coração de Maria, Motivo, Único, Marista São Luis, Anglo, Atual, Visão, Academia Cristã de Boa Viagem, Colégio Maria Teresa, Salesiano, Imaculada Conceição, Colégio Barra de Jangada, Colégio Boa Viagem, Vera Cruz, Birô Jurídico, Colégio 2001, Colégio Santa Maria, NAP, Colégio Dourado. Três participantes atuam em ambas as redes e um deles não informou a rede de ensino em que atua.

Quadro 5 – Redes de ensino em que os participantes atuam

REDE DE ENSINO	f	%
Pública	34	35,79
Privada	57	60,0
Publica e privada	03	3,16
Não informou	01	1,05
Total	95	100,0

No Quadro 6 apresentamos o tempo de atuação dos participantes como professor de esporte. Como se verifica no referido quadro, 15 professores (15,78%) têm até 5 anos de atuação, 13 professores (13,68%) de 6 a 10 anos de atuação, 13 professores (13,68%) estão com 11 a 15 anos de atuação, 12 professores (12,64%) têm entre 16 a 20 anos de atuação, 19 professores (20,01%) têm entre 21 a 25 anos de atuação, sendo esta a faixa com maior número de professores, 11 professores (11,58%) têm entre 26 a 30 anos de atuação e 10 professores (10,52%) têm de 31 anos em diante de atuação como professor de esporte.

Quadro 6 – Tempo de atuação dos participantes como professores de esporte

Tempo de atuação	f	%
0 a 5 anos	15	15,78
6 a 10 anos	13	13,68
11 a 15 anos	13	13,68
16 a 20 anos	12	12,64
21 a 25 anos	19	20,01
26 a 30 anos	11	11,58
31 anos em diante	10	10,52
Não informou	2	2,11
Total	95	100,00

Conforme Quadro 7, os colaboradores da pesquisa atuam nas modalidades coletiva e individual. A modalidade coletiva diz respeito àqueles esportes praticados em grupo, como futebol, futsal, basquete, vôlei e handebol. A modalidade individual esporte diz respeito a atividades como natação, ginástica rítmica e atletismo.

Quadro 7 – Modalidade Esportiva em que os professores atuam

Modalidade	<i>f</i>	%
Individual	21	22,10
Coletivo	57	60,00
Não informou	17	17,90
Total	95	100,00

Como apontamos em nossos objetivos, a caracterização do grupo pesquisado nos ajudou a comparar as representações sociais de corpo dos professores a partir das diferentes variáveis apresentadas fazendo o esforço de confrontá-las.

CAPÍTULO 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise dos Dados

Como já dissemos os dados coletados através da técnica de associação livre de palavras foram processados através do *software de programmes permettant l'analyse des evocations* (EVOC 2000) que gerou o Quadro de Quatro Casas.

O referido quadro organiza as palavras de acordo com a frequência e ordem de evocação média (OEM). Para o presente estudo levamos em conta a média das frequências (MF) e a média das ordens de evocação (MOME), além dos elementos mais frequentes e imediatamente apontados como mais importantes, a média de frequência (MF) e a média das ordens de importância (MOMI).

No Quadro de Quatro Casas os termos foram distribuídos nos quadrantes de acordo com a MF e a MOMI das palavras. Dentro dos dois critérios de maior importância adotados para distribuir os termos nos quatro quadrantes, podemos citar a frequência média de ocorrência de palavras e média das ordens médias de evocação das palavras. Esses comporão os valores dos eixos x e y, e ao se cruzarem determinam os limites de cada quadrante.

Como já afirmamos antes, para leitura do Quadro de Quatro Casas, Oliveira *et al.* (2005) considera a disposição das palavras nos quadrantes. Segundo as autoras, encontramos no quadrante superior esquerdo, provavelmente, elementos do núcleo central da representação estudada; no quadrante superior direito localizamos os elementos da primeira periferia; no quadrante inferior esquerdo, elementos de contraste e no quadrante inferior direito estão os elementos da segunda periferia ou os mais periféricos da representação.

No total foram 381 palavras citadas, 159 são diferentes no conjunto de palavras, o que aponta certa dispersão no grupo. Para a frequência mínima, no corte observamos a recomendação do EVOC.

No Quadro 8, apresentamos os resultados processados pelo EVOC, o Quadro de Quatro Casas. No seu primeiro quadrante localiza-se o provável núcleo central das representações sociais de corpo por professores de esporte apresentado através das palavras: **expressão**, **movimento** e **saúde**. Na primeira periferia encontramos a palavra **força**. Na zona de contraste encontramos **atividade física**,

equilíbrio, cultura, estética e liberdade, e segunda periferia localizam-se os termos **beleza, comunicação, coordenação, cuidado, esporte, flexibilidade, performance e vida**.

Quadro 8 – Conteúdo geral e possível estrutura das representações sociais do “corpo” entre professores

F$\geq$10 / OMI $<$2,5			F$\geq$10 / OMI $>$ 2,5		
	<i>f</i>	OMI		<i>f</i>	OMI
Expressão	14	1,857	Força	13	2,538
Movimento	23	2,174			
Saúde	26	2,346			
F$\leq$5 OMI $<$ 9			F$\leq$5 / OMI $>$9		
	<i>f</i>	OMI		<i>f</i>	OMI
Atividade Física	7	2,286	Beleza	5	2,800
Cultura	5	2,400	Comunicação	7	3,000
Equilíbrio	7	1,714	Coordenação	7	2,571
Estética	7	2,429	Cuidado	8	3,375
Liberdade	5	2,000	Esporte	6	2,833
	5		Flexibilidade	5	3,200
			Performance	6	2,667
			Vida	8	2,625

4.2 Explorando o conteúdo das Evocações do suposto Núcleo Central

No grupo de palavras encontradas no primeiro quadrante, suposto núcleo central, encontramos as palavras **expressão, movimento e saúde**. Estas palavras constituem o conteúdo de base, a saliência da representação social de corpo. O núcleo central é constituído pelas palavras que foram mais prontamente indicadas e

consideradas como mais importantes pelos professores de esporte. Com base no *Grupo de Midi*, podemos afirmar que hipoteticamente estes elementos determinam ao mesmo tempo significação e organização interna da representação de **corpo** dos professores de esporte.

Segundo Guareschi (1995), esses elementos são resistentes a transformações, toda modificação no sistema central gera uma transformação completa nas representações sociais, contudo sendo o Núcleo Central a parte mais estável da representação, não significa que o mesmo não sofra modificações, uma vez que as representações sociais vão sendo reelaboradas e ampliadas no cotidiano através de novos elementos e relações.

A palavra **expressão** foi mais prontamente citada, em primeira mão, **expressão** como forma de linguagem corporal corresponde a todos os movimentos gestos e posturas que tornam a comunicação mais efetiva. A primeira forma de comunicação foi através do gesto. Com o aparecimento da palavra articulada os gestos tornaram-se secundários, contudo eles constituem o complemento da expressão.

Ao justapor a fala e o sentido do gesto corporal, encontramos a intenção de Merleau-Ponty (2006) que busca no corpo a origem do sentido da linguagem. Para o autor, a forma de entendermos o sentido da fala do outro é a mesma que a do gesto corporal que, para o autor, é compreendido na medida em que pode fazer parte do próprio comportamento. A compreensão da noção de linguagem para o autor demanda uma articulação entre as noções de fala, corpo, percepção e expressão. Merleau-Ponty (2006) busca recuperar no movimento o essencial do ato expressivo. Os participantes desta pesquisa apresentam através da palavra **expressão** o entendimento dos signos, na relação com o mundo dando sentido e significado a ação.

Os esportes se comunicam através de uma linguagem universal, codificada por órgãos internacionais onde gestos e expressões se tornam universais, o que oferece oportunidade de comunicação independente de nacionalidade. Na verdade, pode-se considerar a expressão como uma categoria da comunicação não verbal, que é mais ampla, pois engloba as modificações que ocorrem em nosso corpo e influenciam a comunicação.

A expressão corporal é fortemente atrelada ao aspecto psicológico, geralmente é acionada para auxiliar na comunicação verbal. Sobre a expressão, um participante registrou: “A linguagem corporal através da expressão traduz o que o corpo tende a dizer, transmitindo da melhor forma possível as mensagens. A expressão é fundamental na comunicação” (Prof. Esp. Prot. Nº 53)⁸

Esta justificativa para com a palavra apontada como mais importante associada ao corpo vem indicar uma alteração significativa na concepção do corpo biológico, para uma aproximação entre cultura e história, um sujeito historicamente construído e socialmente determinado. Para Tubino (1987), o esporte se diferencia do jogo, que se baseia nos elementos lúdicos como tensão e alegria, no esporte existem diferenças e antagonismos, necessitando ser estudado pelas áreas de conhecimento como psicologia, sociologia, política, para compreensão deste fenômeno. As justificativas dos colaboradores apontam:

“porque através do corpo o ser humano se comunica, constrói **história** e **expressa** sua **cultura** com o passar dos tempos” (Prof. Esp. Prot. Nº 8, grifo nosso);

“a linguagem corporal através da expressão traduz o que o corpo tende a dizer, transmitindo da melhor forma possível as mensagens. A expressão é a ferramenta da comunicação”. (Prof. Esp. Prot. Nº 53);

“Através do corpo é possível realizar atividades, para isso é necessário **expressar-se**, a partir das habilidades e **comunicar-se**”. (Prof. Esp. Prot. Nº 52, grifos nosso).

Outra parte considerável do grupo de professores participantes associa o corpo a **movimento**. Notamos que esta palavra foi indicada pelos professores mais jovens na faixa etária de 20 a 40 anos, interessante notar que no grupo de idades entre 41 a 50 anos as palavras **saúde** e **movimento** se equipararam. Nas justificativas de alguns de nossos colaboradores que associam diretamente corpo a movimento observamos: “Movimento, o corpo exige movimento. Ele é o próprio movimento” (Prof. Esp. Prot. Nº 39). Outros participantes colocam:

⁸ Neste estudo, faremos referências aos participantes utilizando a abreviação Prof. Esp. para professor de esporte seguida do nº do protocolo, questionário que respondeu.

“O corpo é a tela onde se projeta as emoções e é através do movimento que o corpo ganha vida, podendo através dele andar, caminhar, correr, dançar, praticar esportes ou simplesmente estar sentado. São ações que realizamos no nosso dia-a-dia” (Prof. Esp. Prot. Nº 02).

Esse comentário nos sugere um processo anterior ao século XX, mas que tem especificamente, segundo Geiner (2005), um marco com as pesquisas de Delsarte, Dalcrose, pedagogo e compositor suíço, devido ao interesse deles pela singularidade do corpo, gesto e estados corporais, além do ritmo, as imagens espaciais do corpo, a consciência corporal, a imagem de si mesmo. Assim, a representação do corpo se constitui no movimento imaginado que se corporifica na ação. Esta representação se atualiza através dos movimentos renovadores da educação física através de Le Boulch (1986).

Numa concepção mais tradicional, a evocação movimento seria atividade física, exercício. No entanto, o sentido da palavra movimento se reedita com as abordagens críticas da educação física na década de 90, do século passado, forjado numa dimensão de corpo mais crítica, que valoriza a cultura corporal de movimento, dando a essa atividade física nova versão onde o corpo máquina/repetição se transforma em corpo sensível/expressão. Nas justificativas de nossos sujeitos, é nessa perspectiva que a palavra **movimento** se reafirma:

“Movimento, pois representa algo que está em constante mudança, em direções variadas, com gestos diferentes. É algo que sugere novos caminhos”. (Prof. Esp. Prot. Nº 7);

“Movimento, porque é a base de toda expressão do corpo, é a base das raízes do corpo”. (Prof. Esp. Prot. Nº 16).

Para Medina (1990), **movimento** e **saúde** está imbricados, o autor afirma que o significativo interesse da população pelas atividades corporais favoreceu a reflexão nesta área, e ao mostrar os resultados de sua pesquisa com alunos em fase de conclusão do curso de educação física afirma que para os estudantes: “Educação Física é educar pelo movimento, usar o corpo para transmitir, uma educação melhor, e manter uma boa saúde física” (MEDINA, 1990, p. 56).

No que se refere à relação entre **saúde** e **movimento**, Medina (1990) critica o termo **saúde**. Segundo o autor, as pesquisas e estudos na área revelam que,

através da ciência, o conceito evoluiu da ausência de doenças para a de “um estado de bem-estar físico mental e social”. No entanto, esse conceito de saúde na escola como instituição social acaba sendo tratado de forma vaga sem articulação com a educação.

Como já afirmamos, as décadas de 80 e 90 foram de intensa produção científica na área da Educação Física. Muitas obras se destacaram nesse período como: “A Educação Física cuida do Corpo... e “mente”, de Medina (1983), “Educação Física Progressista” de Ghiraldelli (1988), “Educação Física: Ensino Mudanças” de Kunz (1991), “Metodologia do Ensino de Educação Física” do Coletivo de Autores (1992), dentre outros. Estes trabalhos, incorporando referenciais da Filosofia, Antropologia, Política, Sociologia, História, Psicologia e Pedagogia, procuraram revitalizar e ultrapassar os métodos tradicionais vigentes no campo, fornecendo ferramentas teóricas que possibilitam uma revisão das práticas da educação física. A esse respeito destacamos a mudança de foco da performance esportiva, com forte influência das Ciências Biológicas, para a visão pedagógica com forte influência das Ciências Sociais.

Outro exemplo seria a discussão sobre Cultura Corporal de Movimento empreendida por Varjal, Taffarel, Escobar (COLETIVO DE AUTORES, 1992), entre outros, que se constitui como proposta do Estado de Pernambuco para a educação física. No intuito de ressignificar a educação física, esta vertente pedagógica foi publicada no livro “Metodologia da Educação Física”, em 1992, tomado como livro de referência para os professores.

A produção mais renovada no campo da Educação Física pode ter influenciado a formação continuada dos participantes desta pesquisa que evocaram a palavra **movimento**. Apesar dos professores de esporte terem formação inicial fundada em Fisiologia, Treinamento Desportivo na modalidade em que atua ou o Treinamento em geral, essa nova corrente de pensamento circula desde os anos 1990 nos debates e encontros de professores da área.

Essa mudança de paradigma entre os professores de Educação Física e esporte foi observada por Alves (2003). Ao estudar as concepções filosóficas de corpo implícitas no projeto esporte educacional nas escolas de Pernambuco, constatou que 30% deles optam explicitamente pelo esporte rendimento e 70% procuram dar um novo enfoque às suas práticas. Segundo ela, fica claro que há uma

tentativa da superação da dicotomia corpo e mente por parte dos participantes do projeto. O sucesso do projeto em Pernambuco se deveu à influência da proposta elaborada pelo Coletivo de Autores, e sua difusão nos cursos de graduação em Educação Física e pós-graduação na área escolar.

Esse novo enfoque se disseminou entre os profissionais da área. O conceito de cultura corporal de movimentos, por exemplo, parte das críticas realizadas por Dieckert (1987) ao esporte de rendimento. O referido autor defende uma educação física mais humana embasada na concepção do “Esporte para Todos”, discutida e apoiada na “nova antropologia” que pusesse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”. Essa cultura própria do nosso povo foi definida por Dieckert como: construções que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país.

A ideia de cultura corporal, segundo os autores da obra coletiva, é carregada de sentido e significado, historicamente situada num contexto através do jogo do esporte, ginástica, dança e luta. O homem, partindo de suas necessidades materiais, cria historicamente, compreende e explica a realidade.

Ao apontar **movimento** como palavra mais importante para definir corpo, um participante coloca exatamente o que está posto no Coletivo de Autores: “Movimento corporal nas suas diversas facetas dança, luta, ginástica, jogo e esportes” (Prof. Esp. Prot. Nº 26).

Os autores do coletivo tomam por categorias de base além da cultura corporal, a reflexão pedagógica, história, historicidade e currículo na concepção crítica.

Abric (2000) enfatiza que o núcleo central é determinado pela natureza do objeto, tipo de relações que o grupo mantém com esse objeto, e sistema de valores e normas sociais do contexto em que está inserido o grupo. A esse respeito, constatamos que para os professores de esporte o conteúdo da representação social de corpo está impregnado das suas referências teóricas de base, suas práticas na escola preconizadas pelas orientações curriculares aliadas àquelas que vêm circulando no campo desde o final do século passado. Percebemos que palavras como **movimento** e **expressão** estão articuladas quando o professor de esporte se refere ao corpo. Um dos nossos colaboradores nesta pesquisa, por exemplo, apontou: a partir do movimento o indivíduo passa a se comunicar

expressando suas intenções, sentimentos, além de melhorar sua condição de consciência corporal e a nível de condicionamento físico” (Prof. Esp. Prot. Nº 54).

Na justificativa acima observamos a palavra **movimento** aliada à **expressão** e à oscilação entre duas concepções de movimento diferentes como consciência corporal e como condicionamento físico. Outra justificativa aponta tanto **movimento** em primeira mão, quanto **força**:

“Um corpo sem movimento é um corpo sem vida, além de o movimento gerar todas as outras palavras citadas na questão acima (Vida, movimento, força, imagem, personalidade). Já que a mente e o corpo são um só” (Prof. Esp. Prot. Nº 11).

Em algumas justificativas, a palavra movimento aparece em um binômio “movimentar-se para ter saúde”. Como afirmou um professor: “através do movimento eu posso ter qualidade de vida, através da ação eu posso jogar, posso brincar, posso relaxar e conseqüentemente ter saúde” (Prof. Esp. Prot. Nº 44).

Nesse sentido, a palavra **movimento**, ligada a uma concepção de corpo mais atualizada, altera a prática que orienta o professor em seu trabalho, muito embora a criação de sentido seja na saúde do corpo uma concepção tradicional. Isso indica uma resistência na transformação oscilando entre o atual e o tradicional.

Ao contrário ocorre na ligação da palavra **expressão/movimento**. Sobre isso, Kunz (2006) destaca nas diferentes interpretações do movimento humano quatro elementos principais, dentre eles a participação subjetiva. Ela é sempre uma conduta para algo, um diálogo homem-mundo. O autor cita, baseado em Merleau-Ponty (1966), a existência de uma relação intencional dos sujeitos com o mundo, o mundo do correr, saltar, nadar; forma ou modalidade de se movimentar, e por fim a relação do sentido-significado dando exemplo do correr como a minimização de tempos, do saltar e do arremessar como a maximização de distâncias. Analisando as palavras à luz das mudanças ocorridas na área e considerando a ordem de evocação dos sujeitos, a palavra **expressão** estaria no nível mais elevado de frequência, a palavra **movimento** no nível intermediário e a palavra **saúde** mais associada à tradição da área.

Concorre também para a construção dinâmica das representações sociais dos professores as campanhas publicitárias veiculadas através da mídia. Tomamos aqui como exemplo a campanha publicitária do “Mexa-se” veiculada na década de

70 do século passado. Ela sugeria o movimento com a finalidade de sair do sedentarismo, através da caminhada, corrida. Foi uma campanha para melhorar a saúde da população através da vida ativa, uma vez que pesquisas apontavam esses benefícios. Outro exemplo é o da campanha publicitária atual do tênis da empresa Olympikus, cujo texto afirma:

“O ser humano foi criado para se movimentar para garantir isso o corpo produz uma substancia chamada endorfina um hormônio transportado pelo sangue que age no cérebro gerando uma espécie de vício em movimento, ela trás prazer e bem estar durante e após qualquer atividade física”.

No texto a ser pronunciado, há a exibição de corpos suados, atléticos e jovens, ao final, o destaque para a imagem do sapato, que possui uma tecnologia tão perfeita quanto à do corpo. Nesse reclame a representação social de corpo está centrada em movimento.

Em nossa interpretação, a propaganda acima apresentada alia o que Jodelet (1984) afirma como relação corporal criando o real, o biológico e o afetivo em interação, provocando a sensação de bem-estar. O que disse um dos nossos colaboradores vai nessa direção:

“O corpo precisa se movimentar para evitar doença como sedentarismo, também é importante conscientizar a população da importância do movimento, e com a tecnologia esses movimentos estão cada vez mais reduzidos as crianças não brincam, só ficam no computador toda hora” (Prof. Esp. Prot. Nº 5).

A preocupação do sujeito em relacionar movimento e saúde alinha-se ao texto da propaganda. Essa interligação à campanha publicitária do tênis pode ser interpretada como parte do processo de objetivação. Conforme Arruda (2002),

a objetivação é o processo através do qual o que é abstrato se torna concreto, dotado de materialidade. O conhecimento (idéias ou crenças) sobre um fenômeno, quando objetivado, não só é visto como exterior aos indivíduos, como informação, e por isso válido, como se torna estímulo, como se tratasse de uma realidade física, para a organização de comportamentos e de novos conhecimentos (p. 91).

Em relação à palavra saúde, percebemos historicamente nos estudos sobre a temática que os conceitos de corpo, saúde e educação são reapropriados e ressignificados por teorias científicas e pedagógicas nos séculos XIX e XX recebendo contribuição das ciências sociais.

Na história recente, Mendes (2007) elege o Colégio Brasileiro da Ciência do Esporte (CBCE) como instituição responsável pela produção e circulação do conhecimento na área, entidade que exerce significativa influência sobre a formação e atuação dos professores de esporte. A autora enfatiza alguns pontos que poderiam de certo modo justificar a associação de corpo à “saúde”; destaca que a presidência desta instituição até os anos 1980 era exercida por médicos e em comum acordo com as políticas públicas de esporte e lazer gestadas na década de 70, e a implantação de laboratórios de pesquisa na mesma década, pelo Ministério da Educação e do Desporto, nas principais universidades brasileiras, cujo foco era a formação de atletas de elite para competições internacionais.

A produção de conhecimento científico na área, pautada no empirismo e associada ao processo de matematização, onde predominavam o apito, o cronômetro, a fisiologia do exercício, constituía a tônica do discurso e trabalho do professor de esporte na escola. Assim, mesmo que a justificativa do discurso fosse “estabelecer programas de saúde para a juventude brasileira”, na realidade o que se fazia e ainda se faz era buscar ou desenvolver talentos para uma prática centrada no treinamento de alguma modalidade esportiva.

Desta forma, a compreensão mecanicista do corpo influencia as ciências biomédicas contribuindo para a sistematização de corpo e saúde. De certa forma, as respostas do questionário de associação livre de palavras, aplicado aos sujeitos, têm aproximação com esses referentes.

Fernando Azevedo, citado por Mendes (2007), lutava pela cientificidade na educação física, reconhece na máxima de Juvenal: *mens sana in corpore sano*, a síntese do mais brilhante ideal educativo, uma bela alma num belo corpo. Sobre esta máxima, um dos pesquisados afirma: “O corpo deve ser sempre trabalhado como totalidade. Além de elemento indissociável relaciona-se diretamente com o trabalho da mente. *Mente sã corpo são*” (Prof. Esp. Prot. Nº 10).

Apesar da intenção de Fernando Azevedo pela unidade corpo e mente, suas ideias suscitam dualidade por remeter ao contexto grego com ideias da medicina

moderna. De acordo com Mendes (2007), com o desenvolvimento da sociedade industrial, a tensão entre prazer e trabalho passa a ser ressignificada; o controle dos corpos na sociedade disciplinar, o corpo deve ser reformado para o trabalho. No século XX os conceitos de saúde, corpo e educação são reorganizados, a favor da normalidade ideal, do saneamento do corpo, de um físico atlético, de uma mente sã, de uma inteligência culta e científica. O indivíduo torna-se responsável pelo cuidado com a sua saúde, não se refletindo sobre as questões de produção desta saúde, entre as diferentes classes sociais, tais como saneamento básico, moradia, alimentação, culpabilizando o sujeito por não possuí-la ou cultivá-la. Eis algumas referências à saúde justificadas pelos nossos sujeitos:

“Saúde, não se pode pensar em corpo, sem pensar em saúde pois a busca por saúde vem(não somente) através do movimento corporal, sendo através do esporte, atividades físicas desde uma caminhada a outras atividades em academias, sem esquecer que tem que ser orientado por um profissional de educação Física” (Prof. Esp. Prot. Nº 28)

“Saúde, o educador físico deve trabalhar visando saúde e bem estar dos seus alunos, proporcionando melhor qualidade de vida” (Prof. Esp. Prot. Nº 32)

“o corpo simboliza a saúde, conseqüentemente, vida. É desta forma que devemos aproveitar de tudo que nos envolve, alimentação, trabalho, mídia e demais fatores para expressar a alegria pela vida na valorização do nosso corpo – mente” (Prof. Esp. Prot. Nº 38).

A associação corpo/saúde é marcante. Carvalho (1995) aponta a importância da atividade física regular e seus benefícios para a saúde. Isso vem de certa forma reforçar a Educação Física às relações entre a prática de atividades físicas e a saúde. A referida autora aponta dois pontos sobre o assunto, o primeiro é que o entendimento do benefício da atividade física para a saúde vem desde o iluminismo e, no segundo ponto, respaldada em Foucault, relaciona-se às necessidades sociais de delinear corpos fortes, jovens e belos.

Na perspectiva de Carvalho (1995), a relação entre atividade física e saúde é um “mito”. Apoiada nas ciências humanas, ressalta que os trabalhos na área fundamentam-se em uma abordagem biologicista, na qual a saúde, na maior parte das vezes, é tratada como ausência de doenças, sendo a atividade física entendida

como execução de práticas, através de modalidades esportivas, que inevitavelmente “trazem saúde”. Sobre esse mito a autora afirma:

Esse “mito” relaciona-se diretamente com o conceito de corpo, ou melhor, com o próprio corpo, e com as áreas de conhecimento pertinentes - Educação Física e Saúde Pública. De um lado, ele, o “mito”, determina formas e maneiras de uso do corpo. De outro lado, determina necessidades que justificam a produção e veiculação de conhecimento com o intuito de conectar a atividade física a saúde, reforçando a associação (1995, p. 39).

A referida autora cita, por exemplo, os enfoques dados pela mídia em que a atividade física é vendida como uma droga, como: “exercícios são tranquilizantes naturais” (Rev. Boa Forma, 1986); “mania de prática de esporte é arma importante na luta contra doenças cardiovascular” (Sereicikas, Folha de São Paulo, 21/07/1991). Esses enfoques são veiculados constantemente nos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais e revistas). Embora a autora afirme ainda existir uma falsa consciência em relação à saúde e ao exercício do corpo, reconhece o benefício do exercício regular para a saúde, reverenciado desde os anos 1980. Reconhece que a mídia tem especial papel na difusão desse saber para a população.

Sobre essa relação, cabe afirmar que para Jodelet (2001) as comunicações sociais institucionais e midiáticas se apresentam como condição para a construção das representações sociais ao tratar fatores determinantes na construção representativa; segue afirmando que as redes de comunicação informais e midiáticas intervêm em sua elaboração, favorecendo processos de influência e até mesmo de manipulação social.

Analisando o grupo de palavras encontradas como provável núcleo central, a palavra *saúde* atende ao que Abric, citado por Sá (1996), chama de função geradora, o elemento “saúde” atende à função de criar a representação. Na sociedade atual, em que o cuidado com o corpo está sempre aliado à saúde, sua representação centrada em saúde e qualidade de vida circula no grupo de professores de esporte. É o que afirmou um dos participantes: “o educador físico deve trabalhar visando saúde e bem-estar dos seus alunos, proporcionando melhor qualidade de vida” (Prof. Esp. Prot. Nº 32). Corpo é saúde, bem-estar e qualidade de vida.

4.3 Discutindo as Evocações da Primeira Periferia

Flament (2001), baseado em Michel Morin, afirma que é na periferia que se vive uma representação no cotidiano. Para Abric (2000), o papel de novas práticas na alteração das representações sociais é explicado através do sistema periférico. Segundo o autor, na primeira periferia estão presentes elementos mais importantes.

A palavra **força** encontrada na primeira periferia indica contradição, uma vez que nos conduz à ideia tradicional do vigor físico no treinamento. Barbanti (1979) afirma que a força é a capacidade neuromuscular de vencer resistência, na atividade física e no esporte. A força está ligada diretamente às exigências do trabalho com o treinamento físico.

Sant'Anna (1995) afirma que atravessa os séculos e as culturas se associar a “força” para o masculino e “beleza” ao feminino. A palavra **força** foi citada por um grupo de 61% de professores do gênero masculino. O termo parece estar ligado diretamente ao seu fazer cotidiano, embora não como a palavra que melhor representa o corpo. A presença da palavra **força** na primeira periferia nos leva a inferir que o professor de esporte na escola vive uma dualidade entre o que ele sabe, a sua formação de cunho mais crítico e as exigências do seu trabalho pela sociedade. Um dos participantes afirmou, por exemplo, que “a força é o caminho que a bola percorre até o gol, furando obstáculos e quebrando barreiras” (Prof. Esp. Prot. Nº 74).

Sobre esse comentário, lembramos Flament (2001) quando aponta que algumas circunstâncias podem levar uma população a ter práticas em desacordo com a representação, e essas discordâncias ocorrem inicialmente nos esquemas periféricos, que se modificam para resguardar o núcleo central, que é mais resistente. Essa modificação pode ocorrer de forma brutal ou de forma progressiva. Observamos, neste caso, que os professores envolvidos com o esporte na escola são afetados no plano emocional e identitário por um processo resistente de transformação. São exigidas deles determinadas formas de agir, controladas pelo desempenho alcançado, o que provoca conflitos com sua formação. Notamos, como já citado anteriormente, uma oscilação entre um modelo tradicional de corpo biológico motor, e outro mais atual e crítico de corpo articulado à cultura, presente

na mesma justificativa. A esse respeito, Jodelet (2001) esclarece que a dimensão da experiência vivida convive lado a lado com a cognitiva, coexistindo com formas que são socialmente dadas.

No caso dos sujeitos dessa pesquisa, o conteúdo de suas representações sociais de corpo revela uma oscilação entre dois paradigmas orientadores da produção no campo da educação física, um mais identificado com a tendência tradicional ligada ao campo das Ciências Naturais e outro vinculado às Ciências Sociais. No entanto, sobretudo com a descoberta cada vez maior da importância do exercício físico para a saúde no combate às doenças e do esporte fortemente ligado à biologia, através dos estudos de fisiologia do exercício, treinamento desportivo, biomecânica entre outras, é possível entender a presença da saúde no núcleo central. Um dado importante revelado pelos professores é que eles não conseguem materializar as mudanças de referencial teórico na prática e, quando tentam, têm pouco êxito. Alguns deles, após responderem ao Teste de Associação Livre, disseram-se esgotados de viver essa contradição, ou seja, têm uma representação social próxima dos referenciais mais progressistas do esporte na escola, mas muitas vezes desenvolvem práticas que não se identificam com esse referencial.

4.4 Explorando as Evocações da zona de contraste

No quadrante inferior esquerdo temos a zona de contraste. Conforme Abric (1993), situam-se nessa zona os elementos com baixa frequência, mas de importância para os sujeitos. Esses elementos reforçam os presentes na primeira periferia, ou a existência de um subgrupo minoritário com uma representação diferente. As palavras que constituem a zona de contraste no Quadro de Quatro Casas são **atividade física, equilíbrio, cultura, estética e liberdade**.

A expressão **atividade física** pode ser definida como forma de movimentação do corpo através de exercícios envolvendo determinado gasto de energia e alterações do organismo, com o desenvolvimento de uma ou mais aptidões físicas, de modo a trazer resultados benéficos à saúde.

Nahas (1997) defende que a função da Educação Física relacionada ao desenvolvimento de um estilo de vida ativo. Relaciona os conceitos básicos da **atividade física, aptidão física e saúde**, além de proporcionar vivências

diversificadas, levando os alunos a terem um estilo de vida mais ativo. Um dos participantes associou o corpo à “atividade física, por estar ligada à qualidade de vida” (Prof. Esp. Prot. Nº 48).

A segunda palavra presente na zona de contraste é **equilíbrio**; esta palavra foi evocada, mas não em primeira mão, e pode estar relacionada à ginástica que, segundo o Coletivo de Autores (1992), significa permanecer ou deslocar-se numa superfície limitada, vencendo a ação da gravidade, Trata-se de uma atividade que possui um sentido e significado histórico e cultural, que pode variar na sua complexidade de acordo com o nível de habilidade. Eis um referencial que associa corpo a equilíbrio:

“Hoje no meu entender a flexibilidade é hoje o requisito principal para uma atleta de GR para a perfeita execução de saltos, equilíbrios pivôs e elementos de flexibilidade de maior valor do código de pontuação” (Prof.Esp. Prot. Nº 108).

O **equilíbrio** também está empregado como moderação, comedimento, como afirma o colaborador: “Vida, Porque é a palavra que contempla todos os itens anteriores para viver bem se precisa de saúde, equilíbrio, bem-estar e performance no sentido amplo da palavra” (Prof. Esp. Prot. Nº 67).

Cultura constitui outro elemento presente na zona de contrate. Para Daólio (1995), o corpo humano é fruto da interação natureza e cultura, impregnada de símbolos cujos significados precisam ser conhecidos, e que a visão exclusivamente biológica traz determinantes sobre a natureza humana. Para o autor,

as técnicas corporais podem ser transmitidas por meio do recurso oral. Pode ser contada, descrita, relatada. Mas pode também ser transmitida pelo movimento em si, como expressão simbólica de valores aceitos na sociedade. Quem transmite acredita e pratica aquele gesto. Quem recebe a transmissão aceita, aprende e passa a imitar aquele movimento. Enfim, é um gesto eficaz (1995, p. 47).

Baseado em Mauss, Daólio (1995) destaca as técnicas corporais esportivas como símbolos dessa eficácia sendo por meio deles que a tradição se transmite às gerações posteriores. Ao nosso entender, a técnica nas práticas corporais é a mediação entre homem e natureza, de forma que no caso do aluno de esporte, ele não é apenas repetidor, máquina, mas alguém que se apropria do processo cultural

de construção de significados por meio dos signos relacionando os conhecimentos das ciências naturais e sociais nela envolvido. Um participante afirma:

“O corpo é um meio de transformação social cultural e que na sua ação transformadora ele faz a história e a transforma. Os paradigmas seja ele qual for sobre a ação transformadora do corpo humanizado e consciência politizada” (Prof. Esp. Prot. Nº 95)

Ressaltamos que nos nossos corpos estão inscritos significados diferentes. A cultura ordena o universo corporal, este controle é necessário para o surgimento da condição de humanidade e também influencia a noção do próprio corpo. Citando Rodrigues (1986), Daólio (1995) afirma que cada sociedade constrói seu o modelo de homem nos seus aspectos intelectual, moral e físico. Enfatizamos que na zona de contraste se encontram elementos de relevância para os sujeitos. Essa visão do homem como ser cultural ganha reforço com as teorias críticas da educação; reconhecer o corpo como meio de ação transformadora que opera mudanças e constrói história, aponta para uma transformação do entendimento do corpo ligado à sua função orgânica para entendê-lo em seu simbolismo capaz de humanizar.

Está presente na zona de contraste a palavra **estética**. Para Garcia e Lemos (2003), a estética é uma disciplina que tem como finalidade refletir sobre a beleza; belo, estética, numa visão humanista, são valores existenciais que merecem abordagem no processo educativo. Historicamente a estética do belo e do bom estava ligada à conduta moral. Tal relação difundida na Idade Média pelos teólogos São Tomás de Aquino e Santo Agostinho colocava a beleza como uma conduta divinizada.

Na modernidade, a **estética** das virtudes morais é transformada em mercadoria pelo capitalismo na beleza da forma, da imagem, através do consumo do corpo perfeito. Para Garcia e Lemos (2003), o corpo humano é uma verdadeira construção da cultura, altamente moldável, podendo ser pensado como uma obra de arte, mobilizado pelos diferentes ambientes sociais e culturais transcendendo a visão puramente biológica ou natural. A **estética** corporal também remete à saúde deste corpo (NOVAES, 2006). Neste sentido um dos participantes associa o corpo à **estética** e em sua afirmação traduz a saúde na harmonia do modelo estético construído socialmente: “um corpo esteticamente bem delineado é sinônimo de saúde” (Prof. Esp. Prot. Nº 97).

Liberdade é também uma palavra situada na zona de contraste do quadro. Para explorar a associação de corpo à liberdade, lançamos mão de Novaes (2006). A autora faz uma retrospectiva histórica apontando que a preocupação com a “saúde” e “bem-estar” emerge a partir dos séculos XIX, pois até então esta preocupação era considerada uma blasfêmia pela igreja. Quando surge a burguesia, e esta nova classe se emancipa da sujeição do poder feudal, os indivíduos vão tomar posse dos seus próprios corpos fazendo o mesmo posteriormente com os corpos alheios. Neste percurso histórico, o corpo moderno esgota-se muito precocemente não atendendo às exigências da lógica capitalista sendo substituído pelas máquinas. O sonho da liberdade da fadiga, das máquinas e do trabalho constitui-se como uma utopia contemporânea. A seguir, trazemos a associação feita por um de nossos participantes entre corpo e liberdade:

“É a partir da nossa existência como corpo pensante que podemos agir para transformar a sociedade e trilhar os rumos de uma nova vida repleta de liberdade, objetivo final de quem defende o fim da exploração sobre os homens e da opressão sobre as mulheres” (Prof. Esp. Prot. Nº 57).

Para Jodelet (1984), **liberdade** e envolvimento modernamente estão marcados na experiência corporal, resultando na alteração de normas e valores culturais, ideológicos e práticas sociais. A autora nos leva a pensar as representações do corpo como totalidade, ser no mundo, com a visão fenomenológica de Merleau-Ponty (2006), onde o pensar é tão corporal quanto o nadar, o dançar.

Entendemos que as palavras **cultura**, **estética** e **liberdade**, presentes nessa zona, estão mais próximas de uma compreensão atualizada de corpo, submetida a valores culturais, sociais baseados nos princípios estéticos da civilização ocidental, como uma segunda natureza, onde o consumo forja delineamentos e contornos estéticos para este corpo, na forma de magro e jovem, enquanto que as palavras **atividade física** e **equilíbrio** são palavras mais identificadas com um referencial biológico/funcional de corpo, reafirmado com a palavra **força** que se entra na primeira periferia.

Estas palavras apontam para uma interface no cotidiano através de estruturas tradicionais, já presentes no universo consensual de alunos e comunidade escolar.

Essa transformação que revela o núcleo central tem dados na prática social, o grupo que construiu a proposta do Esporte Educacional foi um grupo oriundo do esporte de rendimento e a proposta deste grupo, segundo trabalho de Alves (2003) acima citado, teve 70% de professores que buscam práticas alternativas enquanto 30% persistem no esporte de rendimento.

4.5 Explorando as Evocações da Segunda Periferia

No quadrante inferior direito, localizam-se os elementos da segunda periferia ou mais periféricos. Nele estão os elementos menos citados e menos evocados em primeira mão pelos sujeitos. Trata-se neste caso das palavras: **beleza, comunicação, coordenação, cuidado, esporte, flexibilidade, performance e vida.**

Ressaltamos que elementos como **beleza** remetem à **estética** do quadrante anterior, que possui representação social veiculada na mídia e associada à saúde. Comunicação remete à expressão, palavras presentes no possível núcleo central, **coordenação, cuidado, esporte, flexibilidade, performance**, ligados à concepção tradicional que se reporta à vivência do corpo no esporte, **vida** que nas justificativas associa-se à **expressão**.

A palavra **Beleza** reforça a presença da palavra **estética** presente na zona de contraste onde se situam as evocações importantes para os sujeitos. Novaes (2006) afirma que a beleza exterior é sinônimo de saúde, enquanto que a aparência exterior desagradável está cada vez mais associada à doença. Ao referir-se às palavras atividade, mobilidade, transformação, beleza, força, um participante afirma que

“é a representação simbólica das diversas fases de desenvolvimento humano, onde o corpo se molda as nossas necessidades, as nossas vontades e aos desafios da vida moderna” (Prof. Esp. Prot. Nº 42).

Para este participante, a **beleza** se apresenta como algo que se constrói através das exigências e necessidades sociais.

A palavra **comunicação** integra a segunda periferia. Segundo Ladeira e Darido (2003, p. 2), já na década de 70 os guias curriculares consideravam a “utilização do próprio corpo como meio de comunicação e expressão”.

Atualmente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a Educação Física permanece situada na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, juntamente com as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Informática e Artes (BRASIL, 1999). Para vários autores como Santin (1985); Coletivo de Autores (1992); Betti (1994); Kunz (2006); Mesquita (1997); Mattos e Neira (2001) entre outros, embora com enfoques diferentes, a educação física é tomada como uma linguagem. Essa compreensão da educação física como uma das formas de linguagem, supostamente comunicação, pode de algum modo levar os sujeitos a fazerem essa associação de corpo à comunicação.

Ressaltamos que estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano do Centro de Educação Física e Desportos, subárea Pedagogia do Movimento, da Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul, partem do entendimento que a interação entre desporto e meios de comunicação pode vir a ser um novo pensar-agir na educação física constituindo alternativa para interpretar os fenômenos sociais esportivos difundidos pelos meios de comunicação, suas interações e efeitos sociais.

Cabe aqui a justificativa de um dos participantes desta pesquisa, ao se referir ao corpo: “comunicação (é mais importante), porque através do corpo o ser humano se comunica, constrói história e expressa sua cultura com o passar dos tempos” (Prof. Esp. Prot. Nº 8)

Camargo (1999) destaca entre os meios de comunicação de massa a televisão e o seu forte poder através deste veículo:

A televisão é um instrumento da indústria cultural de maior importância do nosso século. Através da veiculação de suas imagens, produz e reproduz comportamentos, criando modismos. Associado a este mecanismo o fenômeno esportivo age como um elemento formador de opinião, costumes e valores (p. 407).

Coordenação é uma das palavras que compõe a segunda periferia. Na visão de Greco e Benda (1998), a coordenação é uma valência física considerada como um pré-requisito para que qualquer atleta alcance alto nível, consiste na capacidade de realizar movimento de forma excelente, com eficácia e economia de esforços. Tem como variante condicionante o sistema nervoso. A coordenação possui níveis de graduação: elementar, fina e finíssima. Ela é muito exigida nos esportes em que,

em função da situação, deve ser realizada em um pequeno espaço de tempo e nas mais diversas velocidades.

Dentre as capacidades coordenativas, as mais importantes são: orientação, adaptação e transformação dos próprios movimentos, de diferenciação, reação e capacidade de combinação. Assim como a **força** citada na primeira periferia, a palavra coordenação pode estar associada ao trabalho realizado pelo professor a fim de desenvolver esta habilidade. Sobre importância da **coordenação** para o atleta, afirma um dos participantes da pesquisa: “para qualquer atividade esportiva é necessário que o atleta tenha controle dos movimentos, portanto, é de fundamental importância trabalhar a coordenação motora do atleta” (Prof. Esp. Prot. Nº 3).

A palavra **cuidado** também foi associada a corpo e está presente na segunda periferia. Sobre cuidado, podemos depreender aqui os cuidados de si, através da prática esportiva que utiliza o treinamento como forma de “preparar” o corpo, de modo a evitar lesões e ou sequelas. Segundo Bompa (2002), iniciação precoce em esporte (sem analisar e entender o processo de desenvolvimento das crianças), não aplicação do mesmo treinamento dos adultos às crianças, não aplicação de carga superior aos limites corporais dos alunos são alguns cuidados a serem tomados pelo professor de esporte.

Bompa (2002) recomenda um programa eficaz, em rendimento e saúde do aluno, além de periodização do treinamento. Essa periodização consiste na organização do treino dos atletas de forma progressiva em longo prazo, em pequenas etapas e em determinada quantidade de tempo, levando-se em conta as habilidades e os objetivos que se deseja alcançar na modalidade escolhida, desenvolvidas desde o nível iniciante. Ao justificarem a palavra **cuidado** os professores, participantes desta pesquisa, referiram-se aos cuidados com corpo como máquina que precisa funcionar, bem como o cuidado a fim de garantir a saúde. São afirmações dos sujeitos: “o corpo funciona igual a qualquer máquina, necessita de *check-ups* e manutenção” (Prof. Esp. Prot. Nº 35); “É a partir dos cuidados com o seu corpo é que você se torna uma pessoa saudável” (Prof. Esp. Prot. “Nº 83).

A palavra **esporte** também aparece na segunda periferia. Cabe dizer que o **esporte** constitui-se como um fenômeno social introduzido na escola para modernizá-la. Como afirma Linhares (2006), por fazer parte da sua lógica traços da

mesma relação social que se objetivava formar os corpos da nova geração, alinhando os indivíduos ao perfil da modernidade, a escola seria o local de legitimação do esporte.

A prática do esporte na escola começa a ser criticada na década de 80 do século passado, quando questionamentos e transformações teóricas no campo educacional a colocam em xeque.

Salientamos que a construção da prática desportiva, oriunda do processo de racionalização da ciência, fragmentou o corpo através da divisão dos movimentos envolvidos numa técnica que inaugura uma percepção de corpo para além da experiência humana do vivido; a interferência no seu funcionamento orgânico incide sobre sua natureza, controlando-a, regulamentando-a como engrenagens de uma máquina. Nesta compreensão um colaborador da pesquisa ao apontar **esporte** como a palavra principal afirma: “o corpo é a base para qualquer movimento humano. O conjunto de ossos músculos e articulações dão sustento para realizar as atividades” (Prof. Prot. Nº 20). Esta afirmação indica uma visão tradicional do objeto, localizando no corpo biológico o conjunto de órgãos como meio de tornar um corpo apto para determinada atividade esportiva, induz a um entendimento funcional do corpo motor.

Convém lembrar que o **esporte** é compreendido como um conjunto de práticas conhecidas como modalidades esportivas como vôlei, basquete, futebol, natação, entre outras. Estas práticas desde sua origem vão sendo submetidas a processos de objetivação, controladas por meio de medição de distâncias, e de tempo, altamente controlada por instituições como federações e confederações. Nela o espetáculo se traduz na transposição dos limites do corpo.

Integra a segunda periferia da representação de corpo a palavra **flexibilidade**. Segundo Zaciorsky, citado por Barbanti (1979), flexibilidade é a capacidade humana de realizar um movimento com grande amplitude articular. Pode ainda ser conceituada como qualidade física, demonstrada pela amplitude dos movimentos das diferentes partes do corpo; tais movimentos dependem tanto da mobilidade articular quanto da elasticidade muscular.

Vale salientar que o trabalho com peso pode limitar a flexibilidade, porém, se combinado com o trabalho de força, esse limite pode ser evitado. O treinamento da flexibilidade deve ser seguido de um aquecimento e em sessões frequentes. Para

Achour Jr. (1995), o seu incremento facilita o refinamento da técnica desportiva no treinamento, oferecendo condições de melhoria na agilidade, na força e na velocidade. De acordo com Frankl (2003), a flexibilidade ajuda como fator preventivo de lesões e contusões, entre outros, provocando um acréscimo na capacidade mecânica dos músculos e articulações, ocorrendo assim uma economia de energia durante o esforço. Existem modalidades esportivas em que a **flexibilidade** é mais exigida. Um participante desta pesquisa afirmou:

“Flexibilidade, hoje no meu entender a flexibilidade é hoje o requisito principal para uma atleta de GR para a perfeita execução de saltos, equilíbrios pivôs e elementos de flexibilidade de maior valor do código de pontuação” (Prof. Esp. Prot. Nº 108).

Performance é mais uma das palavras que compõe a segunda periferia. Um dos professores de esporte afirmou: “a performance já é o resultado da soma de vários fatores importantes para uma boa qualidade de vida” (Prof. Prot. Nº 80). Aqui nosso colaborador toma a ideia de **performance** como modelo da forma física plena para adquirir um bem inquestionável que é a qualidade de vida. Existe nesta a construção de um modelo de corpo. Este modelo está presente nos brinquedos “Barbie”, para o feminino, e nos desenhos animados “He-Man”, para o masculino. Assim, os modelos de corpos vão se cristalizando nas crianças desde cedo, construindo representações de que para ser feliz precisa ter determinada forma **estética**, um padrão de **saúde**, que se consegue através do investimento em spas e academias e em cirurgias plásticas, produtos do kit **qualidade de vida**, bem de consumo da sociedade moderna e para algumas classes sociais. Apesar de **performance** se encontrar na segunda periferia, ou seja, local de menor importância para os colaboradores, possui elo com os outros quadrantes do Quadro de Quatro Casas.

Por **performance esportiva** entendemos um conjunto de fatores complexos, entre eles a preparação física, técnica, tática e psicológica, consistindo no desenvolvimento harmonioso que permite ao indivíduo atingir o seu resultado máximo. Segundo Fraga (2006), o “*body-builder*”, ou seja, a construção dos modelos corporais, anuncia as anatomias emergentes no século XXI, para a construção de um padrão de corpo e quem ocupa posição privilegiada como atores e atrizes. Esse padrão vai moldando padrões que vão se cristalizando no meio social, recebendo as

denominações: armário, bombado, tanquinho, entre outras referentes à arquitetura corporal. Esses modelos vão orientando práticas cristalizando representações sociais, levando inclusive ao desenvolvimento de patologias como bulimia e anorexia: tudo em nome de um padrão de corpo instituído, criando significados, identidades que nomeiam sujeitos, produzindo novas aparências.

Vida é também palavra constituinte da segunda periferia. Vida pode significar o processo biológico de nascer, crescer, reproduzir e morrer. Para a metafísica é um processo constante de relacionamentos. Nesta palavra nossos colaboradores parecem se referir a outras, como o processo da existência. Afirmam:

“vida, a mais importante, pois as outras quatro estão incluídas em vida. Através do corpo é possível realizar atividades, para isso é preciso expressar-se, a partir das habilidades e comunicar-se” (Prof. Esp. Prot.”. Nº 52).

“vida é a palavra que contempla todos os itens anteriores, para viver bem precisa estar em equilíbrio, bem estar e performance no sentido amplo da palavra” (Prof. Prot. Nº 67)

A palavra *vida* permeia o sentido de outras, como *expressão*; “Um corpo que não se expressa é um corpo sem vida por esse motivo considero o nº1 mais importante as outras palavras naturalmente já constitui este corpo que se expressa” (Prof. Prot.”. Nº 63).

Como síntese de nossa análise elencamos aquelas palavras do Quadro de Quatro Casas ligadas ao corpo numa perspectiva biológico/motora em que o professor se ancora na realidade na prática cotidiana, bem como a visão de corpo cultura/expressão. Nessa segunda vertente o professor compreende a complexidade de corpo como objeto polissêmico e multidisciplinar. No Quadro 9, a seguir, sintetizamos as palavras evocadas nessas duas perspectivas. Ressaltamos que, embora pareça contraditório, os professores de esporte, participantes deste estudo, buscam articular as duas vertentes para compreenderem seu objeto de trabalho, o corpo.

Quadro 9 – Agrupamento das palavras evocadas segundo as tendências de corpo Biológico/Motor e o corpo Cultura/Expressão

Palavras que sinalizam um tendência de Corpo Biológico/motor – ligado às Ciências Naturais	Palavras que sinalizam um tendência de Corpo Cultura/expressão – ligado às Ciências Sociais
--	---

Saúde, Força, Atividade Física, Equilíbrio, Coordenação, Cuidado, Esporte, Flexibilidade e Performance	Expressão, Movimento, Cultura, Estética, Liberdade, Beleza, Comunicação e Vida
--	---

Com o nosso estudo percebemos uma oscilação, não uma polarização, do conteúdo das representações sociais dos 95 colaboradores entre a tendência biológico/motora e a tendência cultura/expressão. Enfatizando na tendência **biológico/motora**, a **saúde** localiza o objeto **corpo** na visão **biológica** com foco nas qualidades físicas como **força**, **equilíbrio**, **coordenação**, **flexibilidade**, através da **atividade física**, repetição de movimentos para incorporação da técnica, observando com **cuidado** os limites deste corpo na realização da prática do **esporte** na sua melhor **performance**, ou conjunto das qualidades físicas, técnicas, táticas e psicológica, visando a vitória, o resultado da competição, esquecendo a dimensão social, e o entendimento da complexidade do objeto deste estudo. Desta forma as técnicas são trabalhadas reproduzindo determinados estereótipos criados a partir de determinado biótipo físico, privilegiando apenas o resultado técnico tornando esse conhecimento alheio, exterior ao sujeito, impossibilitando-o de transformar sua técnica corporal de acordo com suas necessidades.

Outra tendência é **cultura/expressão**, nela a palavra **movimento** está ligada a uma concepção de consciência corporal, relação assentada em movimento-corpo que o sujeito se reconhece como ser cultural no mundo, que faz história. Assim, através do autoconhecimento, o **movimento** se transforma em linguagem do corpo e por meio dela o ser se **expressa** criando sentidos, significados e padrões **estéticos**, com formas marcadas em cada membro do grupo por modelos de **beleza** partilhados socialmente. O profissional de educação física que percorre este caminho, onde a **liberdade** é construída a partir da consciência de si, cria uma natureza diferente, permitindo ao aluno encontrar recursos para recriação do esporte adaptando à sua realidade, relacionando o conhecimento aprendido aos valores e às normas construídas historicamente e partilhadas socialmente, possibilitando a crítica, criando e recriando a história, todo esse processo em busca da melhoria da **vida**, existência do corpo onde o ser se torna humano. Tomaremos a seguir justificativas que exemplificam as duas tendências de **corpo/biológico motor** e **corpo cultura/expressão**.

“O corpo é a base para qualquer movimento humano. O conjunto de ossos músculos e articulações dão sustento para realizar as atividades”..(Prof. Prot. Nº 20)

“O corpo é um meio de transformação social cultural e que na sua ação transformadora ele faz a história e a transforma. Os paradigmas seja ele qual for sobre a ação transformadora do corpo humanizado e consciência politizada” (Prof. Esp. Prot. Nº 95).

Em maior ou menor profundidade estas duas tendências atravessam o discurso dos colaboradores. Segundo Jodelet (1984) o significado da representação social, a forma de conhecimento cognitivo elaborado está subordinada ao social. Foi observado nos seus estudos sobre o corpo como as representações sociais organizam o cotidiano.

4.6 Comparando as evocações presentes no possível núcleo central a partir de diferentes variáveis

Dando continuidade ao processo de análise de nossos resultados, comparamos as evocações dos professores de esporte para a palavra corpo, com base nas variáveis: faixa etária, rede de ensino, formação continuada e gênero.

Ao cruzar a variável faixa etária com as evocações das palavras presentes no Quadro de Quatro Casas, sobretudo com o possível núcleo central da representação de **corpo**, constatamos que para o grupo de maior faixa etária, **saúde** tem uma indicação expressiva. Como podemos observar no Quadro 10, entre aqueles professores na faixa de mais de 60 anos temos duas evocações (7,7%), na faixa entre 51 a 60 anos temos onze evocações ou 52,3%, na faixa entre 41 a 50 anos temos nove evocações ou 30,0 %, na faixa de 31 a 40 anos temos quatro evocações ou 19,0%, na faixa entre 20 a 30 anos não temos evocações.

Assim, das 26 evocações à palavra **saúde**, 22 delas são de professores com mais de 40 anos, quatro delas são de professores localizados na faixa de 31 a 40 anos e não se observa evocação da palavra **saúde** entre os professores de esporte na faixa etária de 20 a 30 anos de idade. A não evocação da palavra entre o grupo de menor faixa de idade sugere modificação na representação social desse grupo de professores na atualidade, o que nos autoriza a dizer que o grupo dos professores

de esporte com mais idade tem uma representação social de corpo mais próxima da abordagem tradicional biológico-funcional.

Quadro 10 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Saúde

N= 26

Faixa etária	Palavra Saúde	
	<i>f</i>	%
mais de 60 anos	2	7,7
51 a 60 anos	11	52,3
41 a 50 anos	9	30,0
31 a 40 anos	4	19,0
21 a 30	0	0,0
Total	26	100,0

Convém salientar o caráter histórico determinado pela palavra **saúde**; esse caráter remete à própria construção do significado da representação de corpo (SÁ, 1996).

Em relação à evocação diminuta da palavra **saúde** do grupo de menor idade, inferimos que ela pode ser decorrente de transformações nessa área de conhecimento a partir da década de 1980, sobretudo com Le Boulch (1986), introduzindo a ideia de educação pelo movimento, visão do corpo que avança para a interação biológico com o psicológico. Na década de 90, Kunz e o Coletivo de Autores incrementam essa ideia de movimento, com as tendências crítico-emancipadora e crítico-superadora de corpo, numa perspectiva que engloba as dimensões psicológica, histórica, social, política.

Comparando as evocações de **saúde** e **movimento**, mais adiante, podemos perceber que nos grupos mais jovens o número de evocações da palavra **movimento** aumenta ao passo que a evocação da palavra **saúde** diminui nesses grupos.

Ao cruzarmos as faixas etárias com a palavra **movimento**, como podemos observar no Quadro 11 que os professores com mais de 60 anos não evocam esta palavra. Na faixa entre 51 a 60 anos temos duas evocações ou 8,70%, na faixa entre 41 a 50 anos temos sete evocações ou 30,43%, na faixa de 31 a 40 anos temos seis evocações ou 26,09%, na faixa entre 20 a 30 anos temos oito evocações ou

34,78%. Assim, das 23 evocações à palavra, 14 são de professores com até 40 anos.

Nas evocações dos nossos colaboradores a palavra **saúde** liga-se à dimensão biológica e da palavra **movimento** sugere renovação da representação de corpo entre esses professores.

Quadro 11 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Movimento

N= 23

Faixa etária	Palavra Movimento	
	<i>f</i>	%
mais de 60 anos	0	0
51 a 60 anos	2	8,70
41 a 50 anos	7	30,43
31 a 40 anos	6	26,09
21 a 30	8	34,78
Total	23	100,0

Ao cruzarmos a palavra **expressão** com as faixas etárias, observamos que entre os professores maiores de 60 anos não houve evocação dessa palavra, na faixa etária entre 51 a 60 anos temos três evocações ou 21,4%, na faixa etária entre 41 a 50 anos temos uma evocação ou 7,2%, entre os de 31 a 40 anos temos sete evocações ou 50,0%, na faixa entre 20 a 30 anos temos três evocações ou 21,4%. Como mostra o Quadro 12, a evocação da palavra **expressão** tende a se concentrar entre os professores mais jovens, entre 20 a 40 anos.

A palavra **expressão**, sendo a palavra mais evocada em primeira mão pelos professores, supõe um elemento mais consistente, para afirmarmos que as representações sociais de corpo vêm se transformando de um modelo mecânico/funcional, e incorporando a abordagem crítica ligada às ciências sociais.

Quadro 12 – Evocação dos professores por faixa etária a palavra Expressão

N= 14

Faixa etária	Palavra Expressão	
	<i>f</i>	%
mais de 60 anos	0	0
51 a 60 anos	3	21,4
41 a 50 anos	1	7,2
31 a 40 anos	7	50,0
21 a 30	3	21,4
Total	14	100,0

Certamente a incorporação do novo modelo às representações sociais de corpo tem razões. Salientamos que nossos colaboradores vêm participando de formação continuada, onde abordagens mais atualizadas do objeto vêm sendo discutidas. Elas tomam como base a cultura corporal de movimentos, que estuda a expressão corporal como linguagem. Essa mudança tem forte repercussão em todo país especialmente em Pernambuco, dando origem a grupos de estudos na área, como o ETHNÓS⁹.

Comparando as evocações presentes no possível núcleo central a partir da variável rede de ensino, observamos que na evocação da palavra **expressão**, de 14 evocações, seis delas ou 42,9% foram dos colaboradores da rede pública enquanto sete ou 50,0%, são de profissionais que atuam na rede privada de ensino; comparando as duas redes de ensino em relação à evocação da palavra **expressão** não verificamos diferença substancial. Isso nos leva a admitir que a incorporação dos novos referenciais ocorre entre todos os professores de esporte na escola, independente da rede de ensino em que atuam.

⁹ É o grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esportes e Observatório de Políticas de Educação Física, Esporte e Lazer, ligado à Universidade de Pernambuco.

Quadro 13 – Evocação dos professores por Rede de Ensino palavra Expressão**N=14**

Rede de Ensino	Palavra Evocada expressão	
	<i>f</i>	%
Pública	6	42,9
Privada	7	50,0
Pública e Privada	1	7,1
Total	14	100,0

Na evocação da palavra **movimento**, de 23 evocações, nove, ou 39,1%, são de colaboradores da rede pública de ensino enquanto treze, ou 56,5%, pertencem à rede privada de ensino, um, ou 4,4%, atua nas duas redes. Ao compararmos os quadros 13 e 14 podemos observar que na rede pública de ensino o percentual de evocação da palavra **expressão** é maior do que o da palavra **movimento**. As duas palavras são consideradas indicativas de uma tendência mais identificada com os referenciais mais atualizados da área. Destacamos que a palavra **expressão** denota articulação com outras áreas de conhecimento, o que sugere uma perspectiva interdisciplinar de compreensão do objeto nesse grupo.

Quadro 14 – Evocação dos professores por Rede de Ensino palavra Movimento**N=23**

Rede de Ensino	Palavra Evocada Movimento	
	<i>f</i>	%
Pública	9	39,1
Privada	13	56,5
Pública e Privada	1	4,4
Total	23	100,0

Na evocação da palavra **saúde**, dez ou 38,5% dos colaboradores pertencem à rede pública de ensino enquanto dezesseis ou 61,5% pertencem à rede privada de

ensino, conforme quadro 15. Esse dado não indica diferença substancial entre as duas redes estudadas; certamente o maior número de professores da rede privada decorre da maior participação deste grupo de professores em nossa pesquisa.

Quadro 15 – Evocação dos professores por Rede de Ensino à palavra Saúde

N=26

Rede de Ensino	Palavra Evocada Saúde	
	<i>f</i>	%
Pública	10	38,5
Privada	16	61,5
Pública e Privada	-	-
Total	26	100,0

Uma possível explicação para a evocação da palavra **saúde** entre professores da rede privada pode ser cogitada: entendemos que a pressão social, por meio da comunidade escolar e de pais em função da manutenção da visão tradicional, partilhada socialmente e veiculada pela mídia, muitas vezes é assumida pelo grupo de professores. Na rede pública de ensino a pressão é menor, uma vez que as condições de trabalho na maior parte das escolas são deficientes, o que pode incidir na menor evocação.

Comparando as evocações presentes no possível núcleo central a partir da variável formação continuada no grupo pesquisado, constatamos que referente à palavra **expressão** de 14 evocações quatro ou 28,6% dos professores que evocaram fizeram apenas a Graduação, quatro ou 28,6% concluíram Pós-Graduação Lato Sensu em áreas afins do treinamento, enquanto cinco deles ou 35,7% realizaram a Pós-Graduação Lato Sensu em áreas de conhecimento diferentes do treinamento, e um professor ou 7,1% não informou sua formação. Notamos que não há diferença substancial quando cruzamos a formação do professor e a evocação da palavra **expressão**.

Quadro 16 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Expressão

N=14

Formação continuada	Palavra Evocada Expressão	
	<i>f</i>	%
Graduação apenas	4	28,6
Pós-graduação Lato Sensu em Treinamento ou áreas afins	4	28,6
Pós-Graduação Lato Senso em áreas diferentes	5	35,7
Não informou	1	7,1
Total	14	100,0

Conforme o Quadro 17, nas treze evocações à palavra **movimento**, sete deles ou 30,42% foram de professores com Graduação, dez (43,50%) dos professores com Pós-Graduação *lato sensu* em áreas afins ao treinamento, enquanto seis (26,8%) foram de professores com a Pós-Graduação em áreas diferentes do treinamento. Notamos na evocação da palavra **movimento** uma concentração maior entre professores com formação superior em áreas que valorizam o biológico. Ressaltamos de acordo com as justificativas que os colaboradores mesmo mantendo um foco biológico avançam na compreensão do objeto mecânico e motor para a consciência corporal atualizada nas abordagens críticas.

Quadro 17 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Movimento

N=23

Formação continuada	Palavra Evocada Movimento	
	<i>f</i>	%
Graduação apenas	7	30,42
Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> Treinamento ou áreas afins	10	43,50
Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> em áreas diferentes	6	26,08
Total	23	100,0

Como é possível conferir no Quadro 18, das 26 evocações à palavra **saúde**, seis ou 26,92% deles são professores com Graduação, treze ou 50,0% dos professores com Pós-Graduação Lato Sensu em áreas afins ao treinamento, enquanto seis ou 23,8% são professores com pós-graduação *lato sensu* em áreas diferentes do treinamento. Notamos na evocação da palavra **saúde** forte ligação com a formação em treinamento ou áreas afins; esse tipo de formação reforça o entendimento mais tradicional do objeto, comum ao grupo de maior faixa etária ouvido nesta pesquisa.

Quadro 18 – Evocação dos professores por formação continuada palavra Saúde

N=26

Formação continuada	Palavra Evocada Saúde	
	<i>f</i>	%
Graduação apenas	6	23,08
Pós-Graduação <i>Lato Sensu Treinamento ou áreas afins</i>	13	50,00
Pós-Graduação <i>Lato Sensu em áreas diferentes</i>	6	23,08
Não informou	1	3,84
Total	26	100,0

Observando os quadros 16, 17 e 18, notamos, a partir da concentração de evocações, que o conhecimento sobre o objeto vem sendo atualizado, os colaboradores à medida que se apropriam do conhecimento produzido vão avançando na compreensão do objeto. Isso pode ser constatado através das palavras evocadas: a palavra **saúde** carrega uma visão mais tradicional ligada à memória do objeto; as palavras **movimento** e **expressão** atualizam esta representação social, ligadas às abordagens críticas da educação física, que articulam duas áreas de conhecimento (ciências naturais e ciências sociais). Essa articulação possibilita um melhor entendimento do objeto.

De acordo com o Quadro 19, comparando as evocações presentes no possível núcleo central a partir da variável gênero, não observamos diferenças em

relação ao quantitativo, é exatamente igual: das 14 evocações, sete delas (50,0%) são de professores do gênero masculino e sete (50,0%) do gênero feminino.

Quadro 19 – Evocação dos professores por gênero palavra Expressão

N=14

Gênero	Palavra Evocada Expressão	
	<i>f</i>	%
Masculino	7	50,0
Feminino	7	50,0
Total	14	100,0

Como podemos notar no Quadro 20, evoca a palavra **movimento** a maior parte dos colaboradores do gênero masculino: de 23 evocações, treze (56,52%) são de professores do gênero masculino e dez (43,47%) são de professoras do gênero feminino.

Quadro 20 – Evocação dos professores por Gênero palavra Movimento

N=23

Gênero	Palavra Evocada Movimento	
	<i>f</i>	%
Masculino	13	56,52
Feminino	10	43,47
Total	23	100,0

A palavra saúde também teve um maior número de evocações dos colaboradores do gênero masculino. De 26 evocações, quinze (57,69%) são professores, enquanto onze (42,30%) são de professoras.

Quadro 21 – Evocação dos professores por gênero palavra Saúde**N=26**

Gênero	Palavra Evocada Saúde	
	<i>f</i>	%
Masculino	15	57,69
Feminino	11	42,30
Total	26	100,0

Salientamos que das palavras evocadas, **saúde** e **movimento** têm um contingente maior de professores do gênero masculino, enquanto para a palavra **expressão** as evocações estão exatamente iguais para os dois gêneros. O resultado sugere que os gêneros têm avançado na visão de corpo e confirmam a oscilação entre as tendências biológica motora e cultura expressão. Nosso estudo, portanto, confirma o que afirmou Jodelet (1984); segundo ela, as representações sociais de corpo se formam na relação entre biológico e afetivo. Nessa constatação, um objeto que é ao mesmo tempo biológico e humano, individual e social, singular e plural, partilhado nas representações sociais do grupo de professores de esporte torna-se estruturante do seu trabalho, orientando, portanto, suas práticas.

CONSIDERAÇÕES

Nosso estudo procurou compreender as representações de corpo construídas por professores de esporte das Redes Pública e Privada. Antes de iniciar as considerações, salientamos que a produção dos colaboradores da pesquisa é parte da realidade plausível ao pesquisador, o que não significa dizer que o rigor científico dos procedimentos de coleta e análise não tenham sido observados, pois este foi o compromisso teórico metodológico assumido nesta discussão. Elegemos a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici, como ferramenta teórica e como metodologia, com sua abordagem complementar, a Teoria do Núcleo Central, o que foi um desafio, por se tratar de um referencial pouco utilizado na área. Para revisar a literatura sobre o tema elegemos a Revista Brasileira da Ciência do Esporte. Nossa revisão veio confirmar que a dimensão corporal é fundamental para entendermos a formação humana e que as mudanças que ocorreram na área do século XIX para o XX correspondem à transformação do **corpo motor** para o **corpo informação/inteligência**.

No decorrer dos nossos estudos sobre as representações sociais, localizamos o clássico estudo sobre o **corpo** em Jodelet (1984). Conforme nos coloca a autora, todos os lugares em todos os tempos convidam a transformar o corpo através de técnicas e representações. Trata-se de um objeto no centro dos debates por ser simultaneamente público e privado, unidade das áreas biológica e afetiva; destaca ainda a transformação de **corpo biológico** para **corpo como objeto de prazer aberto ao mundo**.

Nosso estudo constatou as transformações dessa representação oscilando de **corpo biológico/motor** para **corpo cultural/expressão**, aponta como provável núcleo central das representações sociais de corpo as palavras **expressão**, **movimento** e **saúde**; esses resultados mostram que o grupo partilha sentidos e expressões. Isso nos leva a depreender que as evocações dos professores de esporte apontam para um processo de transição entre as concepções tradicionais de corpo, focadas na dimensão biológica, e concepções teóricas mais atualizadas que compreendem o corpo como objeto multidisciplinar e polissêmico.

Uma possível explicação para a transição que permeia a saliência dessa representação social de corpo reside no próprio campo epistemológico das ciências naturais que atualiza o discurso da saúde através da qualidade de vida. Essa mudança de enfoque tem sido veiculada em revistas, livros, anais de congressos da área e mídia, reeditando este significado na abordagem da Educação Física fundamentada na promoção da saúde, e saúde renovada. Desde a década de 80, do século passado, tem-se empreendido uma crítica da Educação Física tradicional e defendido uma abordagem que se alinha com a concepção de corpo multidisciplinar. Ressaltamos que, com a abertura política, vai ter início a superação da visão puramente biológica gerando outra compreensão de ser humano. Na reconstrução desse campo, o corpo passa a ser discutido numa perspectiva interdisciplinar em que a dimensão humana passa a ser valorizada.

Nesse contexto de modificação, a antropologia como ciência vai empreender uma crítica à oposição entre o natural e o social, valorizando a interferência do cultural no biológico. A produção científica no campo das ciências sociais vai sendo incorporada para entendimento e fundamentação da abordagem crítica da educação física e esporte, o que justifica essa representação social oscilando entre o tradicional e o biológico.

Esse movimento vai sendo incorporado pelos participantes desta pesquisa, e está no conteúdo geral de sua representação de corpo. Um Núcleo Central composto pelas palavras **expressão, movimento e saúde** é um indício dessa incorporação. O referido núcleo constitui a base comum, consensual, coletivamente partilhada das representações, definindo a homogeneidade do grupo social e revelando a transição vivenciada pelos professores de esporte entre a visão tradicional de corpo, com base nas ciências naturais, e outra associada a uma perspectiva crítica que se fundamenta nas ciências sociais.

Os elementos periféricos evidenciam relação próxima entre as palavras que se localizam no Núcleo Central e as palavras que estão na periferia dessa representação. Identificamos que sintetizam, assim, dois grupos: um tradicional constituído pelas palavras **força, atividade física, equilíbrio, coordenação, cuidado, esporte, flexibilidade e performance**, e outro com a visão mais atualizada constituído pelas palavras **cultura, estética, liberdade, beleza, comunicação e vida**.

No cruzamento das palavras evocadas do núcleo central com a variável faixa etária, percebemos que o grupo dos professores de esporte com mais idade tem uma representação social de corpo mais próxima da abordagem tradicional biológico-funcional. O grupo mais jovem se aproxima da abordagem mais atual do objeto. No entanto, a transformação mais substancial se processa na palavra expressão, pois ela se alinha com teorias críticas da educação física com base nas ciências sociais, articulando diferentes áreas de conhecimento.

Ao cruzarmos as palavras presentes no provável **núcleo central da representação de corpo de professores** por rede de ensino, percebemos que não há diferenças significativas entre os dois grupos, porém no cruzamento das palavras evocadas no núcleo central quando cruzado com a variável formação continuada, observamos que aquele professor com pós-graduação *lato sensu* realizada em treinamento e áreas afins evocou palavras mais afinadas com a abordagem tradicional, enquanto que o grupo de professores formado em áreas diferentes do treinamento evocou palavras mais voltadas à totalidade do objeto. Ao cruzarmos as palavras evocadas no núcleo central a partir da variável gênero, vemos que as palavras evocadas **saúde** e **movimento** são mais evocadas por professores do gênero masculino, enquanto que a palavra **expressão** é mais evocada pelo conjunto geral de professores.

O estudo alcança, provisoriamente, seus objetivos ao compreender as representações sociais de corpo, identificando o conteúdo geral das mesmas, compartilhado pelo grupo de professores de esporte, através do levantamento do núcleo central e dos elementos periféricos comparando as evocações presentes no núcleo central a partir das variáveis: faixa etária, rede de ensino, formação continuada e gênero. Porém, aparecem dúvidas que induzem a novos questionamentos, para outros estudos como: de que maneira os professores mais jovens estão tratando o corpo nas aulas de esporte nas escolas? Como suas representações sociais orientam suas práticas?

REFERÊNCIAS

ABREU Jr., Laerthe. **Conhecimento transdisciplinar**: o cenário epistemológico da complexidade. Piracicaba, SP: Unimep 1996, 206 p.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 2000.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Correa da Silva (org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: ED. UCG, 2003.

_____. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: GUIMELLI, C. (Ed.). **Structures et transformations des représentations sociales**. Neuchâtel: Delachaux et Nisestlé, 1994b.

_____. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. Pratiques sociales, représentations sociales. In: ABRIC, J. C. (Ed.). **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994c.

_____. Prefácio. In: SÁ, Celso Pereira de. **O núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ACHOUR JR., A. Flexibilidade: Um Componente Fundamental na Aptidão Atlética. **Sprint Magazine**, Rio de Janeiro: Sprint, ano XIV, n. 76, p. 15-18, 1995.

ALVES, H. Sayone de Moraes. **Concepções Filosóficas de Corpo Implícitas no Projeto Esporte Educacional nas Escolas de Pernambuco**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, UFPE, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ARISTÓTELES. **Política**. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 1987.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, Nov. 2002.

BACELAR, Jéferson. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 19 Nº. 55. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 12.09.08.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e Representação Social**: uma abordagem psico-sociológica. Disponível em: www.sweet.ua.pt/mbaptista. Acesso em: 13.10.08.

BARBANTI, V. J. **Treinamento físico**: bases científicas. 3. ed. São Paulo: CLR Balieiro, 1979. Cap. 14, p. 79-87.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, M. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas. V.16, n.1, p.14-21 1994.

BOMPA, Tudor O. **Treinamento total para jovens campeões**. Barueri, SP: Manole, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Programas para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Livraria Editora Magister Ltda, 1992.

_____. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, Centro De Educação Física e Desportos, 1997.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei n. 5.692** de 11 de Agosto de 1971. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Decreto 69.450 /71** de 1 de Novembro de 1971. Regulamenta o art. 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e a alínea “C” do art.40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível na Internet: <http://www.presidencia.gov.br/>

_____. **Lei n. 5.540** de 28 de Novembro de 1968. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei n. 9.394** de 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei n. 8.672**. Diário Oficial da União. Brasília. 06/07/1993. (Revogada pelo art. 96 da Lei n. 9.615 24/ 03/98, Lei Pelé).

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, 1999.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

BROWN, G. A construção do campo acadêmico “educação física” no período de 1960 até nossos dias: Onde ficou a educação física? **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte, 1996, pp. 140-148.

_____. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

_____. **Sociologia Crítica do Esporte**: Uma Introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, vol. 21, nº 1 set/1999. p. 406 – 409.

CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2005. p. 573-606.

CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: _____ (org.). **Magistério na formação cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CARBINATO, M.; MOREIRA, W. W. Corpo e Saúde: A Religação dos Saberes. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v.27 n.3 p.185-200 Maio, 2006.

CARREIRO FILHO, Daniel; MARTINS FILHO, José. Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27 n.1 p.93-111 Set. 2005.

CARVALHO, Yara M. de. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

CASTELLANI FILHO, L. O esporte na Nova República. **Corpo e Movimento**, São Paulo, n. 4, p. 7-10, abril,1985.

_____. Pelos meandros da Educação Física. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v.14, n.3 p. 119-125, jan. 1993.

CAVALCANTE, K. B. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Alan Queiroz da; BETTI, Mauro. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n.2 p. 165-178, jan. 2006.

DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Esterman. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio 2006.

DAÓLIO, Jocimar. Cultura. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. (org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

_____. Fenômeno esportivo na formação profissional em Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, vol. 9, nº1, p. 111-115, 1998.

_____. **Da Cultura do Corpo**. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. Os Conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói v.2, n.1 (suplemento) 2001.

_____. **Educação Física na Escola Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2003.

DIECKERT, J. A Educação Física no Brasil. Educação Física Brasileira. In: ESCOBAR, M.; TAFFAREL, C. N. Z. **Metodologia Esportiva e Psicomotricidade**. PE: Gráfica, 1987.

EPPESTEINER, F. El Origen Del Deportes, In: _____. **Citius, Altius, Fortius**. Madrid: Instituto Nacional de Educacion Física y Deportes, 1973.

FARIA FILHO, L. M. Os desafios da pesquisa em história: reflexões a partir de uma trajetória pessoal. In: RODRIGUES, M. A. (Org.). **Coletânea IV encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; CASTRO, Antônio Paulo André de; GOMES, Gisele. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 87-99, jan. 2005.

FLAMENT, Claude. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.173-186.

_____. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In: ABRIC, Jean Claude (Direction). **Pratiques Sociales et Représentations**. Paris: PUF, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

FRANKL, D. **Flexibility for Movement and Soccer**. 2003. Disponível em: <http://www.calstatela.edu/faculty/dfrankl/flexfit.htm>. Acesso em: 21 de Nov. 2010.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Fabiana Fernandes de; BRASIL, Fernanda Kundrát; SILVA, Cinthia Lopes da. Práticas Corporais e Saúde Novos Olhares. **Revista Brasileira da Ciências Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, maio 2006.

GARCIA, R. P.; LEMOS, K. M. A estética como um valor na Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.17, n.1, p.32-40, jan./jun., 2003.

GEINER, Christine. **O Corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física Progressista**: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988. 63 p

_____. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **O Corpo**: Filosofia e Educação. São Paulo: Ática, 2007.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930). **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 39-56, jan. 2009.

GRANADO, B. S. O Jogo da Identidade Boe a Educação do Corpo em Relações de Fronteiras Étnicas e Culturais. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 27-43, jan. 2006.

GRECO, J. PABLO; BENDA, N. Rodolfo. Iniciação esportiva universal: 1. **Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GUARECHI, Pedrinho. "Sem dinheiro não há salvação": ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARECHI, Pedrinho; JOVCHELOVITH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUEDES, D. P.; GUEDES J. R. P. Associação entre variáveis do aspecto morfológico e desempenho motor em crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 2 n.10 p. 99 -112. 1996.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 107-122, jan. 2009.

HOLT, Richard; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**: 2. Da Revolução à grande Guerra. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____ (org.). **As Representações Sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. The representation of the body and its transformations. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Eds.). **Social representations**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984. (p. 211-238).

KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da educação física**. 3. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

LADEIRA, Maria Fernanda Telo; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física e Linguagem: Algumas Considerações Iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.1, p. 31 - 39, jan./abr. 2003.

LE BOULCH, J. **Psicocinética**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LE BOUEDEC, G. "Contribution a la methodologie d'etude des representations sociales". **Cahiers de Psychologie Cognitive**, França, n. 4, pp.245-247.1984.

LIMA, Andreza M. de. **O "Bom Aluno" nas Representações Sociais de Professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, UFPE, Recife, 2009.

LIMA, S. R.; ALMEIDA, M. A. Iniciação à Aprendizagem da Natação e a Coordenação Corporal de uma Criança Deficiente Visual: Algumas Contribuições. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 57-78, jan. 2008.

LINDOSO, R. C. B. **Considerações sobre o homem e a perspectiva do novo**. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997, Goiânia-GO. v. 2. p. 1305-1307.

LINHARES, M. L. Políticas públicas para o esporte no Brasil: interesses e necessidades. In: SOUZA, E. S.; VAGO, T. M. (Org.). **Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997. p. 219-229.

LINHARES, Maely. A produção de uma forma escolar para o esporte. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LOVISOLO, Hugo. **Educação Física: arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Laêda B.; ANICETO, Rosemere de A. Ciclos de aprendizagem: a saliência das representações sociais dos professores. **Ariúss**, Campina Grande, v.15, n.1 p.47-56, Jan. 2009.

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a Educação Física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 8, v. 1, p. 82-97, 1994.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha: Práticas corporais num ambiente rural amazônico. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 71-88, maio 2007.

MATTA, D. F. da. A Educação Física no Brasil: Uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais. **Lato & Sensu**, Belém, v-2, n.3,p. 30 - 33, Jul. 2001.

MATTOS, M.; NEIRA, M. **Educação Física na adolescência**. Rio de Janeiro: Phorte, 2001.

MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo – e “mente”**: bases para a renovação da educação física. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990. Coleção Krisis.

MENDES, Maria Isabel de Souza. **Mens Sana in Corpore Sano**: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESQUITA, R. M. Comunicação não verbal: relevância na atuação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.155-163, jul./dez. 1997.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOLINER, P. **La representacion Sociale comme grille de lecture**. Aix-em-Provence: Presses de L´ Université de Provence, 1992.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

NAHAS, M. V. Educação Física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. In: Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte, IV. **Anais...** p. 17-20, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; COSTA, Thompson Pereira da; JUNIOR, Moaldecir Freire Domingos. Percepção das Práticas Corporais na Cidade de Natal. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 143-156, maio, 2009.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

NÓVOA, António. Concepções e Práticas da formação continuada de professores. In: _____ (org.). **A Formação de Professores**: Realidades e Perspectivas. Portugal: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, C. de; MARQUES, S. C.; TOSOLI, A. M. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. P.; VERGÈS, P. **Esemble de programmes permettant l'analyse des evocations**: Manuel version 2. Aix-em-Provence: LAMES, 1999.

OLIVEIRA, Denise Cristina de *et al.* Análise das evocações livres: Uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes (Org). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005. p. 573-603.

OLIVEIRA, D. C. A educação nos municípios. In: MARTINS, I. S.; OLIVEIRA, D. C.; FISCHER, F. M.; ZIONI, F. **Saúde, educação e trabalho nos municípios de Santo Antônio Pinhal e Monteiro Lobato - São Paulo**: relatório final de pesquisa FAPESP. São Paulo: FAPESP, 2000.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o Esporte**: Possibilidades da Prática Pedagógica. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

PALMER, Mervyn L. **A ciência do ensino da natação**. Tradução Flávia Bastos/Simone Aguiar. São Paulo: Ed. Manole, 1990.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. Diretoria de Educação Escolar. **Subsídios para organização prática pedagógica nas escolas**: Educação Física. Recife: DECE, 1992.

PINTO, J. F.; VAGO, T. M.; FARIA FILHO, L. M. de. **Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar**: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969-1974). 1999. Dissertação (Mestrado em Conhecimento e Inclusão Social em Educação) - Faculdade de Educação, UFMG, Minas Gerais, 1999.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 79-93, Maio 2005.

RODRIGUES, Rogério. O desempenho do homem-massa nas práticas corporais esportivas: uma relação de amor e de ódio. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 153-165, Set. 2005.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

_____. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001 (p. 7-10).

_____. Representações sociais: O conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **O Conhecimento no Cotidiano**. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTIN, S. **Educação Física, outros caminhos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1985.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Tradução Marcos Aurélio Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, Ciência e Mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001 (Coleção Educação Física e Esportes).

SIMÕES, R.; PORTO, E.; MOREIRA, W. W. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (Des) encontros. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 101-116, Maio 2004.

SIMÕES, J. L. Esporte e Educação no Brasil: a Paidéia dilacerada no século XX. In: PIRES, A. G. M. G.; CALCIOLARI JUNIOR, Honorato T. (Orgs.). **Representações Sociais e Imaginário no Mundo Esportivo**. Londrina, PR: Lazer & Sport, 2008.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole Ltda, 1988.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

_____. **Educação Física: Raízes Europeias**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007 (Coleção educação contemporânea).

_____. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 2, supl., p. 6-12, 1996.

SOUZA, M. da S. **Conhecimento teórico-metodológico em esporte escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal**. 2004, 151f. Tese (doutorado em Educação Física) Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2004.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da Educação**: O processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no Curso de Educação Física. 1993. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1993.

TANI, G. Educação Física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do ensino de 1º grau: uma abordagem de desenvolvimento. **Kinesis**, Santa Maria, RS, v. 3, n. 1, p. 19-41, 1987.

TAVARES, M. O Currículo do Curso de Formação Inicial em Educação Física: Revelando inovações pedagógicas na prática. In: TERRA, D. V.; SOUZA JÚNIOR, M. (Orgs). **Formação em Educação Física & Ciências do Esporte**: Políticas e cotidiano. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Goiana: CBCE, 2010.

TREBELS, A. H. **Spilen und bewegen an geräten**. Reinbeck bei Hamburg Rororo, 1983.

TUBINO, Manoel J. Gomes. **O Esporte no Brasil, do Período Colonial aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1996.

_____. **Teoria Geral do Esporte**. São Paulo: IBRASA, 1987.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cad. CEDES**, Campinas, vol.19 n.48 Aug. 1999.

VERGUÈS, P. **Ensemble de programmes de permettant l'analyse des evocations**: Manuel version 2. Aix-em-Provence: LAMES, 1999.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**: 2. Da Revolução à Grande Guerra. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 59-78, maio 2005.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TÍTULO DA PESQUISA:

Responsável: ROSÂNGELA CELY BRANCO LINDOSO.

**O CORPO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS DOS
PROFESSORES DE ESPORTE**

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Laêda Bezerra Machado

CARACTERIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

- 1- Sexo: Feminino () Masculino ()
- 2-Idade: _____
- 3-Tempo de Serviço como professor de esporte: _____
- 4- Nome da escola em que trabalha: _____
- 5- Faixa etária dos atletas: _____
- 6- Participa de cursos de formação continuada? _____
- 7- Formação acadêmica: _____
- 7.1. Curso de graduação _____ Ano: _____
- 7.2. Curso de Pós-graduação: Especialização () Mestrado ()
- Doutorado () Ano: _____
- Instituição: _____
- Mestrado: _____ Ano: _____
- Instituição: _____
- Doutorado: _____ Ano: _____
- Instituição: _____

TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

1. Escreva, rapidamente, cinco palavras (somente palavras) que vêm imediatamente a sua mente quando você pensa em **CORPO**:

2. Marque com um (X) dentre as palavras que você pensou e escreveu a palavra que considera mais importante. Justifique a sua escolha.